

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Educação e Inclusão Social
Faculdade de Educação

Conceição Aparecida Luciano

**ENTRE O “CÁ E O LÁ”:
Educação e trabalho na vida dos jovens
migrantes do Alto Jequitinhonha, MG**

Belo Horizonte
2013

Conceição Aparecida Luciano

ENTRE O “CÁ E O LÁ”:
Educação e trabalho na vida dos jovens
migrantes do Alto Jequitinhonha, MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Maria de Fátima Almeida Martins

Belo Horizonte
2013

Conceição Aparecida Luciano

**ENTRE O “CÁ E O LÁ”:
Educação e trabalho na vida dos jovens
migrantes do Alto Jequitinhonha, MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA:

Maria de Fátima Almeida Martins (Orientadora)
Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais

João Valdir Alves de Souza
Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais

Maria das Graças Paula
Instituição: Universidade Federal de Lavras

Belo Horizonte, 30 de Agosto de 2013.

À minha mãe, Mercês, que me legou raízes no sertão,
pela grande parceria nessa trajetória.

AGRADECIMENTOS

À Fátima por ter me possibilitado trilhar o caminho.

Aos jovens da pesquisa minha sincera gratidão pela generosidade em compartilhar parte dos projetos e dos sonhos, sem os quais a pesquisa seria inviável.

Às amigas Tatiana e Rosângela, amizades conquistadas, garimpadas na FAE, pelos melhores momentos.

À Viviane, amiga de todas as horas, pela ajuda no levantamento bibliográfico e por dispor parte considerável da bibliografia.

À Symaira e a Cida, por me revelarem o universo juvenil, através de artigos, livros e boas conversas. Sirley, Herbert, Laís e Mirian pelas risadas, desabafos.

À Lia e André de Chapada do Norte, pelo apoio, pela acolhida, pela doação durante as entrevistas de campo e por ter me apresentado os jovens da pesquisa.

Aos funcionários da Secretaria de Cultura e Educação de Chapada do Norte, pelo fornecimento de documentos sobre a história do município e pelo pronto atendimento quando lá cheguei.

À eficiência dos funcionários da secretaria da pós-graduação: Rose, Dani, Ernani e Gilson.

Ao seu Valdir pelo cafezinho das 14h00min e o sorriso sempre estampado.

As muitas pessoas que cruzei nos corredores e salas de aula e que fizeram a estada na FAE ser mais agradável. Serão ótimas lembranças.

À Conceição, pela amizade e carinho. Maria Luiza que fez as primeiras correções. A minha sobrinha, Thayná, com todo afeto, que mesmo longe fez a tradução para o Inglês.

Ao CNPQ (conselho nacional de desenvolvimento científico e tecnológico) pela bolsa concedida.

*A vida da gente é mutirão de
Todos, por todos remexida e
Temperada.*

Guimarães Rosa, Grande
sertão: veredas.

*Em muito lugar do mundo
Já enchi de ar o pulmão
Mas nenhum tem ar tão bom
Como esse aqui do meu chão*

(Benjamim Rocha, 1996,
morador da beira do Jequitinhonha

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a relação entre trabalho e educação na vida dos jovens rurais, migrantes sazonais do Alto Jequitinhonha, que vão se empregar no corte de cana em São Paulo e outras regiões do Brasil, nas grandes usinas produtoras de álcool e açúcar. Migrantes, permanentemente temporários, passam de 8 a 9 meses nas usinas cortando cana, repetindo a mesma trajetória dos pais, em relações de trabalho cada vez mais precárias e subumanas. Estes fazem parte do grande contingente de reserva de mão de obra, fragilizados política e socialmente, disputando sempre os postos de trabalho mais precários do setor de serviços com migrantes de outras regiões. Sendo assim, a pergunta que o presente trabalho se propôs a responder é como esses jovens do Jequitinhonha percebem-se em suas trajetórias. Como esses jovens compreendem a educação formal (escola) e informal (família) que receberam e o impacto destas na vida profissional. O saber recebido dos pais para a lida na terra potencializa-os em outras profissões ou é um saber que só poderá ser utilizado na região de origem? Quais as aspirações desses jovens no que tange ao futuro profissional? Em seus projetos de futuro está incluída uma nova capacitação profissional? Para responder a estas perguntas a pesquisa baseou-se em observação com predominância de dados qualitativos. A entrevista semiestruturada foi a principal técnica de coleta de dados por ser um espaço legítimo na produção do conhecimento, permitindo uma relação dialógica entre entrevistado e pesquisador. A análise de conteúdo foi usada para interpretação das entrevistas. Através da pesquisa de campo e da coleta de dados podemos compreender que os jovens rurais migrantes não incluem a escola em seus projetos profissionais de futuro, o trabalho é a única possibilidade de ascensão social e não a escola. Esses jovens têm como maior sonho morar no Jequitinhonha e conseguir um trabalho nos arredores da região, perto da roça, já que a atividade rural não é tida como possibilidade de sobrevivência. O referencial teórico teve a obra de Candido (1975); Durhan (1978); Martins (1975, 1986, 1991, 2002, 2012) Woortmann (1984, 1990) Carneiro (1998, 2007, 2009) dentre outros, como os principais interlocutores, por serem os grandes pensadores da questão rural no Brasil.

PALAVRAS CHAVE: Juventude; migração; escola; agricultura familiar

ABSTRACT

The following research has as an objective to analyse the relationship between work and training in the lives of rural youth, seasonal migrants Alto Jequitinhonha that will employ cutting sugar cane in São Paulo and other regions of Brazil, in large mills producing sugar and alcohol. Migrants permanently temporary pass 8-9 months in a cut cane plants, repeating the same trajectory of parents, labor relations increasingly precarious and inhuman. These are part of the large contingent of reserve labor workforce, weakened politically and socially, always vying for jobs more precarious service sector with migrants from other regions. Thus, the question that this paper set out to answer is how these young Jequitinhonha perceive themselves in their careers. As these young people understand the formal (school) and informal (family) who received and their impact on life. The knowledge received from parent to read in the earth expands in other professions or is a knowledge that can only be used in the region of origin? What are the aspirations of young people regarding the professional future? In their future projects included is a new professional qualification? To answer these questions the research was based on observation predominantly qualitative data. A semi-structured interview was the primary data collection technique to be a legitimate space in the production of knowledge, allowing a dialogical relationship between respondent and researcher. Content analysis was used for the interviews. Through field research and data collection can understand that young rural migrants do not include the school in their professional projects for future work is the only possibility of social mobility and not the school, these young people have to live in the greatest dream Jequitinhonha and get a job outside the area, near the plantation, since rural activity is not seen as chance of survival. The theoretical framework was the work of Candido (1975); Durhan (1978), Martins (1975, 1986, 1991, 2002, 2012) Woortmann (1984, 1990) Carneiro (1998, 2007, 2009) among others, as key interlocutors because they are the great thinkers of rural issues in Brazil.

KEYWORDS: Youth; migration; school; family agriculture

LISTA DE FIGURA

FIGURA 1 - Mesorregião do Jequitinhonha.....

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

ASA: Articulação do Semi-Árido

CAMPO VALE: Centro de Assessoria aos Movimentos Sociais do Vale do Jequitinhonha

CEM: Centro de Estudos Migratórios

CLT: Consolidação das leis do Trabalho

CODEVALE: Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha

CNPQ: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CPT: Comissão Pastoral da terra

DAP: Declaração de Aptidão ao PRONAF

E: Entrevistado

HIV: Vírus da Imunodeficiência Humana

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFET: Instituto Técnico Federal

MDA: Ministério do Desenvolvimento Agrário

MST: Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

ONG: Organização Não Governamental

P: Pergunta

PEA: População Economicamente Ativa

P1MC: Programa Um Milhão de Cisternas

PNAD: Pesquisa Nacional por amostra de domicílio

PND: Plano Nacional de Desenvolvimento

PRONAF: Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

SPM: Serviço Pastoral do Migrante

STR: Sindicato dos Trabalhadores Rurais

UFVJM: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
 CAPÍTULO 1: MÉTODO	
1.1 - A DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA.....	19
1.2 - OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	24
1.3 - O LOCAL DA PESQUISA.....	26
1.4 - O ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	29
1.5 - A ANÁLISE DOS DADOS.....	31
 CAPÍTULO 2- O VALE DO JEQUITINHONHA	
2.1 - UM POUCO DA HISTÓRIA.....	33
2.2 - O ALTO JEQUITINHONHA.....	38
2.3 - O PROGRESSO CHEGA AO VALE.....	42
2.4 – DO OURO AO DISTRITO FLORESTAL.....	46
 CAPÍTULO 3 - A MIGRAÇÃO NO MUNDO CAMPONÊS	
3.1 - A MIGRAÇÃO RURAL URBANA NA HISTÓRIA BRASILEIRA.....	50
3.2 - DEFININDO JUVENTUDE RURAL.....	62
3.3 - JUVENTUDE RURAL E MIGRAÇÃO.....	71
 CAPÍTULO 4 – AS TRAJETÓRIAS DOS JOVENS DA PESQUISA	
4.1 - JOSÉ SILVA.....	79
4.2 – HAMILTON.....	86
4.3 – JAIME.....	90

4.4 - CELSO.....	92
4.5 – ADÃO.....	96
4.6 – REGINALDO.....	100
4.7 – SÍLVIO.....	105
CAPÍTULO 5 – ANÁLISES DOS DADOS	
5. 1- A DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ORIGEM.....	112
5.2 - A FAMÍLIA EO SABER.....	116
5.3 - A ESCOLA NA TRAJETÓRIA DOS JOVENS.....	119
5.4 - OS JOVENS MIGRANTES QUE VÃO PARA O CORTE DE CANA.....	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	143
APÊNDICE.....	150

1. INTRODUÇÃO

Não tenho como falar da escolha pelo tema da migração no Jequitinhonha sem colocar-me nesse processo. É meio lugar comum o pesquisador tentar criar um vínculo com o tema para justificar sua escolha e para demonstrar um conhecimento prévio da realidade a ser pesquisada. Comigo não será diferente

A minha trajetória como migrante deu-se em 1991, quando saí de Contagem, recém-formada, para trabalhar com camponeses no Vale do Jequitinhonha, em uma organização não governamental chamada, CAMPO-VALE (Centro de Assessoria aos Movimentos Populares do Vale do Jequitinhonha), na cidade de Minas Novas.

Cheguei à região em um universo bem diverso do meu. Mesmo trazendo na bagagem um cheiro forte de terra, cresci numa cidade industrial. Quando por lá cheguei, meu primeiro contato foi com famílias de agricultores que estavam negociando os bens os quais seriam inundados com a construção da barragem de Setúbal, no município de Genipapo. Inicialmente foi um momento de grande receio por não compreender o universo cultural desses agricultores. Eles usavam denominações de ambientes totalmente estranhos para mim: como ficariam as mangas, perguntavam uns, e as terras da grotá? E os carrascos? E as benfeitorias? E os recursos da natureza? A empresa construtora da barragem pagaria todos os bens perdidos? Eram saberes não dominados por mim.

Então, com o passar dos anos e muita paciência dos agricultores, fui compreendendo melhor esse universo e, dessa forma, enveredando para outros espaços de atuação do CAMPO VALE que eram bastante amplos. Incluía tanto os direitos coletivos como os individuais, desde a perda da terra por grilagem ou por projetos de “desenvolvimento governamentais” até agressões que colocavam em xeque a vida e os direitos individuais.

Assim, o CAMPO foi sendo conhecido na região como uma entidade que lutava por direitos que estavam sendo ameaçados. Éramos procuradas por mulheres vítimas de violência, agricultores que estavam perdendo a terra e, até, por denúncias de patrimônios históricos que estavam sendo demolidos. Nessa trajetória, fomos nos moldando às necessidades criadas pelas demandas da região. Porém o trabalho

referência do CAMPO era a assessoria aos atingidos por barragens, sendo a usina de Irapé, o foco principal. Esta barragem atingira quase 1600 famílias de agricultores familiares que viviam na beira do Jequitinhonha em 7(sete) municípios e demandava parte considerável de nosso tempo de trabalho. Outra frente do CAMPO era a migração, cujo objetivo era acompanhar na origem as famílias e no destino os migrantes nas relações de trabalho nas usinas. Se na origem conseguimos algum sucesso com os grupos de mulheres, assessoria aos sindicatos e aos membros das famílias que ficavam, o mesmo não podíamos dizer do trabalho realizado com a população migrante no destino.

Além da distância que nos separava das usinas, outro complicador era que parte considerável dos sindicatos nas regiões de destino dos migrantes era, em sua grande maioria, pouco comprometida com os trabalhadores e sem a menor representatividade junto aos migrantes. A única entidade com que tínhamos uma proximidade de princípios em São Paulo era o SPM (Serviço Pastoral do Migrante), mas, mesmo assim, em função da distância era difícil estabelecer uma parceria de fato, a não ser em visitas esporádicas a São Paulo e no Jequitinhonha, quando da romaria dos migrantes e na divulgação do Cá e Lá (jornal do migrante). Somando-se a isso, oficialmente, o SPM não tinha representatividade, como os sindicatos, para entrar nas usinas, acompanhar processos de negociação e mobilizar os trabalhadores. As denúncias de abusos nas relações de trabalho nas empresas sempre chegavam através de contatos do SPM com os trabalhadores conhecidos, o que dificultava muito o processo de mobilização.

De todas as frentes de trabalho do CAMPO, esta era a mais difícil de acompanhamento. Foram anos na região observando anualmente a saída de migrantes para o corte de cana nas usinas. Saíam em março, abril e voltavam em outubro, novembro. A cidade de Minas Novas era o local onde se concentravam os ônibus da região com destino às usinas. Eram milhares de trabalhadores, em sua grande maioria, jovens e pais de famílias que iam para São Paulo na intenção de completar a renda que não conseguiam extrair da lida na terra. A saída era sempre muito triste, pois deixava um vazio na região, observado em todos os lugares como nas casas, nas comunidades, no comércio, nos bailes e em festas da cidade nos

finais de semana. Nas comunidades, ficavam basicamente mulheres, crianças e os mais velhos, que já não tinham força suficiente para segurar um podão e cortar de 12 a 18 toneladas de cana por dia.

Nesse “Ir e Vir” o qual acompanhei durante longos anos em que morei na região ficava a pergunta: por que esses agricultores, de geração em geração, ocupam sempre os lugares mais precários do mercado de trabalho no Brasil? Por que não existe ascensão ocupacional de uma geração para outra? Com a mecanização das usinas, previstas para 2014, em acordo firmado entre usineiros e governo, para onde irão esses trabalhadores? Por que continuam fazendo o mesmo serviço feito pelos avôs e pelos pais, numa condição de trabalho extremamente desumana e precária, com salários cada vez menores, com a necessidade de produzir cada dia mais? Depois de muitos anos morando na região retornei para Contagem, decidi fazer o concurso para o mestrado, pois precisava de distanciamento e achava que meu aprendizado na região não podia ser em vão. Tendo acesso a uma bibliografia referente à juventude rural no Brasil, ficaram outras perguntas: esses jovens são os mesmos retratados nessa literatura? O jovem do Jequitinhonha é o mesmo retratado por pesquisadores como Carneiro, Abramovay, dentre outros, no Rio e no Sul do país, respectivamente? Quais são as redes sociais construídas nesses dois universos? Qual a singularidade do jovem, filho da agricultura familiar, que extrai renda numa migração permanentemente temporária? Qual a diferença do trabalho na terra da família e do trabalho nas usinas? Esse jovem tem o sonho de continuar na lida da terra? Se não, qual sua expectativa? Essas e outras perguntas foram sendo feitas na tentativa de desvendar a vida desses jovens que têm uma invisibilidade grande na literatura acadêmica e que muitas vezes são retratados como simples apêndices da juventude urbana.

Depois de muita indagação, resolvi ir a campo no mês de janeiro de 2012, para fazer contato e conhecer melhor esses jovens. Era uma necessidade e uma certeza de que, para uma maior compreensão da vida desses sujeitos, seria preciso ouvi-los, dar voz a esses moços, pois era a partir de suas leituras da vida que eu queria partir e chegar. Então, fui para Chapada do Norte, distante 550 km de Belo Horizonte, ainda sem certeza do objetivo da pesquisa, da pergunta primordial que

me levaria a abrir uma fresta entre tantas outras nesse árduo caminho do conhecimento de desvelar uma realidade pouco conhecida.

Chegando à Chapada do Norte, fiz contato com Lia e André do STR, companheiros de longa data. Foi então que Lia me disse que já tinha feito contato com as comunidades de Cajamunum e Água Suja e que a reunião já estava marcada, pois eu havia feito um contato prévio com ela falando da minha pesquisa. Essas comunidades foram escolhidas por terem grande número de migrantes, o maior da região, segundo Anísio do cartório. Tinha me preparado com um roteiro inicial de perguntas. O objetivo era ir de casa em casa e estabelecer uma conversa individual e informal com esses jovens, com o intuito de enriquecer o meu roteiro. Chegando a Cajamunum, para minha surpresa, Lia me disse que a reunião seria coletiva e estariam presentes os jovens das duas comunidades em questão. Depois de uns 30 minutos os convidados foram chegando e sentando nas cadeiras da escola municipal da comunidade, esperando o assunto do dia. Depois da sala cheia, pois havia 45 (quarenta e cinco) jovens, Lia abriu a reunião e, em seguida, passou-me a palavra. Falei muito constrangida, por saber estar tomando um tempo precioso deles, da razão da minha visita e do objetivo da reunião. Falaram-me, então, que estavam trabalhando na roça, mas que a reunião tinha sido marcada em um horário que eles já tinham largado o trabalho, contrariando ao que algumas pessoas disseram-me, que nos momentos em que estavam na região, de novembro a março, os jovens não trabalhavam na lavoura. Continuamos a conversa por um bom tempo, pois o objetivo desta ida era mais para reconhecer o terreno onde eu estava pisando, ir com um pouco mais de segurança nas outras visitas que faria à região. Conversamos assuntos os mais variados, inclusive sobre a condição de serem “jovens”, migrantes e agricultores ao mesmo tempo.

Iniciei a conversa perguntando o que, para eles, era ser jovem e se eles se consideravam jovens. A resposta do José Silva foi contundente: “passou da porta pra fora com a mala nas costas, pode pular, já é adulto”! Ser jovem, segundo a fala de outro, é quando está estudando e não tem idade para trabalhar. Ou seja, com 18 anos, idade que vão trabalhar na cana, estes já são considerados adultos, pois o que confere esse status é o trabalho fornecer condições de manter-se por conta

própria e sair da barra dos pais, como disseram outros. É importante constatar que a noção de juventude aqui é vista somente pelo viés do trabalho e que outros signos, também, são reveladores da condição juvenil, o que tentei aprofundar na visita seguinte.

Outra questão levantada foi a relação com a terra, esse foi o ponto mais discutido e nebuloso. Eles foram unânimes em dizer que é impossível tirar renda da terra e que esta não dá garantia, opinião já expressa e constatada em vários trabalhos acadêmicos sobre a agricultura familiar. “A roça não dá futuro, tem muito tempo que as pessoas tão trabalhando e a condição tá a mesma. Aqui não dá renda!” (José, ex-migrante da cana e hoje apanhador de café). Apesar da grande lucidez da impossibilidade de sobrevivência apenas na lida da terra é grande o número de jovens que disseram ter um “pedacinho de terra”, comprada ou por herança. Na impossibilidade real de outros sonhos, melhor garantir um investimento por aqui mesmo! Outra observação foi constatar como o discurso técnico permeia a fala desses jovens: “não vê futuro na terra, pois só se tiver investimento”. Já o trabalho na cana é expresso por todos como um trabalho muito sofrido: “acabou com o gato agora quem rouba é só as usinas”, (João) “a usina não dá valor e trata o povo mal”, (Pedro) muita gente chora quando tá aprendendo a cortar cana com os mais velhos”, (Silvio) “não tem vida mais sofrida como a do corte de cana, corta porque não tem jeito”, (Henrique) “o trabalho na cana é muito doido, não é pra qualquer um, não” (José silva). Foram vários depoimentos da relação de trabalho desumano nas usinas. Quando perguntei sobre a profissão do desejo, nenhuma referia-se à permanência na terra ou à continuidade no corte de cana, por motivos já citados. Outra questão que me chamou atenção é que as profissões sonhadas por esses jovens não passam pela escola. As profissões levantadas foram todas exigentes de baixa escolaridade, tais como: pedreiro, motorista de ônibus e de caminhão (o sonho maior), soldador, mecânico etc. As possibilidades de mudança de profissão dão-se por empenhos individuais e não passam pela escola formal ou por um centro de profissionalização que tenha o poder público como o principal gestor. Há menos de 100 km do local de onde estávamos reunidos, Araçuaí, foi construído um IFET (Instituto Técnico Federal), e nenhum deles conhecia ou já tinha ouvido falar, eles disseram que “não eram informados das coisas que aconteciam”. Mesmo assim,

existe um reconhecimento da importância da escola em suas vidas, pois foi através dela que aprenderam a leitura e, através dela, podiam ter oportunidades como tirar carteira de motorista. Outra fala é que “a escola por si só não resolve se você não se profissionalizar”.

Nesse sentido, a escola é percebida somente como a possibilidade de alfabetização, não vislumbram nela qualquer possibilidade de outra formação. O desejo expresso por muitos de continuar a estudar, se tivessem força e tempo, como dizem os jovens cortadores de cana, passa por um curso profissionalizante, pois sem a possibilidade de mudarem de profissão, o único destino é continuar nas usinas, até a mecanização total, ou em outros trabalhos precários que levam jovens e mais jovens do Jequitinhonha a lugares distantes, em migrações sazonais e trabalhos precários e desqualificados.

Tentar compreender um pouco esse universo é o desejo da presente pesquisa, pois durante os anos em que morei na região, a migração só era colocada em pauta quando da denúncia de trabalho escravo em alguma usina pelo Brasil afora, soma-se a isso a forma preconceituosa que eram e são vistos pelos moradores da cidade. São invisíveis não somente na literatura, mas também nos seus locais de origem. Somente passam a ser visibilizados pelo poder público quando servem de isca para atrair recursos para a região ou quando demandam serviços públicos, como o caso de jovens que retornam do corte da cana viciados em droga. Nesse contexto de muitas dúvidas, que meu projeto foi sendo formulado.

CAPÍTULO 1. MÉTODO

1.1 A delimitação do problema

A migração, como demonstraremos adiante, sempre foi marcante no Jequitinhonha, a região tanto absorveu mão de obra no período áureo da mineração e da expansão das fronteiras agrícolas, como enviou trabalhadores para várias regiões do Brasil. A migração, objeto da presente pesquisa, fez parte de um dos ajustes feitos pela população rural ao longo dos anos para continuarem se reproduzindo como camponeses. Uns saem definitivo, outros continuam entre o *cá* e o *lá* em migrações sazonais em várias frentes de trabalho no Brasil afora. Esses trabalhadores empregam-se na cana, no café, na laranja, na construção civil, nas praias e foram pioneiros em várias frentes de abertura de fronteiras agrícolas pelo país. De todos os percursos migratórios, o mais impactante atualmente é a migração para o corte de cana, primeiro por demandar um contingente significativo de trabalhadores da região e, depois, porque permanecem por um período mais longo, chegando a permanecer até 9 (nove) meses nas usinas.

Segundo dados do SPM¹ de 2008, colhidos em 17 (dezessete) municípios, 100 (cem) mil trabalhadores do Jequitinhonha realizaram a migração sazonal, sendo que destes, 30 mil vão para o corte de cana e parte considerável destes migrantes são jovens em plena força física. As condições em que se processa essa migração sempre foi pauta para as entidades da região. Várias tentativas de organização desses trabalhadores migrantes, na origem, foram feitas ao longo dos anos pelos STRs (Sindicato dos trabalhadores Rurais), CPT (Comissão Pastoral da Terra) e outras entidades de apoio, sendo que no destino tinha uma forte presença do SPM, que fazia a ponte entre o *Cá* e o *Lá*², os trabalhadores nas usinas, as comunidades no Jequitinhonha, as entidades parceiras e os sindicatos. As reivindicações

¹ O SPM (Serviço pastoral do Migrante) surge do trabalho de ex-seminaristas, religiosos, estudantes, pesquisadores que se reuniam no âmbito do centro de Estudos Migratórios - CEM com o objetivo de acompanhar as migrações, suas causas e implicações. Foi fundado em dezembro de 1984 com a missão de evangelizar e acolher, na perspectiva intercultural, os migrantes e imigrantes, incentivando-os a exercer seu protagonismo social. (Cartilha da pastoral do migrante, 2013)

² Nome dado ao jornal produzido pelo SPM que fazia a ponte de notícias entre os trabalhadores nas usinas e os seus familiares nas comunidades de origem do Jequitinhonha.

pautavam-se por melhores condições de trabalho, salários, alimentação, alojamentos mais dignos, direitos trabalhistas, etc. Porém, pela dispersão dessa mão de obra era difícil uma organização na origem, até porque os patrões estavam nas usinas e lá se dava o processo produtivo. Sendo assim, em 1984 estourou a greve de Guariba, liderada por um cortador de cana de Chapada do Norte. Essa greve teve repercussão nacional e as reivindicações eram as mesmas citadas acima, somando-se à discordância dos trabalhadores em cortar 7 (sete) ruas de cana como definidas pelos patrões. Esse movimento foi histórico no país, pois estávamos em pleno processo de abertura política, depois de longos anos de ditadura. O saldo dessa greve foi um morto e 49 (quarenta e nove) trabalhadores presos.

De lá para cá, apesar das conquistas de direitos trabalhistas como: carteira assinada, direitos rescisórios de férias, décimo terceiro salário quando do término da safra, seguro desemprego (de dois em dois anos) e outros, as condições de trabalho continuam cada vez mais degradantes e precárias, submetendo os trabalhadores a uma super exploração, produzindo cada vez mais toneladas de cana com salários cada vez mais baixos. Segundo SILVA (2009), de 2005 a 2009 vinte e cinco (25) trabalhadores morreram por excesso de esforço nas usinas em São Paulo, isso sem contar a quantidade de trabalhadores que ficaram impossibilitados de exercerem esta ou qualquer outra profissão por problemas de coluna, tendinites, bursites, adquiridos no corte da cana. Soma-se a isso a precariedade das moradias nas periferias das cidades e os alojamentos nas usinas, onde são vigiados 24 horas por dia.

A maioria dos alojamentos é rodeada por cerca ou muros, sendo comum ter uma placa com letras grandes emitindo a mensagem: "PROIBIDA A ENTRADA DE ESTRANHOS". A justificativa de proteger os trabalhadores dos "estranhos" pode ser lida também, como uma iniciativa para isolá-los do contato com algo ou alguém que venha a visibilizar ou comunicar as suas condições de vida (MARINHO, 2012, p.3).

Porém, novas questões estão sendo colocadas em pauta no momento: a mecanização das usinas previstas para 2014, a ponto de sensibilizar o poder público municipal e estadual, apavorados diante da possibilidade de enormes contingentes

de desempregados na região. Em função disso, no dia 30/05/2012, foi realizada em Araçuaí uma audiência pública da comissão da assembleia legislativa: Trabalho, da Previdência e Ação Social e Participação Popular, com prefeitos, deputados, movimentos sociais, sindicatos de trabalhadores rurais, universidade e representantes do governo do Estado. O objetivo dessa comissão foi “discutir a situação dos cortadores de cana frente à acelerada mecanização das usinas, resultando em enorme contingente de mão de obra ociosa na região, como também, discutir e votar proposições da comissão”. É importante ressaltar que dos 7 (sete) prefeitos presentes, quatro foram cortadores de cana, o que confere muita lucidez nas suas falas e mostra como essa migração é entranhada na região. Além, da questão do desemprego, outra preocupação dos representantes do poder público foi o alto índice de HIV e uso de drogas entre os cortadores de cana, principalmente os jovens. De trabalhadores, eles passam a ser considerados um problema social, ameaças que correm o risco de baterem nas portas das prefeituras.

Para “amenizar” o receio da mecanização várias propostas foram colocadas pelos representantes, tanto do poder público quanto dos movimentos sociais e associações. Propostas, estas, não adequadas para a pequena produção apontadas por membros do poder público, tais como: irrigação, monocultura de café (por demandar mais mão de obra), poços artesianos e barragens. De outro lado, representado pelas associações, o reconhecimento de que o modelo de desenvolvimento adotado no Brasil não é inclusivo, que gera riquezas para fora (eucalipto, barragens, mineração, exploração de granito), altamente concentrador e que não atinge as famílias dos trabalhadores migrantes do Jequitinhonha. Sendo assim, não existe uma solução fácil para a migração, mesmo envolvendo governo Federal, Estadual e Municipal. Fato revelador nessa audiência foi não haver trabalhadores migrantes presentes e ter sido realizada numa época em que todos já haviam saído da região. Aliás, característica marcante de pensar políticas e soluções sem a presença do real interessado.

Deputados e autoridades presentes, quando os senhores forem construir alguma coisa no Vale do Jequitinhonha, ouçam os nossos agricultores familiares. Até poderia dizer que, se esta audiência pública tivesse ocorrido

no mês de janeiro, o Colégio Nazareth seria pequeno para abrigar os agricultores familiares do Município de Araçuaí. (ANTÔNIO DAS GRAÇAS diretor do sindicato dos trabalhadores rurais de Araçuaí, 2011, p. 85).

Então, é dentro dessa realidade relatada, mais que sucintamente, que se coloca o problema de pesquisa: compreender a migração pela fala desses sujeitos. Escolhi os jovens migrantes, filhos de agricultores, por serem a grande maioria dos trabalhadores dessa migração, fato observado anualmente em Minas Novas, e por estarem repetindo o mesmo trajeto que seus pais iniciaram há mais de 30 anos em direção às usinas da cana.

Assim, a pergunta primeira foi identificar como o processo de mecanização nas usinas afetaria esses jovens nas suas trajetórias. Porém, no primeiro contato com estes, início de 2012, tive que repensar a pergunta inicial, já que esta não era uma preocupação relevante para os jovens. Mesmo que a mecanização seja uma realidade concreta, constata-se que em parte significativa das usinas no Brasil, com exceção do Estado de São Paulo, essa possibilidade ainda está longe de acontecer. Para outras regiões do país, os acordos firmados entre governos e usineiros tinham 2031 como data limite, e que outras rotas migratórias já se faziam presentes na vida de boa parte dos jovens de outras comunidades. Mais que isso, as trajetórias construídas sempre tiveram seu ponto de apoio na morada dos jovens: nas comunidades, nas famílias e no grupo de amigos, e eles continuariam partindo, em migrações definitivas ou temporárias independentes do poder público, seja municipal, estadual ou federal.

Realmente, há uma forte tendência da mecanização das atividades de plantio e corte de cana, assinalada sua finalização para 2014, sobretudo no Estado de São Paulo, na região de Ribeirão Preto. Mas esse processo de mecanização do plantio e da produção não ocorre, de forma homogênea, nem mesmo no Estado de São Paulo nem em outros Estados da Federação. Há trabalhadores que estão indo cortar cana no Acre, em Rondônia, no Amazonas, no Mato Grosso, no Mato Grosso do Sul, Norte do Paraná, Nordeste e Norte do Rio de Janeiro, que são regiões em que esse processo de mecanismo não está tão avançado como em São Paulo. A previsão é de que chegue nessas regiões em 2031. (Audiência pública, notas taquigráficas (PEREIRA, 2012, p.21).

Sendo assim, a partir desse primeiro contato em 2012, em que estavam presentes quase 50 (cinquenta) jovens na comunidade de Cajamunum, outros caminhos foram trilhados na tentativa de clarear as dúvidas. Não podemos desconsiderar que a migração rural urbana, como veremos mais adiante, explicita problemas estruturais da situação fundiária do país, porém essa migração toma contorno os mais diversos na unidade da agricultura familiar camponesa. Novos estudos têm demonstrado que o rural deixa de ser um espaço exclusivamente agrícola, comportando outras atividades, o que Carneiro denominou como pluriatividade. Acrescente-se que *foi definitivamente sepultado o padrão sucessório da geração anterior, que com poucos recursos e muito trabalho se desbravava o sertão* (ABRAMOVAY, 1998, p.59).

Nesse sentido a migração, seja ela definitiva ou temporária, vai se conformando a diferentes leituras por se assentarem em diferentes realidades. Numa perspectiva, a migração é percebida como o recurso utilizado pelo campesinato para se reproduzir enquanto tal (CANDIDO, 1975 MARTINS, 1991 WOORTMANN, 1990), em outra, a migração representa uma ruptura das gerações mais novas com o poder do pai, em busca de sonhos e aspirações que não passam mais pela fazenda (Abramovay, 2003, Woortmann, 1990) e, finalizando, a roça como local de outras ocupações não exclusivamente agrícola, incluindo também o turismo e o lazer (CARNEIRO, 1998). Porém não é objetivo da presente pesquisa fazer um levantamento histórico das diferentes formas de migração no Brasil, seria por demais pretensioso. Se houve a tentativa de uma breve reconstituição histórica foi somente para demonstrar como a migração sempre foi presente na vida do campesinato brasileiro e especialmente na vida do campesinato do Jequitinhonha. A migração surge como recurso utilizado pelas famílias camponesas diante do aumento dos seus membros, da partilha e desgaste do solo e da possibilidade do salário regular diante da fraca capitalização do trabalho da lavoura. Essa migração é também impulsionada por sonhos e expectativas que vão desde a melhora das condições de vida, formação de patrimônio até a possibilidade de “conhecer o mundo”, ampliando o universo de conhecimento do local de origem, ritual necessário na formação da juventude rural.

Compreender a migração no Jequitinhonha é compreendê-la, também, a partir dos sentidos atribuídos a ela pelos sujeitos. Foi no interior desses questionamentos que o objeto de pesquisa foi clareando e se constituindo. Entre o *cá e o lá*, qual o papel da migração na vida dos jovens? No que a migração atual, dos filhos, difere da anterior, dos pais e avós? O que transforma e o que persiste? Como esses jovens percebem seu lugar de origem e o trabalho na terra? O saber da lida na terra é ainda transmitido pela família? Como foram suas trajetórias escolares? Qual a importância da escola em suas trajetórias profissionais? Qual a percepção do trabalho nas usinas? A mecanização da cana representa uma insegurança com relação ao futuro profissional? Onde fica a roça em seus projetos de futuro? Qual o projeto de futuro desses jovens?

É na tentativa de entendermos o lugar atribuído pelos jovens ao seu processo de migração nos seus projetos de futuro que nos situamos. Tivemos a preocupação de não reforçarmos o peso analítico que se têm conferido aos jovens como os responsáveis pela continuidade da agricultura familiar. De um lado, a migração vista como a ruptura da condição camponesa, de outro, a migração vista como o esvaziamento do rural. Como disse (OLIVEIRA, 2011), não buscamos uma posição de neutralidade, mas suspender o peso de posicionamentos que cercam esse debate. Tendo o cuidado de não reforçarmos, na fala dos jovens por emprego, uma nova redenção para o Vale do Jequitinhonha, e a reforçar projetos que tanto impactam o meio ambiente como concentram na terra. No entanto, o risco justifica-se em função de acreditar que alternativas podem ser construídas, por um saber acumulado de resistência aos projetos de desenvolvimento na região e por acreditar que a população tem o direito de ser ouvida quando as decisões dizem respeito às suas vidas. Em seguida trataremos do perfil dos jovens entrevistados.

1.2 - Os sujeitos da pesquisa

A presente proposta de pesquisa tem como sujeitos os jovens migrantes, cortadores de cana,³ entre 18 e 29 anos⁴, filhos de agricultores familiares do Vale do

³ Será utilizado o termo cortadores de cana, porque é assim que os jovens se autodenominam.

Jequitinhonha. Eles praticam uma migração sazonal em direção às usinas de cana no interior de São Paulo, Mato Grosso, Goiás, Bahia e outras regiões do Brasil. Esses jovens ficam de 8 a 9 meses nas usinas, saindo nos meses de março a abril e retornando nos meses de novembro e dezembro. É importante destacar que a migração feminina para o corte de cana é praticamente inexistente no Vale do Jequitinhonha, esta é uma migração eminentemente masculina, por ser considerado um trabalho que demanda cada vez mais juventude e um grande esforço físico.

Para o sistema manual do corte de cana, as exigências de seleção são outras, priorizando-se critérios de habilidades, destreza, força física dos trabalhadores, todas características imprescindíveis para se assegurar o aumento da produtividade nesse sistema de corte que supõe a intensificação do ritmo de trabalho (GUANAIS, 2009, p.50).

Esses jovens, mais que quaisquer outros, estão expostos a um duplo lugar. Eles vivenciam dois universos muito diferentes entre si, o que os possibilita uma maior facilidade de comparação desses universos. Esse duplo lugar coloca esses jovens numa dupla posição de invisibilidade, no destino não são considerados do lugar, já que estão numa situação de transitoriedade, na origem não são considerados agricultores.

“Vejo algo muito grave nisso, porque o trabalhador migra para São Paulo, mas a mulher e o filho dele permanecem aqui. Dessa forma a mulher não pode acessar o Pronaf porque o marido não se enquadrou na DAP⁵, mesmo sendo cortador de cana e trabalhador rural. Não é um trabalho de roça? Se for um trabalho de roça, ele não deverá se desenquadrar, porque ele foi para lá para trabalhar e mandar dinheiro para a sua mulher comprar o arroz, o feijão e o café. É ela que está trabalhando, sustentando a agricultura, como meio de sobrevivência. Quem sabe assim, um dia, o seu marido não precisará mais deixar a cidade? Mas ela não tem direito de acesso ao

⁴ O jovem no Brasil compreende a faixa entre 16 a 29 anos, de acordo com a PEC (proposta de emenda constitucional) da juventude, aprovada pelo congresso em setembro de 2010 e adotada pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). A definição de limites etários é obviamente arbitrária e não dá conta das diferenças entre idade biológica e social. Porém, o estabelecimento preciso de uma definição etária deveu-se para uma delimitação do campo da pesquisa e ao fato que para ser cortador de cana exige-se uma idade mínima de 18 anos. Sendo a idade de 29 anos o limite máximo estabelecido para acessar qualquer política pública que contemple a juventude.

⁵ Declaração de aptidão ao Pronaf (DAP). Documento necessário para reconhecimento da condição de agricultor familiar e, somente com a posse dessa declaração, é que se podem acessar programas de políticas públicas e ter acesso a créditos com menores taxas de juros.

Pronaf, porque o seu marido foi desenquadrado com a DAP, já que a carteira de trabalho dele foi assinada como cortador de cana. Isso é uma gravidade muito grande existente dentro do movimento sindical.” (Audiência pública, Antônio das Graças, trabalhador rural, coordenador de políticas públicas, sociais e assalariado do sindicato dos trabalhadores rurais de Araçuaí, 2011, p.85).

Então, ao elegermos como sujeitos pesquisados, os jovens rurais migrantes, partimos do princípio de que todo indivíduo, erudito ou não, utiliza-se de métodos para interpretar e pôr em ação na rotina de suas atividades práticas cotidianas, a fim de reconhecer seu mundo, tornando-o familiar ao mesmo tempo em que o vai construindo. (VOTRE, 1998). Sendo assim, tentamos desvendar o universo dos jovens a partir de suas falas e leituras da realidade. Como diz VOTRE (1998) o paradigma passa a ser, então o interpretativo e não mais o normativo. Acreditamos que os sujeitos fazem uso constante da reflexividade, entendendo esta como a capacidade que o indivíduo tem para descrever e construir a realidade e a relatabilidade como sendo a materialização dessa capacidade. Mesmo, como disse MARTINS (1991), que a fala dos sujeitos esteja frequentemente constituída por um vocabulário e por uma lógica que não pertencem aos trabalhadores e, sim, àqueles que o dominam e exploram e que a fala do migrante é quase sempre dominada pela lógica da mercadoria e do dinheiro, da quantidade das coisas que podem ser compradas e vendidas. Mesmo que seja uma tarefa árdua desvelar as artimanhas da fala do dominador no dominado, partimos do princípio que os sujeitos da pesquisa têm sonhos e desejos, que são balizas fundamentais para construírem suas trajetórias; mesmo que dentro de uma realidade social perversa e desigual, todo sonho tem uma base real para sua realização. Nesse sentido, tentamos fazer um paralelo da realidade local com um contexto maior, tentando perceber as teias construídas entre *o cá e o lá*, de um desejo de futuro dos jovens que justifica todas as dificuldades vividas no presente.

1.3 - O campo de pesquisa

O município de Chapada do Norte, como outras regiões rurais do Brasil, tem uma forte migração. A escolha pelo município deveu-se a uma maior proximidade

com as lideranças comunitárias, que facilitaria a trajetória da pesquisa. Se o conhecimento prévio foi o que motivou a escolha por Chapada do Norte, o mesmo não posso dizer das comunidades escolhidas, pois a decisão pela comunidade de Água Suja e Cajamunum pautou-se por variáveis mais técnicas, tais como: ter grande quantidade de jovens e por ser um dos locais com maior migração de trabalhadores rurais para o corte de cana do município. Para a realização da pesquisa foi fundamental a mediação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Chapada do Norte e com André, representante da comunidade.

Antes de iniciar a pesquisa, propriamente dita, outros percursos foram trilhados para melhor compreender a tarefa proposta: entender os circuitos migratórios e como os jovens da região percebiam essas migrações. Iniciei a pesquisa de campo visitando outras comunidades, através da pastoral do migrante. Em janeiro de 2012, fiquei quase um mês em andanças pelo Vale, iniciando em Jequitinhonha, onde tinha sido convidada pelos estudantes da UFVJM (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri) para falar sobre os movimentos sociais na região, para os jovens que participariam do estágio de vivência no assentamento de Franco Duarte do MST (movimento dos sem terra). Em seguida, convidada pelo SPM (Serviço Pastoral do Migrante), participei da romaria dos migrantes que se realizou em Novo Cruzeiro, no Jequitinhonha. Foram 7 (sete) dias de intenso envolvimento com a temática, nas reuniões com os missionários e com pessoas das comunidades. Logo após a missão, fiquei 03(três) dias na comunidade de Porto dos Alves em Chapada do Norte, na beira do Araçuaí, na casa da Valdete, que é uma grande liderança das comunidades negras do Vale do Jequitinhonha. Ela organizou uma reunião com os jovens da comunidade, porém a grande maioria estava “festando” no distrito de Lelivéldia. Depois, por uma solicitação pessoal, a Lia do STR de Chapada convocou uma reunião na comunidade de Cajamunum, vizinha de Água Suja, onde estavam presentes 45 jovens das duas comunidades. A ideia inicial era ir de casa em casa e conversar pessoalmente com cada um dos jovens, até para preparar-me melhor, porém, por um erro de comunicação, deparei-me com uma grande reunião e a insegurança de não saber o que fazer. O fato de ter trabalhado na região facilitou muito a minha entrada, soma-se a isso a mediação da Lia e do André que foi importante para o bom andamento da reunião.

Todo esse processo foi fundamental para repensar o roteiro da pesquisa. Porém, mais difícil que isso foi encarnar o papel de pesquisadora, pois estava na comunidade não mais como técnica do CAMPO VALE tratando de demandas coletivas e podendo partilhar dúvidas, angústias e conquistas. Assim, em janeiro de 2013, voltei a campo com o roteiro mais apurado pelas várias atividades anteriores das quais participei. Entrevistei 7 (sete) jovens, sendo 5 (cinco) da comunidade de Água Suja e 2 (dois) de Cajamunum. Feitas as entrevistas, viajei para o município de Berilo para mais uma missão do SPM, ficando uma semana na comunidade de Cardoso e Tabuleiro. Nestas comunidades, percebi como as trajetórias dos jovens eram diferenciadas, inclusive dentro do mesmo município. Só a título de exemplo, a comunidade de Tabuleiro era composta por 45 (quarenta e cinco) famílias e tive a oportunidade de visitar quase todas, onde pude constatar que não havia jovens na comunidade. Os jovens que não tinham migrado definitivamente estavam trabalhando nas praias. Situação diversa encontramos na comunidade de Cardoso onde havia um grande número de jovens que plantavam e comercializavam abacaxi. Os agricultores dessa comunidade, depois de muitos anos de luta, conseguiram a posse de uma extensa região de chapada onde o plantio é feito em terras que foram divididas entre os moradores. Como percebemos, a realidade das juventudes na região é bastante diversa e vários fatores são definidores dos percursos migratórios.

Voltando ao município da pesquisa, Chapada do Norte localiza-se na transição do alto para o médio Jequitinhonha, 80 % (oitenta) da população mora na zona rural e, destes, 60% (sessenta) têm propriedades de até 20 hectares. Na comunidade de Água Suja moram 74 famílias de pequenos agricultores e em Cajamunum são 80 famílias. O que mais chama a atenção nas comunidades é a distância pequena de uma casa a outra, o que revela uma grande partilha das terras. As comunidades de Cajamunum e Água Suja foram escolhidas pelo grande número de migrantes e por permitir uma confrontação de dados, devido às diferenças de bens e serviços oferecidos nessas comunidades, tais como: escola e estrada. Como disse MAXWELL (2005, p.89-90, apud FLICK) “a amostragem deve ser orientada à coleta da heterogeneidade no campo e no sentido de permitir o máximo possível de comparações. Se os casos na amostra forem demasiado semelhantes, será difícil

fazer uma comparação significativa entre eles; se forem heterogêneos demais será difícil identificar características comuns neles”.

A pesquisa se baseará em observação com predominância de dados qualitativos, embora possa recorrer a dados quantitativos, devido as maiores vantagens atribuídas a esse método: “a) independe do nível de conhecimento ou da capacidade verbal dos sujeitos; b) permite “checar”, na prática, a sinceridade de certas respostas que, às vezes, são dadas só para “causar boa impressão”; c) permite identificar comportamentos não intencionais ou inconscientes e explorar tópicos que os informantes não se sentem à vontade para discutir; e d) permite o registro do comportamento em seu contexto temporal-espacial” (MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p.164).

A entrevista semiestruturada será a principal técnica de coleta de dados por ser um espaço reconhecido na produção do conhecimento, permitindo uma relação dialógica entre entrevistado e pesquisador. Utilizaremos, também, a técnica do relógio, que consiste em descrever as atividades desenvolvidas durante as 12 (doze) horas, com o intuito de revelar a diferença do trabalho realizado na lavoura e nas usinas. Essa técnica era muito utilizada nas atividades de campo junto dos grupos com os quais trabalhávamos, pois envolve outros sentidos além da fala e, como a divisão das horas corresponde a um dia de trabalho, fica mais fácil para o entrevistado lembrar-se das atividades desenvolvidas e, às vezes, surpreender-se com o tempo que o trabalho toma em sua vida.

Reconhecemos que falar em método nas Ciências Sociais é admitir de antemão potencialidades e limitações. Não existe um método ideal e sim método(s) no plural, que variam com condições, escolhas e relevância para a pesquisa e o pesquisador. Pois os métodos não são infalíveis e não substituem o apelo à imaginação e à intuição do pesquisador, assim como os princípios éticos com a comunidade a ser pesquisada, condição fundamental para a realização da pesquisa.

1.4 - O roteiro das entrevistas

Quando pensamos o roteiro das entrevistas, a nossa preocupação era que ele contemplasse as questões pertinentes aos objetivos da pesquisa, sem que isso representasse uma camisa de força. Tínhamos feito um pré-teste, um ano antes e

tivemos que adequar o roteiro na tentativa de melhor compreensão por parte dos entrevistados, pois algumas questões não ficaram claras e às vezes sugeriam uma dupla leitura.

O objetivo do roteiro foi nortear um caminho sobre o tema central da pesquisa, que era compreender a migração para as usinas da cana na perspectiva de os jovens entenderem a leitura destes sobre questões como a vida escolar, a agricultura e a vida na terra, o trabalho nas usinas e como eles percebiam a própria juventude. Outro recurso utilizado na pesquisa de campo foi a técnica do relógio.

Sendo assim, o roteiro foi dividido em quatro temas:

- a) **Relação com a terra:** ao levantar esse tema nossa intenção era compreender quais os vínculos que esses jovens mantêm com a terra. Se eles exercem a profissão de agricultor e, em caso positivo, como foi o seu aprendizado. Perceber se há um investimento na propriedade familiar e se há um projeto de futuro desses jovens na agricultura.
- b) **Relação com a escola:** para entender como foi a escola na vida desses jovens e até que ponto ela foi importante em suas trajetórias, inclusive profissional. Qual a relação atual dos jovens com a escola e se existe o desejo de voltar a estudar.
- c) **Migração e trabalho:** identificar quais os determinantes dessa migração e quais os sentidos atribuídos pelos jovens. As redes de sociabilidade criadas nesse percurso, as diferenças entre a origem e o destino. Como foi o aprendizado do cortar cana e a relação da migração com a família. O que a migração possibilita em termos de bens, material e simbólico, na vida dos jovens.
- d) **Juventude:** entender como esses jovens percebem a juventude. Se há traços que podem ser considerados comuns entre o que se denominou juventude. Como eles vivenciam os espaços de lazer na roça e nas usinas.

A entrevista foi estruturada de forma a dialogar com os jovens de 18 a 29 anos, filhos de agricultores familiares e moradores de comunidades com uma grande presença de migração para as usinas de cana. Tivemos a preocupação em pesquisar duas comunidades próximas, diferenciadas em termos de bens e serviços

para podermos comparar realidades diferenciadas; porém, para nossa surpresa, as entrevistas foram bastante homogêneas. Acreditamos que, como disse DURHAN (1978), que a semelhança na constituição das unidades produtivas: família conjugal, grupo de vizinhança, formas de acesso e disponibilidade de terra, padrões e técnicas de trabalho contribuíram para a uniformidade das respostas. Soma-se a isso que os jovens da pesquisa, migrantes temporários, exercem atividades afins nos locais de destino.

1.5 - Análise dos dados

Mesmo que em todas as entrevistas o roteiro tenha sido o guia, em algumas delas detalhamos mais as respostas que em outras. Isso foi possibilitado, às vezes, em uma maior experiência com o tema ou uma maior fluência para tratar da questão por parte dos entrevistados.

Para darmos maior visibilidade às trajetórias dos jovens, fizemos um resumo de suas falas no capítulo 3(três). Procuramos fazer uma reconstrução das trajetórias até o momento da entrevista, com o intuito de abarcar o máximo de suas vivências, mesmo que a princípio não interessasse aos propósitos da pesquisa. Quando do resumo, procuramos destacar os pontos mais pertinentes ao objetivo da pesquisa, mesmo sabendo que, com isso, estamos fazendo escolhas e correndo o risco de mutilar experiências importantes.

O nosso foco foi conhecer os sujeitos da migração e o que pensam das suas trajetórias. Perceber o que há em comum, destacando aí os elementos mais significativos e recorrentes em suas falas e também o que os diferencia, o que há de singular. Pois como disseram MAZZOTTI e GEWANDSZNAJDER (1998), “Padrões e tendências de comportamento não significa que todos os sujeitos sigam o padrão identificado. A análise dos casos que se afastam do padrão pode trazer esclarecimentos importantes e ajudar a refinar explicações e interpretações”. (Ibidem, p.173). Esclarecemos que este processo não foi linear, implicou um trabalho de redução, organização e interpretação dos dados desde a fase exploratória da pesquisa e acompanhou toda a investigação. (Ibidem 1998). Assim, neste trabalho uma certeza se firmou: que a realidade é muito mais rica e complexa

do que podemos imaginar. Que é impossível um conhecimento completo, que inevitavelmente estamos fazendo um conhecimento seletivo e parcial, de acordo com as relevâncias que imaginamos descobrir, também sob a influência de nossas ideologias. (DEMO, 1987). Fica o maior aprendizado dessa trajetória, pois as coisas não são, elas estão acontecendo e se transformando.

Num primeiro momento tivemos a preocupação em não definir o referencial teórico, isto nos deu uma maior abertura para tratar o tema. Sendo assim, o referencial teórico não foi definido a priori, foi sendo construído durante a investigação em um processo interativo com a coleta de dados e o material teórico que íamos tendo acesso ao longo da pesquisa. Nesse sentido a análise foi sendo desenvolvida durante a entrevista, através de teorizações progressivas. Até porque era um assunto pouco trilhado por pesquisadores, se isso confere, por um lado, uma sensação de algo novo por outro é navegar numa quase solidão.

CAPÍTULO 2. O VALE DO JEQUITINHONHA

2.1 - Um pouco da história

Para melhor compreendermos os jovens da pesquisa nas suas singularidades, faz-se necessário um pouco de conhecimento da história do local de origem desses sujeitos, mesmo que sucintamente. Não tem como discorrer sobre a vida desses jovens agricultores sem falar da migração como um elemento constitutivo da reprodução das famílias camponesas no Jequitinhonha. Migração, esta, que remete aos tempos do Brasil Colônia e que adotou formas diversas ao longo dos séculos. Sendo assim, trataremos especificamente da migração dos filhos dos agricultores que vão se empregar nas usinas do setor sucroalcooleiro.

O Vale do Jequitinhonha está situado no nordeste do estado de Minas Gerais, divisando rio abaixo com o extremo sul da Bahia. Compreende uma área de 79 mil quilômetros quadrados distribuídos em 80 municípios. Apresenta, ainda, uma população que quase chega a um milhão de habitantes. A divisão em Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha traz consigo ambientes e ciclos sócio-econômicos diferenciados no processo de ocupação da região, que passa pelo ciclo do ouro e da pecuária, entrecruzando num mesmo território duas frentes de colonização que foram fundamentais no processo de ocupação do território brasileiro (SOUZA, 2011).

Figura 1 Mesorregião do Jequitinhonha Wikipédia



A mineração no Jequitinhonha obteve sua maior expressão na cidade de Minas Novas, antiga Vila das Minas do Fanado, cuja toponímia data da terceira década do século XVIII. Por esta época, a fama do ouro já ocupava o imaginário social, quando Portugal abastava-se das riquezas minerais descobertas no centro sul do estado.

Tais descobertas aconteciam por meio de várias expedições oficiais feitas por empreendedores particulares (bandeiras) e por aquelas que eram financiadas pelo governo português (entradas). Elas partiram de São Paulo desde meados do século XVII com o objetivo, segundo SOUZA (2010, p.34), *de expandir os limites da colônia para além do Tratado de Tordesilhas, aprisionar índios ou descobrir metais e pedras preciosas.*

A efetiva ocupação do que viria a ser o atual município de Minas Novas está intimamente ligada ao bandeirante paulista Sebastião Leme do Prado, nome presente em toda historiografia da região.

O território em que está situada, atualmente, a vila do Fanado foi descoberto em 1727 por Sebastião Leme do Prado, que com outros paulistas, saiu de Rio Manso perto de Tijuco, a fim de se dirigir ao Rio Piauí, cujas riquezas eram muito gabadas. Transpôs o Araçuaí e o Itamarandiba, dirigiu-se para o norte, e chegou ao Rio Fanado (SAINT- HILAIRE, 1975, p.221).

Segundo as margens do rio Fanado citado acima, como nos conta MATOS (1837), Sebastião Leme do Prado achou falhas ou quebras nos filões, betas ou pintas de ouro. Estas falhas ou intervalos, onde não havia ouro, deram origem à palavra Fanado, proveniente de falhado. Em sua caminhada, Leme do Prado alcançou a barra do Rio Fanado, local que viria a ser o Bom Sucesso (Minas Novas), nome dado pela facilidade com que se encontrava ouro misturado com as areias e cascalho, tudo à flor da terra.

Ao estabelecer-se aí com sua gente, essa lavra recebeu um grande número de mineradores e de pessoas ávidas pelo enriquecimento. Além destas, outras minas foram descobertas nas proximidades, tais como: Arraial de Santa Cruz da Chapada, hoje Chapada do Norte, Água Suja (Berilo) e São Domingos (Virgem da Lapa). A descoberta de diamantes na região mineradora do termo de Minas Novas passou a fazer parte do Distrito Diamantino, criado em 1731, cujos limites eram sempre alterados a partir de novas descobertas, (SOUZA, 2010, p.32).

Esta localidade expandiu-se rapidamente e, em apenas um ano, foi erguida a primeira capela sob a invocação de São Pedro na comarca de Minas Novas, num plano entre o Rio Fanado e o Rio Bom Sucesso.

Em função da grande riqueza mineral, essa região foi alvo de disputas entre o governo de Minas e da Bahia. Existia um acordo em que Sebastião Leme do Prado comprometia-se em comunicar os novos “descobertos” em outras províncias auríferas e de pedras preciosas ao então governador de Minas, Dom Lourenço de Almeida, a quem estava submetido por ter obtido dele a concessão para partir rumo às novas Minas e regularizar a exploração clandestina que já se havia estabelecido no rio Araçuai. Por razões nem sempre claras, pois desde 1720 as divisas entre Minas e Bahia estavam definidas pelo rio Verde, desde a foz até a nascente, ele foi forçado, em 1728, a comunicar os novos descobertos ao governador da Bahia e vice-rei Vasco Fernandes César de Meneses, o qual fez a incorporação deste território à sua província, fazendo o mesmo o arcebispo da Bahia no tocante aos negócios eclesiásticos, como nos diz (MATOS, 1837).

Criou-se uma demanda que durou trinta anos entre os governadores de Minas e Bahia no tocante à região e foram várias as correspondências do governador de Minas a Dom João V, expressando sua insatisfação com a anexação da região ao território baiano. Porém, como não poderia deixar de ser, o grande prejudicado pelas indefinições e pendengas territoriais foi o povo, o qual era obrigado a recorrer à cidade de Jacobina na Bahia, distante 150 léguas da sede da comarca, por meio dos sertões incultos e pestilências, quando podiam recorrer à cidade do Serro Frio que ficava a 36 léguas de distância. Todas essas dificuldades foram comunicadas ao governador da metrópole, o qual, em 10 de março de 1760, baixou um decreto determinando que o distrito de Minas Novas fosse separado da capitania da Bahia e incorporado à das Minas Gerais. Como o decreto causou dúvidas no tocante à jurisdição civil e militar, fizeram-se novas representações ao trono, em virtude das quais baixou a resolução de 26 de agosto de 1760, determinando a absoluta separação dos distritos e a incorporação deles à província de Minas Gerais, tanto no tocante aos negócios civis e políticos como aos militares. E por este modo ficou o território de Minas Novas sujeito à Bahia, só no que respeita a matérias eclesiásticas

até o ano de 1853. Esta incorporação ocorreu em virtude de grandes contrabandos de ouro e diamante registrados. O estado de Minas já dispunha de um fisco aparelhado, ao passo que o estado da Bahia oferecia portas abertas para o extravio, como diz Diogo de Vasconcelos (SOUZA, 1981).

Como todo ciclo esgota-se, com a mineração não foi diferente, pois a partir da segunda metade do século XVIII a produção de ouro e diamante reduziu drasticamente no centro das Minas Gerais e com ela o sonho de milhares de desbravadores. A terra na região, em função da grande pressão populacional em decorrência da mineração, também entrou num processo de enfraquecimento. Ocupada pelos descendentes dos mineradores, por esta época já se encontrava partilhada, enfraquecida e diminuída em seu rendimento, por uma ocupação que excedeu os limites das potencialidades dos recursos naturais da região. Assim, a agricultura, atividade que ficou apagada pelo brilho do ouro foi se afirmando pouco a pouco como atividade principal na região.

Houve um tempo em que a exploração do ouro era a principal ocupação dos habitantes de Minas Novas; hoje em dia, porém, se entregam mais ou menos todos à lavoura, e abandonaram quase por completo a mineração (SAINT- HILAIRE, 1975, p.194).

Com o esgotamento das lavras e lavouras, parte da população, em sua grande maioria composta por aventureiros, viu-se obrigada a encontrar novos caminhos. Por essa época, o rio Jequitinhonha era muito pouco conhecido, pois a mineração havia chegado somente até a barra do Araçuaí, região pertencente ao termo de Minas Novas. Essa região ficava na transição do médio com o alto Jequitinhonha, sendo o médio e o baixo terras a serem conquistadas. Então, essa população começou a ocupar a região da mata devido ao fato de nela encontrarem maiores atrativos como fartura de terra nova, fértil, sem proprietários e que proporcionavam produção abundante com um gasto mínimo de serviço (RIBEIRO, 1996, p.28).

Esses moradores, pioneiros das matas encontraram nela muita fartura. Fazendo suas roças em terras novas puderam viver na abundância por, pelo menos, um século. Eram lavouras em derrubadas recentes, numa terra fertilíssima, que dava pouco trabalho à enxada e produzia um despropósito de mantimentos. Todas as lembranças de pioneiros incluem uma fartura absurda, verdadeiro desperdício de alimentos, num tempo em que as pessoas não “faziam conta das coisas”. Esse foi um povoamento errante porque os colonos posseiros andavam atrás de fertilidade, e cada área derrubada, plantada e esgotada obrigava a família a sair em busca de terra nova fértil (RIBEIRO, 1996, p.19)

Os colonos acreditavam que *na região da mata havia uma imensidão de riquezas ocultas, inclusive uma dita... “Serra das Esmeraldas”, onde as pedrarias afloravam do chão em abundância,... fabulosos tesouros..., que os índios chamavam de Marambaia, onde hoje é Itaipé, Caraí e Padre Paraíso. Enfim, na mata havia índios que podiam ser colocados à força para trabalhar no serviço dos colonos para produzir mantimentos, garimpar pedrarias e tudo mais que quisessem.*” (RIBEIRO, 1996, p.18) Essa foi uma migração caracterizada pela abertura de novas fronteiras agrícolas, levadas a cabo por trabalhadores que foram pioneiros na colonização do baixo Jequitinhonha e Mucuri. Uns descendo pelo rio Jequitinhonha (Itaobim, Jequitinhonha, Almenara e Salto da Divisa), outros saindo das cabeceiras dos rios Fanado e Setúbal, pelo Alto dos Bois, (Setubinha, Novo Cruzeiro) na direção das nascentes do Mucuri.

Os colonos do Mucuri e baixo Jequitinhonha, em sua maior parte, possuíam somente machado, isqueiro, coragem e necessidade. Eram em geral jovens, filhos que sobravam numa terra familiar repartida e esgotada que empurrava a juventude para a floresta, para abundância e aventura. Iam para a mata também os libertos do cativo, procurando terras sem donos. Quase sempre eram estes os que saíam (RIBEIRO, 1996, p.19).

Como se pode ver, o Vale do Jequitinhonha teve uma participação das mais importantes na trajetória da economia brasileira. Produziu ouro e diamante, quando esta era a moeda das transações comerciais no período colonial, expandiu a pecuária no baixo e médio Jequitinhonha e produziu algodão, afamado no mercado europeu pela qualidade dos seus fios. Estas divisões entre alto, médio e baixo correspondem, também, a diferenciações no processo de ocupação. Se o médio e o baixo Jequitinhonha constituíram-se a partir de grandes fazendas de gado em função de ser uma região mais plana, o alto Jequitinhonha, constituído de chapadas e vales profundos, desenvolveu uma agricultura de caráter tipicamente familiar de pequenas propriedades. A fazenda nessa região é quase inexistente. Porém, o mais marcante de todos esses ciclos foi a constituição de um campesinato singular, que desenvolveu um saber técnico profundo e específico que permitiu a convivência com vários ambientes, característica forte dessa região. Entender a migração sobre esta perspectiva foi o que se tentou neste trabalho, ou seja, quando esses ajustes perdem a harmonia e a relação homem ambiente tem o seu equilíbrio alterado. A

migração campo-cidade obedece a múltiplos fatores, que são determinados pela história, cultura, inserção socioeconômica e por expectativas diferenciadas dos sujeitos. Procuramos assim, tratar da migração dos jovens que vão para o corte de cana e como esta se processa dentro desse universo específico.

2.2 - O Alto Jequitinhonha:

A Terra e o saber da Lavoura

O Alto Jequitinhonha apresenta uma economia predominantemente agrícola e uma estrutura fundiária que se caracteriza basicamente por agricultores em regime de economia familiar. Pelos dados do IBGE, 85% dos imóveis são de pequenos proprietários, estes têm menos de 50 hectares e boa parte situa-se na faixa de 10 hectares. Esses dados revelam a alta densidade populacional no meio rural do alto Jequitinhonha, considerada uma das mais alta do Brasil.

A apropriação da terra nessa região deu-se de duas maneiras distintas: o complexo Grotas Chapada, que na vida prática dos camponeses se complementam, como definiu GRAZIANO (1983). As chapadas formadas por terras planas e de pouca fertilidade natural para o desenvolvimento da agricultura familiar, e as grotas compondo as terras mais férteis e mais próximas dos cursos de água, sendo que a fertilidade está ligada a maior proximidade desta.

Os vales ou vãos de córregos são chamados “grotas”, e um conjunto de vizinhança é sempre a soma de vários córregos, várias grotas. As grotas são as meias encostas, os vales, áreas úmidas e frescas próximas às nascentes e córregos. É na grotas que os agricultores localizam boa parte de sua unidade de produção: casas e quintais, roças e mangas (“manga de pasto”, pastagem formada). A contraposição às grotas são as “Chapadas”, os espigões: grandes extensões de terras planas e elevadas, naturalmente pouco férteis, com escassas fontes de água. As chapadas não foram ocupadas com moradias; normalmente são áreas utilizadas comunitariamente pelas famílias de lavradores para extração de recursos da natureza ou para pastoreio das criações (GALIZONE, 1997, p. 50).

Estes ambientes e suas muitas variações vão ser definidores da produção e reprodução das famílias camponesas no Vale do Jequitinhonha. Essa relação com a natureza produziu um saber dos mais complexos e elaborados. A definição dada

acima é a mais visível para quem chega à região e tem um mínimo de conhecimento da geografia, pois os vales e as grotas saltam aos olhos, porém é preciso muita minúcia para, razoavelmente, darmos conta dos vários ambientes e da grande complexidade das classificações elaboradas há mais de 200 anos de convivência, observação, pesquisa e sistematização dos lavradores da região. Cultura, catinga, campo, carrasco são classificações dessa diversidade ambiental.

Os agricultores fazem suas lavouras de acordo com o uso prescrito para cada ambiente, distribuindo roças de milho, feijão e cana-de-açúcar pelas áreas de culturas, mandiocais nas áreas de catinga, soltando criações para pastar e coletando madeiras, frutos e plantas medicinais nas áreas de campo. Sendo que as terras de cultura representam verdadeiras manchas na variedade de vegetações e estas não estão distribuídas de uma forma contínua, ao contrário, são mescladas com outros tipos de terrenos, as catingas e campos, compondo uma extrema heterogeneidade no que diz respeito à fertilidade natural da terra. Assim, ficam as roças de mantimento espalhadas, também, como manchas nas roças. O milho num lugar, o feijão em outro, a cana, a mandioca o abacaxi, cada um de acordo com a maior ou menor exigência de fertilidade (GALIZONE, 2007, p.24).

Para cada lavoura um tipo de terreno. Se o terreno em questão estava em pousio⁶, o primeiro passo é derrubar as árvores do local utilizando-se para este trabalho, machado ou foice. As árvores são cortadas bem rentes ao solo, deixando somente os tocos do tronco, vem daí a denominação de roça de toco para a lavoura. Já as coivaras são as galharias em bandeiras de lenha e são denominadas roça de coivara. Feitas as coivaras, inicia-se a próxima etapa: colocar fogo. O fogo não é posto de maneira indiscriminada; ao contrário, é posto com critério. Para cada cultura um tipo de fogo, que varia de intensidade. (GALIZONE, 2007). Para cada etapa há um repertório de conhecimento.

Para cada tipo de atividade do ciclo rural; a derrubada da mata, o preparo do solo, plantio, as “limpas” da lavoura, a colheita, a estocagem e a circulação dos

⁶ Termo utilizado para definir o descanso da terra para recompor sua fertilidade natural. Segundo RIBEIRO (2007), a média da região do alto Jequitinhonha, para recomposição de um terreno pode variar de 10 à 15 anos, dependendo da quantidade de terras que a família dispõe. Porém com a fragmentação das terras. Este descanso vem diminuindo gradativamente na região dificultando a recomposição da fertilidade.

bens, há um repertório próprio de conhecimento, cuja aparente rusticidade apenas esconde segredos e “saberes” de uma grande complexidade.

Após a queima da coivara inicia-se a destoca que consiste em revirar a terra com a enxada e retirar os tocos mais finos. Segundo os agricultores, essa operação está ligada à densidade da vegetação, somada ao tipo de plantio que se vai fazer. Esse plantio pode ser somente de uma cultura como pode ser consorciado com outros, o que garante uma variedade maior de mantimentos num espaço menor de terra. Esse ajustamento ao meio foi descrito por Candido quando da pesquisa junto aos caipiras paulistas.

A existência de todo grupo social pressupõe a obtenção de um equilíbrio relativo entre as necessidades e os recursos do meio físico requerendo, da parte do grupo, soluções mais ou menos adequadas e completas, das quais depende a eficácia e a própria natureza daquele equilíbrio. As soluções, por sua vez, dependem da quantidade e qualidade das necessidades a serem supridas. A necessidade tem um duplo caráter natural e social, pois se a sua manifestação primária são impulsos orgânicos, a satisfação destes se dá por meio de iniciativas humanas que vão se complicando cada vez mais, e dependem do grupo para se configurar. Daí as próprias necessidades se complicarem e perderem em parte o caráter estritamente natural, para se tornarem produto da sociedade (CANDIDO, 1975, p.23).

Porém, a grande pressão humana sobre as terras de cultura no alto Jequitinhonha, que sempre foram diminutas, fizeram com que estas reduzissem ainda mais. Isto fez com que o sistema de pousio encurtasse ao longo dos anos, com a conseqüente redução da fertilidade e comprometimento do equilíbrio ambiental e social. Esse fato foi observado por Saint - Hilaire já em 1810.

[...] Todavia, embora não se contem ainda cem anos que a região é habitada, já se queixam de que as terras estão ficando fatigadas, e já ouvira a mesma queixa em São Domingos, onde a lavoura não data de mais de vinte e cinco anos (SAINT- HILAIRE, 1975, p.296).

Esses diversos fatores foram inviabilizando a permanência na terra para futuras gerações. Não havia lugar para todo mundo. “Pois, o equilíbrio social depende em grande parte da correlação entre as necessidades e sua satisfação”. (CANDIDO, 1975, p. 23). Por isto milhares de agricultores, sendo sua grande maioria de jovens, da região do alto Jequitinhonha dirigiram-se para a mata, no primeiro

grande movimento migratório de população da região para novas fronteiras agrícolas.

CANDIDO (1975), DURHAN (1975), WOORTMANN (1984), MARTINS (1975) já explicitavam esses movimentos migratórios como ajustes necessários para a sobrevivência da pequena produção familiar. É necessário que muitos saiam para que outros permaneçam.

Mesmo com essas saídas, os que permaneceram na terra continuaram crescendo sempre e precisando de alimentos. Os lavradores foram obrigados a encurtar os períodos de “descanso” dos seus terrenos das grotas para fazer mais roças. Este encurtamento fez aumentar o trabalho gasto nas lavouras, pois numa terra menos “descansada” brotam mais ervas concorrentes gastando, portanto mais capinas. Ficou maior e mais concentrado o trabalho nos preparos de terra e capinas que exigem muito serviço principalmente entre setembro e março, o período das águas. Durante o restante do ano não carecia quase nenhum trabalho (RIBEIRO, 1997, p.30).

Sendo assim, no período da seca, que compreende os meses de abril a setembro, variando, hoje, até novembro, em decorrência das irregularidades das águas, o trabalho na roça diminui e esse tempo foi ocupado pelos lavradores em ocupações fora de suas terras.

[...] Desde os anos 1880 eles (lavradores) começaram a procurar serviço fora, peregrinar temporariamente por outras regiões agrícolas no país nos períodos de desocupação nas suas roças, primeiro no próprio nordeste de Minas, depois mais longe, até São Paulo, Paraná e Goiás. Não eram lavradores sem terra ou com tempo vazio e farto entre duas boas colheitas, como no ócio abundante, frequente na mata. Pelo contrário a terra no alto Jequitinhonha produziu desocupação forçada e necessitada para sitiante. Produzia subemprego, porque os produtos da lavoura minguavam, ao mesmo tempo que crescia a necessidade de trabalhadores na época de plantios, devido ao cultivo de terras menos férteis, menos “descansadas”, menos produtivas. Estes foram — e são — as migrações temporárias, ou sazonais (RIBEIRO, 1997, p.31).

Porém, essa decisão de quem sai e de quem fica nunca foi aleatória, fica o filho que tem mais aptidão para a agricultura. Mais uma vez RIBEIRO (1997) descreve bem esses acordos feitos pelos agricultores dos capões ou grotas, transformando a escassez em base de convívio, ajustando suas lavouras aos tempos naturais. Aprenderam o quê, como, quando e quanto aquelas terras podiam produzir. Submeteram a natureza a um exame rigoroso e então aprenderam a extrair

constantemente aquele pouco que a natureza avarenta do cerrado podia oferecer. Por isso, os camponeses do alto Jequitinhonha conhecem plantas e matos, conseguem sobreviver à falta de chuva, à sazonalidade do trabalho agrícola, à tristeza das saídas definitivas e à angústia das saídas temporárias”.

Como podemos observar a migração, definitiva ou temporária, sempre esteve presente na história do alto Jequitinhonha. Se no período da mineração essa região acolheu populações de vários lugares, com o esgotamento do ciclo do ouro ela passou a exportar trabalhadores para várias frentes de trabalho no Brasil. É muito comum na região as pessoas falarem dos parentes que migraram de forma definitiva como aqueles que “soverteram no mundo”. Mas, os migrantes temporários, que são os agentes dessa pesquisa, têm outra natureza. São os que, ainda, não perderam os sonhos de permanência na terra, que vão trabalhar sob as condições das mais precárias do mercado de trabalho no Brasil para constituírem patrimônio na região. Constroem casas, compram criação (se a terra ainda suportar), compram moto, carro e roupa bonita. Como disse RIBEIRO (1997, p.34), *vão trabalhar em terras alheias para poderem continuar ligados à sua. Viram empregados por uns tempos para continuarem para sempre camponeses.*

Como disse DURHAN (1973), o primeiro passo para a análise das condições em que se processam as migrações é examinar a estrutura das comunidades rurais tradicionais. Pois ela é a base em que se processam as relações vitais, como a produção e reprodução das condições materiais e simbólicas, e somente a partir da observação destas, poderemos conhecer suas singularidades.

2.3 - O poder público se faz presente

A década de 1970 foi marcada por grandes mudanças no campo brasileiro e o Jequitinhonha não foi exceção. Junto com outras regiões do estado surge como área de atraso, miséria e estagnação. É visto como lugar de ausência no dizer de RIBEIRO (2007).

Os dados da miséria do vale, recolhidos por diversos órgãos da época, que somavam mais de 27, vão encher gavetas, arquivos e bibliotecas em Belo Horizonte e Brasília, servindo de exótico material de pesquisa para estarrecidos visitantes, segundo (KOTSCHO, 1977). *É a era dos diagnósticos, que tinham como propósito orientar planos e ações governamentais, cujo resultado deveria ser um algo a mais que atestasse um crescimento econômico e promovesse o desenvolvimento* (SOUZA, 2011, p.19).

Esses planos ou programas governamentais partiam de um mesmo pressuposto da carência das regiões no estado, qual seja: a renda baixa. Por isso, os programas formulados eram homogêneos, tratavam os diferentes como iguais diluindo as singularidades. Não havia a devida compreensão sobre as particularidades locais, culturais e históricas das regiões. A ótica do camponês de como lidar com os mercados locais, trabalhar a terra e os recursos naturais era totalmente ignorada. Ao contrário, os indicadores quantitativos, como PIB regional, renda per capita, taxa de analfabetismo, percentual de pobres, sempre são referências definitivas. Aplicados sem consideração às especificidades regionais reúnem num mesmo pacote situações completamente diferentes. É por isso que, no alto Jequitinhonha, numa área em que os lavradores realizam como prática comum a “roças de toco” e coletam no cerrado e na catinga, uma agência pública pesquisava adaptação de pastagens de capim-braquiarião e o manejo de gado de corte. Nesse sentido, o desenvolvimento para o espaço rural é pensado pelo que o lugar não tem: uma produção agrícola intensiva, irrigada e capitalizada. Mas a melhoria é pensada dessa forma porque se conhece muito pouco sobre as técnicas produtivas e os regimes agrários da região, porque não existem pesquisas sobre esses temas, nem interesse em pesquisá-lo, porque as agências de desenvolvimento desconhecem o assunto e as universidades não formam técnicos que compreendam esses sistemas (RIBEIRO, 2007, p.39 - 40).

Para implementar o propósito do desenvolvimento homogêneo e intensivo em capital foram criados vários Planos Nacionais de Desenvolvimento (PND), sendo a contraparte mineira a Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha (CODEVALE), criada em 1964, com muito mais casos pitorescos do que recursos financeiros. Em meados de 1974, a CODEVALE resolveu atrair para a região grandes companhias - estatais e privadas - que se encarregariam de promover o desenvolvimento e o progresso no vale do Jequitinhonha, por essa época já com a alcunha de vale da miséria.

De acordo com a fala popular “juntou a fome com a vontade de comer”. As subsidiárias das grandes siderúrgicas estavam em busca de novas terras para plantar eucalipto, pois as reservas naturais estavam esgotadas e com as facilidades

habituais oferecidas pelo governo, em forma de créditos e incentivos fiscais, foram mais que atrativos para as empresas KOTSCHO (1977). Nesse segundo momento entra em cena a RURALMINAS:

O papel reservado a Ruralminas foi o de montar um arcabouço jurídico que permitisse repartir as terras entre as companhias interessadas. Abriam-se arquivos, revolveram-se papéis, a própria história do Brasil, das capitânicas hereditárias às sesmarias, para se saber quais as terras confirmadas por seus donatários por seus registros paroquiais após a independência. Advogados da Ruralminas foram até Portugal recolher os documentos necessários, que permitissem, no final, considerar terras devolutas do Estado, terras sem dono, praticamente todo o vale do Jequitinhonha (KOTSCHO, 1977, p.9).

Então, foram realizadas as repartições das terras das chapadas e do que estava em seu entorno, caso não houvesse demanda por parte dos agricultores. Essas terras devolutas tinham o Estado como único e legítimo proprietário e este foi bastante benevolente no arrendamento dessas terras, do alto e parte do médio Jequitinhonha, para as grandes companhias. Inicialmente, foram 17 empresas para dividir 1.131.900 hectares, no maior plantio contínuo de eucalipto do mundo. Sendo que, posteriormente, a Acesita reinou quase absoluta na região.

Como disse SILVA (1999), a terra de posse foi transformada em mercadoria e essa transformação embora não tenha se ocupado do uso da violência aberta, foi notório o uso da violência velada e legal, a violência monopolizada pelo Estado. Foi desta forma que, para se apropriar de uma terra, a partir de então considerada devoluta, era preciso apenas o reconhecimento público, ou seja, o título legitimado pelo Estado e dinheiro para compra. Mesmo a preços simbólicos a maioria dos agricultores não pôde arcar com as despesas impostas pela lei, entregando aos compradores vindos de São Paulo ou às grandes companhias as terras das chapadas.

O debate sobre a modernização já vinha ocorrendo desde os anos 50, quando a dicotomia dos dois Brasis relacionava o rural a tudo aquilo que fosse o velho, arcaico e atrasado, ao passo que o urbano era identificado ao novo, industrializado e desenvolvido. Assim, ocorreu a chamada modernização agrícola (revolução verde) que teve como base uma modernização conservadora, pois foi

marcada pela violência e impulsionada pelo regime militar pós 1964 em oposição a uma modernidade de bases mais democráticas.

Esse processo rompe um modo de vida e um patrimônio cultural dos mais elaborados no vale do Jequitinhonha: o complexo grota chapada.

Portanto, o sertão não pode ser considerado desocupado, vazio e somente possuindo terras impróprias para a agricultura. A lei de 1966, ao definir a área dos distritos florestais⁷, imprimindo a esta região tais características, negou toda uma história passada de ocupação da terra, além do modo de vida dessas populações e da história natural... O modo de vida secular assentado nas relações homem natureza, no direito costumeiro da posse pessoal e da terra comum e na existência de uma história da natureza sucumbiram, em menos de duas décadas, diante do fogo nas chapadas, das grandes máquinas de terraplanagem, dos motosserras, das invasões das terras nas veredas, das destruições dos marcos naturais que separavam as posses, das destruições das nascentes de águas (SILVA, 1999, p.44).

Esse desconhecimento sobre os sistemas agrários da região justificou toda uma gama dos chamados projetos de “desenvolvimento”, cujo lema era a redenção do vale da miséria. Ele se deu em duas frentes: a primeira com projetos governamentais e privados, como as monoculturas de eucalipto, grandes barragens hidrelétricas e de perenização, extração de granitos, parques florestais e reservas biológicas. Todos focados nos recursos naturais, as “potencialidades” da região como disse RIBEIRO (2007). Se o eucalipto teve como alvo as chapadas, as barragens invadem as grotas e inundam as terras mais férteis da região, deslocando comunidades inteiras para regiões distantes, com outros recursos ambientais, anulando um conhecimento construído secularmente. Por outro lado, temos os programas de extensão que continuam orientados para uma agricultura capitalizada e voltada para o mercado em regiões distantes, com modelos de agricultura do sul.

As características desses projetos revelam a lógica perversa que tem sido imposta sistematicamente aos “territórios” considerados “deprimidos” – como é o caso de toda área denominada “Minas Gerais – do-bico-para-

⁷ Os distritos florestais compreendem os municípios de Itamarandiba, Capelinha, Carbonita, Turmalina, Chapada do Norte, Francisco Badaró, Berilo, Salinas, Rio Pardo de Minas, Minas Novas, Diamantina e Senador Modestino Gonçalves todas pertencentes ao antigo termo de Minas Novas com exceção das duas últimas que foram formadas a partir do Serro (SOUZA, 2010).

cima”: os vales do rio Mucuri, Jequitinhonha e Pardo, o norte e noroeste de Minas. É a lógica da solução externa, transplantada, que usa a região como base física para empreendimentos que incorporam pouco ou nada da população e da cultura do lugar que recebe esse investimento. Por isso, para repensar os projetos de desenvolvimento é necessário antes de tudo conhecer a região e suas particularidades (RIBEIRO, 2007, p.33).

Nesse sentido, a população local do Jequitinhonha nunca foi levada em consideração e muito menos os seus saberes, tanto por parte do governo quanto de extensionistas, pesquisadores, educadores e mais uma vasta gama de mediadores que chegam à região. O preço pago pelos agricultores locais tem sido muito alto porque eles não são reconhecidos nas potencialidades do seu saber. Por terem seus conhecimentos invisibilizados, os projetos não conseguem pensar numa perspectiva partindo de dentro para fora. Essas intervenções vêm sempre no sentido de desconsiderar, por não conhecer, o saber acumulado dessas populações e nunca de potencializar esse saber existente. Mesmo o conhecimento sobre técnicas produtivas coesas e adaptadas ao ambiente, já tendo dado mostra suficiente de sua eficácia e eficiência ao longo de mais de duzentos anos. Esta cegueira técnica implementou projetos no Jequitinhonha num alto custo social, como veremos abaixo.

2.4 - O progresso chegando

Do Ouro ao Distrito Florestal

Chapada do Norte nasceu Santa Cruz da Chapada, sertão da bacia do Jequitinhonha, e era famosa pelo seu clima ameno e pela pureza do seu ouro. Teve seu nascimento ligado aos novos descobertos, e além de ter pertencido ao termo de Minas Novas são, também, municípios fronteiriços, distantes 22 (vinte e dois) quilômetros um do outro e distante 550 km da capital do estado. Tem uma população pouco mais que 15.000 habitantes.

A descoberta e a exploração do ouro deram-se às margens do lado esquerdo do rio Capivari, principal rio da cidade. Sendo Paiol e Itaipava, formados por volta e 1728, povoados que deram origem ao distrito de Chapada, quando se “repartiu o ribeirão do Bom Sucesso”. Sendo a margem direita desse rio pertencendo ao distrito

de Chapada e a margem esquerda pertencendo a Minas Novas. Beneficiado por sua localização estratégica, à margem da estrada que servia de rota às zonas de maior plantio de algodão, acolheu viajantes que iam para o Rio de Janeiro e faziam aí o seu pouso.

Por quase um século, a extração do ouro foi a atividade principal em Santa Cruz, porém em 1817 SAINT-HILAIRE (1975) já registrava que “Chapada já não fornece tanto ouro como antigamente, e vários dos seus habitantes se retiraram para outra parte. Entretanto, existem ainda na região algumas lavagens bastante produtivas”.

Por esta época, a literatura sobre a região, CASAL (1945) MATTOS (1979) já destaca a agricultura se consolidando como atividade importante, destacando-se a cultura do algodão, cana (principal produto exportado) arroz, feijão, milho, fumo e criação em pequena escala, de bovinos e muares, inclusive exportando para Teófilo Otoni, Diamantina e Serro.

Produzem abundantemente todos os cereaes, algodão, canna, fumo e em toda essa cultura occupam-se os seus pequenos lavradores (CASAL, 1945, p.97).

O augmento ou diminuição dos gêneros alimentícios só se altera, segundo o curso da estação chuvosa. Não há trabalhador estrangeiro, sendo o serviço da lavoura feito pelos próprios habitantes, muitos dos quaes têm, nestes últimos annos, emigrado para o visinho e florescente município de theophilo Ottoni. A causa apreciável da emigração é o offerecimento de vantagens que faltam no município (CASAL, 1945, p. 397).

Em1962, Chapada do Norte foi emancipada de Minas Novas e tem como característica marcante uma das maiores populações negras do país que, segundo dados, ultrapassam 90% de sua população, provenientes da mão de obra escrava da época da mineração. Tem um rico patrimônio cultural representado por monumentos religiosos como a igreja matriz de Santa Cruz e as capelas de Nossa senhora do Rosário dos Homens Pretos, Bom Jesus da Lapa e Nossa Senhora da Saúde.

Fazendo parte do Alto Jequitinhonha, têm as mesmas características da região, qual seja: uma agricultura assentada no trabalho familiar em pequenas propriedades com uma população migrante que desbravou os sertões, que foi para construção civil e várias outras frentes de trabalho no Brasil.

Como diz Seu Olímpio, um dos fundadores do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Chapada, Rei dos Mouros na festa de Nossa Senhora do Rosário e homem dos mais experimentados em trabalhos fora da região:

Tudo que eu tenho foi herdado dos braços. Eu não tenho nada, mas Graças a Deus o que nós temos foi tirado dos braços, porque quem trabalhou para construir foi eu e Geralda (sua companheira), na terra, fazendo roça (RIBEIRO, 2007, p.117).

Seu Olímpio faz parte dos milhares de agricultores do Jequitinhonha que saíram, trabalhou muito, conseguiu juntar um “dinheirinho”, investiu na roça e deu um incremento na produção. Com os filhos que ficaram resistiu na terra. Ele é somente mais um dos muitos agricultores que trazem essa duplicidade de ser dois em um, e não perder a sua condição de camponês. O trabalho na cidade não anulou o trabalho na lida da terra, só foi mais um aprendizado, dentre tantos outros desenvolvidos ao longo de várias idas e vindas. Assim, Ribeiro ilustra essa realidade.

Esses regimes agrários são culturalmente muito persistentes: foram constituídos ao longo de séculos de experimentação, negociação e sobretudo, resistência à renda da terra, ao latifúndio exportador e à integração mercantil. Abrigaram-se em nichos que nunca ou raramente confrontam a ordem instituída, são permeáveis e estabelecem um convívio ambíguo, ao mesmo tempo integrado e fugidio, com a sociedade envolvente. Sobrevivem na duplicidade de estar simultaneamente muito dentro e muito fora dos mercados, alicerçados numa ordem moral que permite a um lavrador carregar no corpo a memória do trabalho na construção civil no centro da cidade de São Paulo e oferecer este mesmo corpo para encarnar o “Rei dos Mouros” e assim celebrar a memória ancestral do povo cativo na festa de nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte (RIBEIRO, 2007, p.41).

Essa ambiguidade, esta capacidade de ser isto e aquilo ao mesmo tempo, de estar aqui e lá, de ser patrão em sua terra e empregado em terra alheia, de seguir o ritmo ditado pela natureza na origem e de seguir o tempo do relógio de ponto nas andanças migratórias é o que caracteriza essa população. Essa singularidade é que tem aguçado o olhar e a mente de vários pesquisadores na tentativa de compreender e desvelar esse mundo cheio de novelos.

CAPÍTULO 3. A MIGRAÇÃO NO MUNDO CAMPONÊS

3.1- A migração rural urbana na história brasileira

A migração é um dos temas que permeiam a nossa origem histórica. Como processo carrega todo um imaginário social criado a seu respeito. Afinal, a história do nosso país começa a ser contada através da migração de grandes contingentes populacionais que vinham da África e da Europa para habitar um mundo novo de possibilidades. Os que não vinham escravizados tinham como intuito “fazer a América”, ganhar dinheiro e voltar rico para o país de origem. De forma mais regionalizada, foi tratada pelo universo das artes no livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, sendo sua maior expressão, assim como por cientistas sociais que queriam entender a regularidade do pano de fundo em que se processava a migração do campo para cidade, num período em que o país começava a industrializar-se e o mundo urbano começava a sobrepujar o mundo rural.

Esse período é o momento das migrações internas de um povo construído em histórias que se fez Nação. Nação, esta, marcada pelas desigualdades regionais que fizeram com que a migração de nordestinos e mineiros já fosse acentuada desde a década de 1950. QUEIROZ (2011) observa que, entre 1960 e 1990, aproximadamente 8,1 e 3,8 milhões de pessoas saíram do Nordeste e Minas Gerais para outros estados do Brasil, respectivamente. Sendo o êxodo rural brasileiro de 1960 a 1980 contabilizados em 27 milhões de pessoas. *“Poucos países conheceram movimentos migratórios tão intensos, quer se considere a proporção ou a quantidade absoluta da população rural atingida”*. (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999).

Assim, muitos de nós somos descendentes ou fazemos parte dessas pessoas que vieram para as cidades em busca de algo. Muitas histórias circulam e trazem em seu bojo um cheiro de terra (OLIVEIRA, 2011, p. 32).

Antônio Candido em *Os Parceiros do Rio Bonito*, publicado em 1964 e Eunice Durhan *A Caminho da cidade* (1973) são referências para o nosso ponto de partida na compreensão do tema em questão. Pois, respectivamente, foram obras seminais na tentativa de entendimento dos meios de vida da população rural do

Brasil e da absorção dessa mão de obra no processo de urbanização, seguidos por trabalhos mais recentes de José de Souza Martins (1986) e de Woortmann (1990). Sucintamente, faremos um breve resgate da discussão sobre migração nas obras citadas.

Entre as décadas de 1940 e 1950, CANDIDO (1982) embrenhou no território chamado de Paulistânia, que compreendia os estados de Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e Goiás para analisar as formas de obtenção dos meios de vida e a sociabilidade da sociedade caipira⁸. Pois a sociedade brasileira estava vivendo um momento de transição e o autor queria entender como os impactos da economia de mercado estavam afetando a vida de uma população que, por quase um par de séculos, gestou uma forma relativamente autônoma de se reproduzir, como disse OLIVEIRA (2011). Para responder às questões suscitadas, o autor fez um levantamento histórico da formação da sociedade caipira a partir das formas de ocupação da terra, do arsenal técnico utilizado na produção, dos recursos alimentares e dos laços de sociabilidade, enfim de sua cultura.

Para o autor, o ponto de partida é a compreensão das relações do grupo com o meio físico e de como o grupo social vai construindo um equilíbrio com este meio tendo como base o suprimento relativo de suas necessidades e as disponibilidades de recursos do meio físico, requerendo do grupo soluções adequadas e completas, para a eficácia desse equilíbrio.

De tal modo a poderemos dizer que as sociedades se caracterizam, antes de mais nada, pela natureza das necessidades de seus grupos, e os recursos de que dispõem para satisfazê-la (CANDIDO, 1982, p. 23).

Sendo assim, a evolução das sociedades vai ser um vasto processo de emergência de necessidades sempre renovadas e multiplicadas, a que correspondem recursos também renovados e multiplicados para satisfazê-las, dando lugar a permanente alteração dos vínculos entre homem e meio natural (CANDIDO, 1981 p.23.).

⁸O termo caipira foi utilizado por Candido por ser uma designação cultural que tem a vantagem de não ser ambígua (exprimindo desde sempre um modo de ser, um tipo de vida, nunca racial), e a desvantagem de restringir-se quase apenas, pelo uso inveterado, à área de influência histórica paulista (CANDIDO 1921, p.22).

Desta forma, o autor ressalta que este meio natural não será utilizado indiferentemente, a sociedade caipira elaborou técnicas que permitiram estabilizar as relações do grupo com o meio, mediante o conhecimento dos recursos naturais. Pois os animais e as plantas não constituem, em si, alimentos do ponto de vista da cultura e da sociedade. É o homem quem os cria como tais, na medida em que os reconhece e seleciona e define. “O meio se torna deste modo, um projeto humano nos dois sentidos da palavra: projeção do homem com as suas necessidades e planejamento em função destas, como uma construção da cultura”. (Ibidem, p.25).

Neste contexto, o trabalho da família e o auxílio vicinal são elementos fundamentais para a reprodução dessa sociedade, constituindo-se como os dois componentes básicos dessa estrutura social. No âmbito da primeira devemos incluir as indústrias domésticas, principal fonte dos bens de consumo, no tocante aos utensílios, roupas, manipulação de gêneros alimentares – o que contribuía notadamente para a autossuficiência. Esta se configurava, pois, em dois planos interdependentes: o da família e o da vizinhança.

Antigamente, a gente do sítio fazia tudo e raramente ia ao comércio comprar sal. Assim é a memória dos agricultores de um tempo de fartura... comida de sobra... roupa feita em casa. precata, etc., (CANDIDO,1981, p.38).

Dir-se-á, então que um grupo ou camada vive segundo mínimos vitais e sociais quando se pode, verossimilmente, supor que com menos recursos de subsistência, a vida orgânica não seria possível, e com menor organização das relações não seria possível a vida social: teríamos fome no primeiro caso e anomia no segundo (Ibidem, p. 35).

O segundo componente caracteriza-se no agrupamento de algumas ou muitas famílias vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdicas religiosas; esta é a estrutura fundamental da sociedade caipira. *O compadrio assim como o mutirão são formas de fortalecer a obrigação bilateral, elemento integrante da sociabilidade do grupo, que desta forma adquire consciência de unidade e funcionamento* (Ibidem, p. 67).

Porém esse equilíbrio de mínimos vitais e sociais entre homem, natureza e sociedade vai paulatinamente enfraquecendo a correlação entre as necessidades e as formas de satisfação do grupo. A sociedade caipira vai dependendo cada vez mais dos bens produzidos na cidade, tanto manufaturas como parte do próprio alimento. Fartura e autossuficiência são apenas lembranças remotas presentes na memória.

Os desequilíbrios dos mínimos vitais e sociais, ou crise conforme o autor são reforçadas em duas direções, tanto nas relações internas do grupo como nas relações externas e conjunturais. São fatores de desajustes a diminuição da oferta de terras férteis e de fácil cultivo, queda na caça, pesca e coleta, aumento da densidade populacional, somado ao enfraquecimento da terra e a fragmentação por herança. Soma-se a isto que, quando um meio se exauria, corrigia-se a situação pela mobilidade em novas fronteiras agrícolas, similar ao relatado no capítulo anterior, da saga migratória no Jequitinhonha. Esta mobilidade permitia a multiplicação constante de agrupamentos do mesmo tipo incluindo os laços de sociabilidade que se manifestavam através da família conjugal e laços vicinais. Exauridas essas estratégias de mobilidade, o caipira teve de fazer novos arranjos para sua continuidade.

Outro duro golpe nas estratégias do caipira foi a valorização das terras. As terras passaram a ter um grande valor especulativo e começaram a ser adquiridas pelas agroindústrias nascentes. A terra deixa de ser garantida pelo trabalho e passa a ser regida pelo capital. A aquisição da terra passa a ser legalizada e beneficiava aqueles que participavam do sistema político administrativo; como disse DURHAN (1973).

A mudança desse modo de vida tradicional não pode ser compreendida somente em termos de organização interna das comunidades, mas como resultado de pressões que emanam da sociedade global na qual se inserem. É essa relação que nos permite analisar a direção da transformação que se processa e as possibilidades de ajustamento dos indivíduos à nova ordem social de emergência (Ibidem, p.96).

Dessa forma, o fazendeiro ou latifundiário ao incorporar terras ocupadas através da posse dos títulos de propriedade transformou esses trabalhadores livres

em meeiros ou agregados, desconhecendo dessa forma seus direitos à terra. Estes últimos para reproduzir suas formas de vida passaram a depender da benevolência dos fazendeiros e em troca ofereciam sua lealdade. Estabelecem-se, assim, novos padrões de propriedade e dominação de forma a integrar subalternamente os pequenos agricultores ao sistema político nacional. Para manter-se como agricultores agora era necessário trabalhar mais para o foro exigido ou simplesmente ser expulso e assalariar-se. Isso não significou simplesmente o assujeitamento dessas populações, mas foi uma estratégia, como o regime de meação⁹ ou parceria, buscada como forma de manutenção de suas formas de vida anterior.

A existência de uma vida camponesa não envolve meramente uma relação entre camponeses e não camponeses, mas um tipo de adaptação, uma combinação de atitudes e atividades destinadas a sustentar o cultivador em sua luta pela sobrevivência individual e de toda a sua espécie, dentro de uma ordem social que o ameaça de extinção (WOLF, 1970, p.34).

Para CANDIDO (1975), a parceria no Brasil representa muitas vezes uma forma de compromisso do grande ou médio proprietário que não tem meios de explorar diretamente as suas terras e o trabalhador rural que não deseja tornar-se assalariado. Este sistema de meação ou parceria ocorria, mais frequentemente, em áreas chamadas velhas e de menor prosperidade agrícola. Por isso *denota a coexistência do proprietário financeiramente insuficiente e do ex-proprietário, obrigado a lavrar chão alheio (Ibidem, p.143).*

Trabalhavam para si e para algum patrão para manter uma parcela de terra própria. Tais estratégias beneficiavam ainda mais o proprietário legal, pois tinham uma mão de obra barata que se autossustentava. Na impossibilidade de acessar tais estratégias, a migração se tornou um recurso importante para esses grupos (CANDIDO, 1975, p.37).

Para compreender melhor esse novo período, vamos lançar mão dos estudos de (DURHAN, 1983) que partiram das transformações ocorridas na vida dos sujeitos que viviam esse processo de migração, em uma pesquisa realizada em São Paulo,

⁹ Meação: contrato de parceria entre agricultores em que um entra com a terra e o outro com o trabalho, sendo o produto dividido em dois.

Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Curitiba. Pesquisa, esta, que se estendeu de 1964 a 1970 e tinha como objetivo reconstruir a situação anterior à migração.

O que chama a atenção da autora não é a migração em si, pois esta sempre foi constitutiva do universo rural, mas sim a amplitude dos deslocamentos no Brasil do século XX, pois em 1970, pela primeira vez, a população urbana excede a rural, mesmo a migração para as cidades não sendo um fenômeno particular daquela época.

A análise do processo migratório desloca, assim, o foco da comunidade para o indivíduo através de transformações nos sistemas de ações, conhecimentos e valores dos sujeitos. “Pois, estes se dispersam na população e não podem ser estudados como grupo ou classe social, mas apenas como categorias de pessoas”, (DURHAN, 1983, p14). Na mesma linha de raciocínio, Candido afirma que “entregue cada vez mais a si mesmo, o trabalhador é projetado do âmbito comunitário para a esfera da economia regional, individualizando-se”. (Ibidem, p.169). *A integração de contingentes crescentes de trabalhadores rurais nas cidades não significa apenas urbanização, mas é um aspecto de uma transformação do sistema socioeconômico que afeta tanto a cidade como o campo* (DURHAN, p.39). Por isso o local de destino desses trabalhadores, a cidade, vai ser o campo principal de sua pesquisa.

Para a autora, a transformação do caboclo, que é um camponês, em mão de obra só se dá na medida em que é destruída a viabilidade do sistema tradicional de adaptação ecológica e equilíbrio econômico. Porém essa incorporação não implica necessariamente no abandono da economia de subsistência (e das formas de organização social que lhes são próprias), mas ao contrário, exige sua conservação. Isso acontece porque o pagamento da força de trabalho é insuficiente para sua manutenção e reprodução; a sobrevivência depende da produção direta de bens de consumo. A participação do trabalhador nesse sistema é assegurada tanto pela limitação do acesso à terra quanto pela criação de novas necessidades que só podem ser satisfeitas pela compra, isto é, com dinheiro. Nesse sentido, a autora considera também a migração temporária, já intensas nessa época para o corte da cana, como uma forma de aliviar as tensões econômicas sociais das famílias

camponesas, para ela a mobilidade social é um recurso adaptativo na economia de subsistência.

O foco de estudo da autora é a migração definitiva para a cidade e a compreensão de que a adaptação desse trabalhador rural às novas condições só se faz pelo abandono gradual das estruturas tradicionais e a incorporação desses indivíduos em sistemas mais complexos de produção e vida social. A migração, segundo ela, é fundamentalmente de ordem econômica.

A comunidade rural não possui elementos culturais que permitam uma transformação de molde a possibilitar o entrosamento no sistema econômico capitalista industrial. É abandonando a posição de parceiro ou agregado que o trabalhador rural se integra na vida nacional (DURHAN, 1983, p.113).

Para o entendimento da concretização desse processo migratório, a autora pesquisou como as redes de sociabilidade presentes no universo rural foram fundamentais no suporte emocional e financeiro dessa população que estava fazendo a travessia da roça para a cidade. A família tem um papel importante nesse processo, já que a migração quase nunca era um processo essencialmente individual. “Assim a migração, que aparece como solução para problemas que afetam a família, tendem a ser resolvidas em termos familiares” (Ibidem, p.128).

Partindo de uma realidade, de um universo cultural em que as relações sociais obedecem a um código mais simples, de relações mais hegemônicas e pessoais, o migrante aciona o apoio dos amigos e parentes na cidade, que fizeram o mesmo percurso da travessia. *“São estes que vão agir como ‘intérpretes’ do mundo urbano e transmitir a sua experiência pessoal facilitando a aprendizagem à integração na nova vida na cidade”.* (DURHAN, 1973, p.129) E assim, esse processo vai se repetindo através de gerações, pois quem apreende os códigos da cidade vai socializar com quem estiver chegando. Capital social e cultural numa mesma pessoa, numa rede de amigos e parentes.

Quando o trabalhador rural se desloca à procura de emprego, segue as rotas que foram seguidas por parentes e amigos antes dele. Ele vai com

conhecidos, ou à procura de conhecidos, que sabe estar em tal ou qual lugar. Os lugares que ele conhece são aqueles que fazem parte da experiência passada da sua comunidade e são as relações pessoais que servem de ponto de apoio à movimentação espacial (Ibidem, p.137).

A não ser excepcionalmente, o emigrante não se aventura no desconhecido, mas se orienta, por notícias, por informações, por relações. Nesse movimento ele conhece novas pessoas, estabelece novas relações, que são outras tantas fontes de informação e outros tantos pontos de apoio (DURHAN, 1983, p.138).

Para CANDIDO (1975), essa intensificação da mobilidade via processo de urbanização e de industrialização afetou as áreas rurais criando novas necessidades e introduzindo bens de consumo até então pouco conhecidos. Essas novas necessidades destroem a autonomia da sociedade caipira e os liga, irremediavelmente, ao ritmo da economia geral, isto é, da região, do estado e do país. Doravante ele compra cada vez mais, desde roupa e utensílios até alimentos e bugigangas de vários tipos. Surge, então, uma situação inédita: a construção necessária de um orçamento, ainda que virtual como base da economia doméstica. A uma fase em que o dinheiro é quase ausente, sucede outra, em que ele assume vulto cada vez mais poderoso, pelo incremento da compra e da venda.

A industrialização, a diferenciação agrícola, a extensão do crédito, a abertura do mercado interno ocasionaram uma nova e mais profunda revolução na estrutura social de São Paulo... Acham-se agora frente a frente homens do campo e da cidade, sitiantes e fazendeiros, assalariados agrícolas e operários – bruscamente reaproximados no espaço geográfico e social, participando de um universo que desvenda dolorosamente as discrepâncias econômicas e culturais. Nesse diálogo, em que se empenham todas as vozes, a mais fraca e menos ouvida é certamente a do caipira que permanece no seu torrão (CANDIDO, 1975, p. 168).

Várias mudanças ocorrem na vida desses trabalhadores na cidade, a primeira é que a regulação do tempo não será mais ditada pelos ritmos da natureza. Esta se dará pelo ritmo do relógio e significa a perda da autonomia da atividade produtiva, junto a isto a diminuição da margem de lazer, a prestação de contas a um chefe que não faz parte de sua rede de parentela.

A carreira profissional fica determinada pela história ocupacional do grupo ao qual faz parte não mais à de sua família. A possibilidade de inserção no mercado de

trabalho vai ser definida não só pela oferta do trabalho, mas também em conhecer o modo específico de disputá-lo ou de qualificar-se para ele. Pois são essas redes tecidas, tanto na origem como no destino, que vão condicionar a ocupação profissional futura desses trabalhadores.

Como podemos perceber, a migração institucionaliza-se como parte das estratégias do universo camponês. O que faz WOORTMANN dizer que os *camponeses são, além de produtores de alimentos, produtores de migrantes. Por isso, áreas camponesas já foram chamadas de 'celeiros' de mão de obra* (1990, p. 34).

Se Durhan teve como tema o impacto das transformações econômicas que estavam em andamento na sociedade brasileira na vida dos sujeitos, Woortmann vai pesquisar como as famílias camponesas articulam-se internamente na definição de quem sai e quem fica, vai mostrar os vários tipos de migração e como elas se complementam, tendo como foco do seu estudo o nordeste brasileiro.

A migração camponesa não é apenas consequência da inviabilização de suas condições de existência, mas é parte integrante de suas práticas de reprodução (WOORTMANN, 1990, p. 34).

São três os tipos de migração definidas por WOORTMANN: a migração pré-matrimonial do filho, a do chefe da família (do tipo circular) e a emigração definitiva. As duas primeiras são referidas como “viagem” e a última como saída. “Cada uma possui um significado específico, mas elas se articulam entre si e com outras práticas de reprodução social, face à hierarquia da família à composição do grupo doméstico e à transmissão da terra.” (Ibidem, p.35). A migração cíclica que nos interessa, tende a ocorrer após o casamento, ao longo de muitos anos e pode ser uma continuidade da migração pré-matrimonial. “Assim, ao longo de sua carreira migratória, o campesinato dissolve a dicotomia rural-urbano (quando se dirige para a cidade), unificando em sua experiência de vida as experiências da cidade e do campo. Metade do ano é “rural” e a outra metade é “urbano” no decorrer de sua circularidade”. (Ibidem, p.51). A migração também se destina a constituir uma rede

social de apoio que garanta a volta ao mesmo lugar. “Ela constrói um “capital social e simbólico” representado pelo ‘conhecer bem o lugar’, pelo ‘saber onde procurar’, isto é, pelo saber movimentar-se no espaço social”. (Ibidem, p.39)

A dimensão simbólica da migração para além de sua dimensão prática, como parte do rito de passagem que reintegrará a pessoa na sociedade com o status transformado de rapaz para homem, tem um grande importância para o autor. Pois, *“para tornar-se homem é preciso enfrentar o mundo, mesmo entre os fortes, e retornar vencedor, o que será atestado pelo dinheiro trazido na volta”* (WOORTMANN, p.35).

Já a migração definitiva não representa um rompimento radical entre os que saem e os que ficam. “A obrigação com os parentes é um princípio central, mas ela é uma rua de duas mãos, pois, também se impõem aos que ficam; e isso conduz a outra questão. Se os que saem perdem o acesso à terra, não perdem necessariamente o acesso à família e nunca se pode prever quão definitiva é a emigração definitiva” (Ibidem, p.52).

Se o autor preocupou-se em entender a migração a partir dos rearranjos internos da família camponesa, numa perspectiva mais antropológica, ele também não perdeu o foco do encurralamento em que o latifúndio exportador desempenhou na vida das famílias de sitiante. A perda de terras em comum é outro fator que vai abalar a estrutura interna da família camponesa. Ele vai explicitar como os monopólios dessas terras passam para as mãos dos latifundiários e como esse processo impacta e altera a organização interna do grupo, afetando a hierarquia do trabalho familiar na divisão dos espaços no sítio. Essa apropriação pelo latifúndio faz com que o chefe da família fique sem seu espaço próprio material e simbólico, o pasto e o roçado. O espaço do quintal, destinado ao domínio feminino não é o seu lugar. Sendo assim “esse sitiante fraco deve buscar outro espaço, que pode ser dado pela migração”. (WOORTMANN, p.42). Essa incorporação, pelo particular do que era coletivo, funciona também como uma barreira (pela cerca e pelo capim) à expansão demográfica do sitiante. “Aos poucos as soltas foram sendo apropriadas pelos “proprietários”, que possuem grandes extensões de terra, e cujo significado se opõe ao de “dono”, termo que se refere àquele que pelo trabalho, transforma um trecho de solta em sítio”. (Ibidem, p.39).

Apesar das diferentes conceituações, caipira para Candido, caboclo para DURHAN, sitiante para WOORTMANN, podemos observar que existe uma grande similaridade do campesinato em diferentes regiões do Brasil. Como o processo de produção e organização do campesinato, caracterizado pelo processo de expansão do latifúndio exportador, pelo processo de urbanização - industrialização, por novas necessidades de consumo criadas pela modernidade, pela valorização da terra que passou a ter um valor determinado pelo capital especulativo, e não mais pelo trabalho de quem ocupa e produz e pelo fechamento das fronteiras agrícolas. É importante ressaltar que processos semelhantes aos ocorridos nos estudos dos autores citados aconteceram em outras regiões do Brasil, como no sul do país, o esgotamento de novas áreas de ocupação, fragmentação da terra, etc., que fez Abramovay dizer que uma das funções da família camponesa é a produção de terra, fato semelhante ao ocorrido no Jequitinhonha.

A modernização, descrita a partir de Candido e Durhan, técnica e economicamente amparadas pelo grande capital, é que vai caracterizar o processo de industrialização e urbanização do Brasil. Essa modernização, não raro, tem representado desemprego, desenraizamento, desagregação da família e da comunidade. Pois,

[...] é próprio da sociedade capitalista destruir as relações sociais que não sejam relações capitalistas. É a supremacia das leis do mercado sobre quaisquer outras leis sociais, a destruição das relações sociais tradicionais e, portanto, a exclusão das pessoas em relação àquilo que elas eram e àquilo que elas estavam acostumadas a ser (MARTINS, 2002, p.120).

O mais paradoxal desse processo é que o capitalismo exclui de um lado para incluir em outro. Porque ele precisa transformar cada ser humano, independente da origem, da idade, da etnia, do tamanho, em consumidor, em membro da sociedade capitalista. É uma inclusão de modo excludente, porque inclui de forma desigual, na degradação da pessoa e na desvalorização do trabalho como meio de inserção digna na sociedade. Criam formas desumanas de participação, e direitos são transformados em privilégios.

Nesse sentido, MARTINS (2008) faz uma crítica contumaz à forma como a modernidade constituiu-se no Brasil. Primeiro como modelo vindo de fora e

construída em temporalidades outras, que não as nossas. “Ela nos chega, pois, pelo seu contrário e estrangeira, como expressão do ver e não como expressão do ser, do viver e do acontecer” (Ibidem, p.24). Outra característica desse modelo de modernidade é o “hibridismo” cultural, da conjunção de passado e presente, do inacabado e inconcluso, do recurso ao tradicionalismo e ao conservadorismo. O inacabado e inconcluso de uma modernidade que não se completa, que ficou no meio do caminho sem nunca completar a travessia. É esse modelo de modernidade que faz com que uma fazenda com alto nível de sofisticação tecnológica, que mantém chips em suas vacas para serem controladas em São Paulo, mantenha na Amazônia mais de 500 trabalhadores escravizados, que faz com que o setor sucroalcooleiro, o mais avançado em tecnologia do agronegócio, mantenha trabalhadores cortando tocos de cana de joelhos porque as suas máquinas, de última geração, não são apropriadas para tal função, pois a proximidade com a terra as danificaria. Esse mesmo setor mantém trabalhadores cortando cana com mais de 3000 golpes de facão por dia, num serviço estafante e degradante para ganhar pouco mais que um salário mínimo. Estas “fazendas são em grande parte organizadas segundo as concepções e as possibilidades mais modernas do grande capital” (Ibidem, p.30).

Nesse sentido, a migração, em muitos casos, também faz parte dessa modernização às avessas, por mais paradoxal que pareça, é também uma estratégia de permanência na terra, sair para permanecer, em contextos históricos os mais diversos. Na agricultura familiar, a migração representa um somatório de fatores, que compreende: a escassez e o enfraquecimento das terras, a falta de alternativas de geração de renda nas unidades de produção, desejo de ampliar o conhecimento do mundo e independência financeira dos pais; estes fatores são importantes para determinar a migração, seja definitiva ou temporária dos jovens. Vamos nos ater no presente trabalho, à migração temporária de jovens de uma localidade do Jequitinhonha, que estão numa fase de transição que, tanto pode significar a permanência na terra, como a saída definitiva. Para tanto, MARTINS (1975, 1986, 1991, 2002, 2012) será um autor fundamental para entendermos a base dessa migração temporária, pois ele se ateve à compreensão dessa migração no próprio Vale do Jequitinhonha.

De um lado o migrante temporário sai de casa para trabalhar como assalariado e ganhar dinheiro que lhe permita recriar as condições da sua sobrevivência como camponês. A necessidade da migração é resultado de que, como camponês, vive no limite da mera subsistência... Vive no limite entre o ficar e o partir definitivamente (MARTINS, 1986, p.52-53).

É na tentativa de compreender o limite entre ficar e partir, que trataremos à frente do tema juventude e migração. É importante ressaltar que pouco se alterou na estrutura agrária do país durante os mais de 50 anos das obras de Candido e Durhan. Porém, segundo dados do censo de 2010, o campo está envelhecendo e cada vez menos jovens se dispõem a ocupar o lugar dos pais na gestão da propriedade da terra. Essa percepção do hibridismo camponês em sua carreira migratória, que é metade do ano rural e metade do ano urbano, é o que tentamos responder para os dias atuais a partir da realidade dos jovens rurais que vão para o corte da cana.

3.2 - Definindo juventude rural¹⁰

A Definição de juventude na literatura sociológica constitui-se em categorias não muito precisas devido à dificuldade em delimitar o início e o fim do período chamado de juventude. Idade cronológica, maturidade, relações de dependência e de autonomia foram alguns critérios construídos para se tentar chegar a uma maior homogeneidade do termo.

Se o risco da abstração homogeneizadora da categoria ocorre, no limite oposto a fragmentação e a aposta radical da análise apenas nas diferenças, quer sejam elas diversidade ou desigualdades, implodem a própria noção de juventude e as eventuais singularidades que delimitam a condição juvenil em tempos e espaços socialmente construídos (SPOSITO, 2007, p. 18).

¹⁰ Cabe destacar que o termo juventude rural unifica categorias sociais e identitárias distintas do campo e da floresta, como extrativistas, seringueiros/as; quebradeiras de coco babaçu; pescadores/as; marisqueiros/as; agricultores/as familiares; trabalhadores/as assalariados/as rurais, meeiros/as; posseiros/as; arrendeiro/as; acampados/as e assentados/as da reforma agrária; artesãos/ãs rurais que têm como unidade a identidade cultural com a terra e o direito ao reconhecimento como cidadão (CORROCHANO, 2010, p.35).

Segundo BOURDIEU (1983), a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputa em todas as sociedades. Soma-se a isto os aspectos temporais, culturais, sociais, econômicos e políticos que serão fundamentais na construção das singularidades desses jovens atores.

Quando começa ou termina a juventude? Essa pergunta vem sendo feita por vários pesquisadores do tema em diversos lugares ao longo dos anos. Categorias foram elaboradas com o propósito de construir paradigmas que dessem conta do tema em questão. Noções como a de que a juventude trata de uma fase da vida, a constatação de sua existência como força social renovadora e a percepção de que vai muito além de uma etapa cronológica, para constituir um estilo próprio de existência e de realização pessoal (AUGUSTO apud, FORACCHI, 2005, P.23), foram algumas tentativas feitas para se construir uma unidade teórica da categoria.

Se consensos são difíceis de serem construídos, o mesmo não se pode dizer de seu oposto, ou seja, a constatação de diferentes juventudes porque existem diferentes realidades, talvez este seja o primeiro acordo entre os pesquisadores. Sendo assim, não mais se fala em juventude, mas em juventude(S) como condição para marcar as diferentes inserções socioculturais do ser jovem no mundo.

Essa perspectiva trouxe um olhar da diversidade para além dos cortes etários, ou apesar deles, caminho este que contribuiu para fugir da homogeneidade nos debates estabelecidos sobre juventude no Brasil já na década de 1980 a 1990.

Assim podemos entender a juventude como aqueles que vivenciam o mesmo processo histórico e cultural, que possuem certa identidade decorrente do lugar que ocupam na sociedade, mas vivenciam a juventude de forma diferenciada, pois as variáveis de classe, gênero, etnicidade, religião, responsabilidades, expectativas fazem parte da definição de quem é visto ou considerado jovem (HONWANA; BOECK, 2005 apud CASTRO, 2009, p.40).

Embora juventude não seja uma temática nova de estudos no país é recente o tema da juventude rural como alvo de pesquisa, é ainda *uma categoria analítica em construção, cujos contornos são pouco delineados*, (CASTRO, 2009, p.40). De

acordo com o estado da arte (2009) sobre juventude rural, de 1980 a 1998, do total de trabalhos sobre juventudes (1427), somente 52, ou seja, 4% tratam dos jovens rurais, quando se trata de juventude rural e trabalho esta produção discente chega a 5 entre teses e dissertações. Porém, de 2004 a 2007, foram produzidas 197 obras, o que constata um crescimento paulatino sobre o tem. Essa pouca visibilidade acadêmica, segundo CARNEIRO (2009), faz com que esses jovens só se tornem visíveis quando adultos, criando um vazio nos dados estatísticos. *São percebidos pelos estudos sobre a organização social no campo apenas como aprendiz de agricultor, o que vai definir inclusive as poucas políticas públicas para esse público, no interior dos processos de socialização e de divisão social do trabalho no interior da unidade familiar, o que os tornam adultos precoces já que passam a ser enxergados unicamente através da ótica do trabalho*, inviabilizando outras dinâmicas complexas de socialização, as quais os jovens fazem parte. Desta maneira, a homogeneização das diferenças no interior de uma categoria mais ampla, como a de “juventude rural”, acaba contribuindo para perpetuar a invisibilidade dos jovens agricultores familiares e de outras juventudes, na medida em que não reconhece as especificidades das diversas situações juvenis. Forja-se uma juventude rural a partir de uma ótica urbana que percebe o rural como um espaço da precariedade social, reforçar-se, mesmo que involuntariamente, o estigma sobre este segmento como disse WEISHEIMER (2012). Já para CASTRO (2009), a ideia construída do jovem rural como atraído pelos modos de vida urbanos contribui para a invisibilidade da categoria na medida em que nega a construção de identidades sociais e, portanto de demandas sociais.

Enquanto eles permanecerem invisíveis ao meio acadêmico e ao sistema político, não sendo socialmente reconhecidos como sujeitos de direitos, dificilmente serão incluídos na agenda governamental. Não é exagero dizer que os jovens rurais brasileiros não gozam do direito à cidadania quando se trata de admiti-los como sujeitos ou atores políticos com direito de participar das decisões que afetam sua vida e seu futuro. Além disso, da perspectiva dos direitos sociais, mesmo os mais elementares, essa juventude convive com diversas situações de não-reconhecimento, preconceitos, marginalidade e exclusão (WEISHEIMER, 2005, p.9).

Esse não (re) conhecimento das juventudes rurais, essa invisibilidade de suas várias realidades, tem refletido nas poucas políticas públicas pensadas para esses

atores. Pois concebem que filho de agricultor será necessariamente agricultor, sem considerarem a realidade da agricultura familiar no Brasil e as várias formas encontradas pelos seus membros para lidar com as adversidades da fragmentação da terra e do excesso de herdeiros. Somando-se a isso, há que se levar em consideração que parte dos jovens não tem a agricultura como desejo. Essa invisibilidade, citada acima, mais que o preconceito, reforça a forma distorcida com que esses jovens vêm sendo concebidos; e o impacto dessa invisibilidade nas políticas públicas é tratar como igual o que é diferente. É investir grandes recursos em cursos de capacitação que nada dizem a esses jovens e que não farão a menor diferença em suas vidas profissionais.

Mesmo com essas distorções, cabe ressaltar que esses jovens do meio rural carregam a especificidade de terem parte de sua socialização no processo de trabalho familiar agrícola. Como são membros de uma unidade doméstica que atua também como uma unidade de produção agrícola, predominam instituições de saberes, normas e valores do universo da família e do processo de trabalho que esta realiza, o que produz os dilemas e as características diferenciadas de sua condição juvenil, tais como a ambivalência em relação ao trabalho agrícola e à herança do patrimônio familiar (WEISHEIMER, 2012). Com as mudanças ocorridas no meio rural, tais como: diminuição do número de filhos, envelhecimento da população, dificuldades em formar um herdeiro que assuma a propriedade da terra; essa juventude passa a ter um papel importante nos estudos em questão, na medida em que *são protagonistas dos impasses e dilemas das dinâmicas de produção, de reprodução, de transformação e de decomposição da unidade de produção familiar, uma vez que a eles cabe a tarefa de realizar a sucessão geracional desta unidade produtiva* (Ibidem, 2012). Carregam o peso de serem os responsáveis pela continuidade da unidade de produção familiar, CASTRO (2009). O grande dilema campo-cidade os coloca no centro das transformações sociais no meio rural como disse CARNEIRO (1998). Nesse sentido, migração e trabalho familiar agrícola passam a ser o elemento fundamental para a compreensão das especificidades dessa situação juvenil. A juventude rural passa a ser percebida na sua singularidade e não mais como apêndice da juventude urbana. A heterogeneidade das condições

de vida desses jovens, que são do meio rural, resulta em diferentes inserções produtivas, de acesso a serviços públicos e diferentes padrões de sociabilidade.

Compreender o que há em comum e o que há de singular nas diferentes situações dentro desse universo tem sido a preocupação dos (as) pesquisadores (as) do tema na medida em que é consenso que a juventude rural também é plural. Definir o que se compreende como juventude rural demandou tentativas de construção de categorias analíticas por parte dos pesquisadores do tema. Para CARNEIRO (2007, p.4), *jovem seria aquele indivíduo que se encontraria em uma fase caracterizada pela discrepância entre o projeto de vida vislumbrado e as atividades em realização*. Para WANDERLEY (2007), *a juventude corresponderia a um momento no ciclo da vida, caracterizado como momento de transição entre a infância e a idade adulta*. BRUMER (2007) compartilha a mesma linha de raciocínio das autoras citadas acima, qual seja, a juventude corresponde a uma fase da vida de transição gradual da infância até a idade adulta, mesmo os limites variando em diferentes sociedades e classes sociais.

Sintetizando os autores citados, ABRAMO (2007) procurou pontuar o que há de comum e de singular entre os jovens nas diferentes situações ou condição juvenil, e o que compõem situações diferentes e desiguais na juventude. Segundo a autora, o que há de comum aos jovens em diferentes situações é o momento em que se define “o projeto de vida”, buscando construir o modo de viver a vida adulta. Contudo os elementos, os recursos existentes para a definição do projeto de vida, a amplitude das escolhas e as condições para a estruturação do modo de vida é que vão configurar as desigualdades e singularidades. Outro elemento que aparece como constante é a demanda por “viver a juventude”, partilhar de certos processos de certas atividades e experimentações, muitas vezes vinculadas às possibilidades de formação e participação social, ao lazer, à diversão e à sexualidade, vividos numa intensidade peculiares aos jovens. *Essa demanda de viver a juventude* citada por CARNEIRO (2007) é também partilhada pelos jovens rurais, mesmo em situações econômicas, sociais e culturais diferenciadas e desiguais.

Entretanto, para ABRAMO (2007), as duas dimensões que aparecem como constitutivas da vida juvenil compõem a base que nos autoriza falar de jovens no

geral, e são o pano de fundo sobre o qual se desenham as diferenças e se projetam as consequências das desigualdades. “São processos comuns a todos os jovens que se concretizam em situações diferenciadas, de acordo com as condições desiguais” (Ibidem, 2007, p.68).

Então a definição do que seria a juventude rural como categoria distinta de outras experiências juvenis tem apontado para investigar os contextos específicos nos quais a categoria tem sido construída e o sentido que ela assume para os atores rurais. Para estes jovens, as relações sociais se constroem no presente, inspiradas nas tradições familiares e locais – o passado orienta as alternativas possíveis de futuro das gerações e a reprodução do estabelecimento familiar. Esse jovem pode ser multifacetado, porque é originário de realidades diferenciadas e portador, ao mesmo tempo e paradoxalmente, de um ideal de ruptura e de continuidade do mundo rural. Para a autora, a estrutura de distribuição de terra é a responsável maior pelo bloqueio à reprodução social dos jovens agricultores por impor restrições à capacidade produtiva e inibir a capacidade produtiva dos membros da família, tendo como consequência a migração. *A migração seria, então, não o caminho para a realização dos sonhos, mas o meio para escapar das restrições da vida local, tanto no plano familiar quanto do plano da sociedade local* (CASTRO, 2009, p. 23).

Porém diferentes autores têm se preocupado em apreender a categoria de uma forma mais abrangente. Para esses (ABRAMOVAY, SILVESTRO, CORTINA, BALDISSERRA, FERRARI & TESTA, 2001; BRUMER, 2008; CARNEIRO; 1998, 2005; CASTRO, 2005, 2006, 2009; 2006; WANDERLEY, 2007; WEISHEIMER, 2005) compreender a juventude rural como categoria implica analisar o espaço de reprodução social no qual se constituem e as tensões e rupturas que apontam para diferentes possibilidades de socialização. A pertença a uma ruralidade representada pela filiação à agricultura familiar e às mudanças ou crises que esse modelo vem sofrendo tem se refletido na maneira como a própria juventude no campo tem sido entendida. Como aponta WEISHEIMER (2005), têm predominado “*enfoques que destacam a diversidade das formas em que a modernização e a complexificação social do rural afetam a juventude* (Ibidem, p.17).

Nesse sentido, CARNEIRO (2007) aponta que as crises na agricultura familiar e dos processos econômicos transformam o rural em espaço cada vez mais heterogêneo, diversificado e não exclusivamente agrícola. O rural vai se tornando um lugar onde se combina agricultura familiar e outras atividades, o que a autora denominou de “pluriatividade”. Pois a ameaça de reprodução faz com que se busque alternativas fora do setor agrícola. Dentro dessa perspectiva, a conceituação que opõe o rural ao urbano se encontra cada vez mais diluída, na medida em que o meio rural não só diversificou suas atividades, mas criou serviços associados à exploração do turismo incorporando novas relações de trabalho, trazendo novas práticas como remuneração mensal, férias e descansos em finais de semana. Somando-se a isso, o desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação como internet, celular, a aquisição de motos e carros amplia a redes de sociabilidade para além das localidades de origem, criando novas mentalidades.

Para a autora, essa falta de perspectiva para os que vivem da agricultura, afetados pelo processo de modernização, atinge drasticamente a juventude. *A migração temporária ou definitiva para a cidade expõe os jovens ao contato com um sistema variado de valores que são absorvidos ou rejeitados, atuando tanto no sentido de reforçar os laços identitários com a cultura original, quanto no sentido de negá-los* (Ibidem, p113). Oscilam entre os projetos individuais e familiares coletivos. O que WOORTMANN (1984) denominou de “rachadura” em seus estudos sobre as famílias de agricultores do sul do país, já presentes nas décadas de 60 e 70. Sendo assim, os jovens em questão, oscilam entre o projeto de individualização “melhorarem o padrão de vida”, “serem algo na vida” e o compromisso com a família, que se confunde com o sentimento de pertencimento à localidade de origem, já que a família é o espaço de sociabilização nas “sociedades tradicionais”. Essa convivência com dois universos culturais colocaria os jovens em um sistema variado de valores que são absorvidos ou rejeitados, atuando tanto no sentido de reforçar os laços identitários com a cultura de origem como no sentido de negá-las, o que a autora denominou de negociações culturais. Para ela essa negociação ambígua com os dois mundos resultaria na elaboração de um novo sistema cultural e de novas identidades. Essa ambiguidade entre dois universos, mobilidade simbólica, não estaria isenta de tensões e conflitos. A identidade “tradicional” do sistema cultural

familiar entraria em choque com novas identidades que contribuem para a formulação de projetos e trajetórias individuais o que levou a autora a falar da combinação do “melhor dos dois mundos”, acesso a bens e serviços no lugar onde mora e a possibilidade de ter uma renda própria, ter um emprego que possibilite a realização de um projeto profissional. No entanto, essa combinação raramente é possível, então migrar passa a ser a única solução.

Para WANDERLEY (2007), existe uma similaridade entre jovens rurais e urbanos no que toca a questão de um padrão de vestimenta, gostos musicais, convivências com grupos de amigos, esportes e outros. Por isso não podemos considerá-los como pertencentes a um mundo à parte, não integrado à sociedade mais ampla que vivem. Nem por isso cabe diluí-los numa pretensa homogeneidade, que desconhece as particularidades desses jovens no meio rural brasileiro. Mesmo neste, a diversidade é muito grande e tem que ser levada em consideração.

Esses jovens trazem a especificidade de serem formados nas lides da agricultura no interior da família como disse a autora. Diferentemente dos jovens urbanos pertencem a um ambiente social específico, o meio rural e, quando é o caso, a uma unidade agrícola familiar com características também específicas. Para ela, a juventude rural guarda duas tensões no momento de estruturar um projeto de futuro, não colocadas, tão intensamente, para os jovens urbanos. A primeira tensão surge quando o jovem se pergunta o que quer ser e fazer, porque ele também se pergunta “onde” quer ser ou fazer tal coisa: no campo ou na cidade. A dúvida entre ficar e sair é uma questão estruturante. A segunda tensão refere-se à relação com a família, pois para muitos jovens do meio rural, essa relação guarda uma singularidade por ser a família a unidade produtora. Para Wanderley, essas tensões e solidariedades existentes entre os jovens e suas famílias são acrescidas das tensões relativas à produção e à continuidade da unidade de produção. Daí o peso que esses jovens carregam por serem responsáveis pela continuidade da unidade produtiva.

Nesse sentido, o jovem rural assume um papel fundamental no debate entre ruptura e continuidade, entre as possibilidades de reprodução e esvaziamento do campo, pois a migração juvenil, com destaque para a feminina, assume um papel

significativo nas mudanças ocorridas nesse universo. Diante deste dilema, são várias as explicações dadas para este fenômeno migratório. Dificuldades de reprodução econômica e dificuldades de acesso à terra (ABRAMOVAY, et al, 2001), individualização dos projetos juvenis e rupturas com a família, (CARNEIRO, 2007), meio para escapar das restrições da vida familiar quanto da sociedade local, (CASTRO 2009), precariedade de acesso a bens e a serviços socialmente necessários, inclusive à ocupação agrícola, (WANDERLEY, 2007).

É importante ressaltar que os estudos sobre juventudes rurais realizados no Brasil não se excluem, muito pelo contrário, eles se complementam e se enriquecem mutuamente. Assim, o universo de análise de um autor traz elementos que contribuem para ampliar os estudos em outras realidades, sem que isso represente uma camisa de força. Pois os sujeitos trazem não somente as determinações econômicas e sociais de seu grupo de origem, mas trazem também a força criadora de novos trajetos, ampliados pelo contato com outros espaços e grupos sociais através da migração e outras formas de socialização. Segundo VELHO (1994), é nessa dialética das trajetórias individuais que os sujeitos se fazem, são constituídos, feitos e refeitos. Essa ampliação das redes de sociabilidade potencializadas pelo processo migratório campo cidade, *resultaria a elaboração de um novo sistema cultural e de novas identidades sociais* para CARNEIRO (2007). Essa mobilidade simbólica entre dois universos seria para a autora, responsável por tensões e conflitos entre diferentes níveis de realidade o que colocaria em choque a identidade tradicional do sistema familiar.

A seguir trataremos do tema da migração juvenil com o intuito de compreender o que se muda e o que se conserva. Pois é no interior do dilema da fragmentação da terra, da expansão do agronegócio, da demanda cada vez maior por acesso a bens de consumo cada vez mais diversificados, que a migração se torna um ponto central quando se discute a juventude rural. O padrão migratório anterior de expansão das fronteiras agrícolas em terras férteis e abundantes, que com poucos recursos se desbravava o sertão, como citado no capítulo anterior, parece definitivamente sepultado. Como disse OLIVEIRA (2010), a migração localiza-se num imbróglcio de difícil solução, pois ela é ao mesmo tempo uma

resposta aos problemas enfrentados como parte desses mesmos problemas. Diante da importância do fenômeno migratório para o debate sobre juventude rural torna-se necessário uma análise mais detida sobre o tema na atualidade e suas implicações para o entendimento da juventude.

3.3 – Juventude rural e migração

Os jovens sempre foram considerados atores importantes na literatura sobre migração no Brasil. Se formos remeter à descrição do processo migratório no Jequitinhonha, veremos o peso considerável dos jovens na saga de abertura e conquista de novas terras no relato dos autores, assim como em várias outras frentes de trabalho no Brasil. Se num passado não muito distante eles tiveram um papel fundamental na continuidade e reprodução da agricultura familiar camponesa, esse processo vem se alterando ao longo dos anos, e a migração deixou de ser simplesmente a dicotomia entre a migração definitiva e a temporária. O que temos percebido é que entre a migração definitiva e a temporária vários arranjos foram sendo construídos pelos sujeitos participantes desse processo. Sendo assim, nunca saberemos ao certo até que ponto uma migração pode ser considerada verdadeiramente definitiva e até que ponto uma migração tida como temporária não passe a ser permanentemente cíclica. Nesses rearranjos, o espaço rural deixa de ser o espaço por excelência da produção, reprodução camponesa e passa a ser também um espaço de pluriatividade como disse CARNEIRO (2007).

Mais uma vez vamos nos remeter aos autores que trataram do tema em questão. CANDIDO (1975), DURHAN (1983), WOORTMANN (1984) percebem as mudanças no campo, como reflexo da urbanização ligada ao progresso industrial, à abertura de novos mercados e à introdução de novos bens de consumo até então desconhecidos, derivados do processo de modernização que, paulatinamente, vem redefinindo o espaço rural brasileiro. Neste contexto, *a emigração passa a ser a solução “natural” para todos os tipos de tensão características da vida tradicional, levado a cabo pela família camponesa.* (DURHAN, p.125). Para a autora, a migração de jovens solteiros não tem um caráter, pelo menos de início, nitidamente familiar.

Os indivíduos jovens desejam não somente *melhorar de vida*, mas também *mudar de vida*, libertar-se da influência paterna. A emigração transforma-se então numa aventura, numa libertação pessoal. Em geral não há oposição da família dentro dos padrões vigentes. Na sociedade rural essa é a época em que os jovens devem iniciar sua independência econômica e a possibilidade de sucesso na migração é vista como algo que poderá beneficiar outros membros da família, abrindo-lhes novas possibilidades de vida. A emigração de jovens é algo quase comum em muitas comunidades, deslocando-se dentro de um grupo recrutado na comunidade de origem e com apoio familiar. Os jovens normalmente partem com famílias conhecidas, com amigos que já migraram antes, ou vão à procura de parentes. O que pode ser derivado desse processo é [que dada] *a inadequação do seu equipamento cultural para utilizar instituições impessoais que torna o imigrante tão completamente dependente dos contatos pessoais, que são os intermediários naturais entre a pessoa e a sociedade mais ampla* (DURHAN, 1983, p.185). A ajuda dos parentes passa ser muito importante para esse primeiro momento da saída.

Este movimento representa um momento importante para a fase da independência econômica representando, não somente o deslocamento do lugar de origem, mas também o distanciamento destes que migram com a família de origem. Duas situações podem se configurar neste processo: uma determinada pelos jovens solteiros que, em caso de necessidade, seus pais tendem a apelar para os filhos para que possam contribuir na manutenção da unidade doméstica. *Já para os casais jovens, estes são mais autossuficientes, pois já contêm todas as potencialidades de desenvolver o grupo completo. A migração tem o caráter de reprodução do grupo familiar* (DURHAN, 1983, p. 133).

Seguindo a trilha, WOORTMANN (1990) vai perceber essa migração inicial, ou primeira migração, não somente para acumular recursos e realizar a passagem ritual para uma nova fase da vida, mas também como forma de constituir uma rede social de apoio que garanta a volta ao mesmo lugar. *“Isto é, a construir um “capital social” e também um “capital simbólico” representado pelo “conhecer bem o lugar”, pelo “saber onde procurar”, isto é, pelo saber movimentar-se no espaço social”*. (Ibidem, p.39). Neste contexto, pode-se dizer que há uma forma em que, estes

sujeitos vão ao longo de sua trajetória dissolvendo, lentamente, a dicotomia rural-urbana, unificando em sua experiência de vida aquela referida à cidade e ao campo.

Outro autor fundamental para compreensão do processo migratório foi José de Souza Martins. Sua obra deu uma grande contribuição para o entendimento da migração temporária. “*Migração esta com ritmo definido, dominadas e ritmadas pelo tempo cíclico das estações do ano, do plantio, do crescimento e da colheita dos produtos agrícolas*”. (MARTINS, 1983, p.45). O autor fez vários movimentos em suas análises, de um lado a migração fruto das condições estruturais, de outro a exploração a que esses sujeitos são expostos no mercado de trabalho nos locais de destino e, finalizando, o lugar da subjetividade dos sujeitos no eterno ir e vir.

Para Martins, o migrante trabalha barato porque a sua reprodução não passa inteiramente pela mediação do capital que o assalaria; o trabalhador migrante temporário viabiliza, sobretudo na agricultura familiar, uma forma paradoxal de aumento da composição orgânica do capital: “não pelo desenvolvimento das forças produtivas da empresa capitalista, mas pelo barateamento da sua mão de obra, pela disseminação da superexploração e da pobreza absoluta, pela redução dos salários em níveis extremamente baixos”. (MARTINS, 1983, p.55). O contraditório dessa situação é que o migrante que se encontra nesse eterno ir e vir temporário assalaria-se para ganhar dinheiro e continuar recriando a sua condição de sobrevivência como camponês. Nesse sentido, para o autor, “*o salário recria no operário o camponês*” (Ibidem, 1997, p, 53).

Esse trabalhador migrante temporária insere-se em estruturas sociais contraditórias entre si. De um lado na origem, suas relações estão baseadas na produção direta dos meios de vida; no lugar de destino, suas relações são mediatizadas pelo dinheiro. Num caso as relações são concretas, em outras abstratas. Num caso, ele domina o processo de trabalho; no outro, é dominado pelo processo. (Ibidem, p.59). Porém esse processo de estar em dois lugares no período de um ano, para Martins, faz com que esse movimento alargue os horizontes, as relações sociais e a consciência de si e dos outros. O retorno periódico ao ponto de partida não reconstitui a identidade original, nem as relações originais do trabalhador, já que ambos são alterados nesse processo.

Ser migrante temporário é viver tais contradições como duplicidade; é ser duas pessoas ao mesmo tempo, ou uma em dois tempos, cada uma constituída por específicas relações sociais, historicamente definidas; é viver como presente e sonhar como ausente, é ser e não ser ao mesmo tempo; sair quando está chegando, voltar quando está indo. É necessitar quando está saciado. É estar em dois lugares ao mesmo tempo e não estar em nenhum. É, até mesmo, partir sempre e não chegar nunca (Martins, 1986, p.45).

O estar em dois lugares e viver todas as contradições desse eterno ir e vir é o que caracteriza as migrações dos jovens do Jequitinhonha que vão se assalariar no corte de cana em diferentes lugares. Porém, diferentemente do que diz Martins, essa migração vem deixando de ser ritmada pelo tempo cíclico das estações do ano que eram tão características da região. Saía-se na seca, nos meses de março, abril e voltava-se nas águas, entre setembro e outubro, para preparar a terra para o plantio e esperar a chegada das águas, sempre presentes nos dois últimos meses do ano, a não ser em épocas de exceção, que a seca grassava. É importante ressaltar que esses períodos secos sempre fizeram parte da vida dos agricultores, são muitas histórias contadas pela população, pois em época de pouca ou muita água, a natureza sempre dava os seus sinais. A convivência com a seca foi um dos ajustes mais eficazes e eficientes dessa população com a natureza. Ancorada na obra de Martins, neste momento, observa-se que o rural deixa de ser um local, eminentemente agrícola para comportar outras atividades além da produção de alimentos. O salário extraído em andanças pelo Brasil não reproduz, não recria, unicamente, o operário em camponês.

Modificações vêm ocorrendo nessa migração cíclica com o prolongamento cada vez maior dos migrantes na região de destino, somando-se a isso a alteração no ritmo das chuvas que estão se concentrando cada dia mais nos períodos de dezembro a janeiro. Nesse sentido, os jovens estão saindo cada vez mais cedo e voltando cada vez mais tarde. Saem no mês de março e voltam no mês de dezembro, em muitos casos voltam para o Jequitinhonha para as festas de final do ano, momento em que coincide com os meses de termino da safra, que vai de dezembro a março. Porém neste intervalo estão em outros empregos temporários, em sua grande maioria, nas praias, vendendo picolés, cangas, bronzeador, dentre

outros, esperando o mês de retorno para as usinas. Como muitos disseram, empregam-se em outros lugares para não “ficarem parados”. Exemplificando que a roça deixa de ser o único espaço de produção e reprodução das condições de vida e passa a ser também lugar de outras possibilidades.

Diferentemente do que ocorreu com a geração anterior, em certo modo de vida, a agricultura aparece cada vez mais como escolha entre outras possibilidades, inclusive a migração. O êxodo rural faz parte dos recursos não controlados pelos pais e dos quais os jovens podem dispor na montagem de suas estratégias de vida (CARNEIRO apud DURSTON, 2007, p.59).

Mais recentemente, Carneiro vem explicitando essa nova condição da juventude face à agricultura familiar. Para a autora, a migração temporária ou definitiva expõe os jovens a sistemas variados de valores que eles tanto podem absorver como repudiar. Essa exposição pode reforçar ou negar os laços identitários com a cultura de origem. “Vivendo em universos distintos, *essa relação ambígua com os dois mundos resultaria na elaboração de um novo sistema cultural e de novas identidades sociais*” (Ibidem, p.16.). Nesse sentido haveria um choque entre a identidade tradicional do sistema cultural familiar com a construção de projetos e trajetórias cada vez mais individualizantes por parte dessa nova geração.

O êxodo rural nas regiões de predomínio da agricultura familiar atinge hoje as populações jovens com muito mais ênfase que em momentos anteriores. Ao envelhecimento acopla-se, mais recentemente, um severo processo de masculinização da juventude em função da maior migração feminina, pois dentro da hierarquia familiar ela ocuparia uma posição maior de subalternidade e invisibilidade, o que a colocaria com uma maior disposição de rompimento com essa posição de opressão. Todo esse processo em que a agricultura familiar está submetida coloca um grande dilema, que é a questão sucessória no campo e o próprio destino de boa parte das regiões que hoje passam por processos severos de migração. Nesse sentido, atribui-se um grande peso à juventude rural na perpetuação das unidades de produção da agricultura familiar, em detrimento de outros condicionantes mais estruturais, mesmo que para a autora, os problemas sucessórios tendam a aparecer

predominantemente nos estabelecimentos que apresentem maiores dificuldades para sua viabilização econômica. A dúvida com relação à existência do sucessor é tanto maior quanto mais precária a situação do imóvel.

Nesse sentido, *“a migração constitui um mecanismo da estratégia de sobrevivência ou de ampliação da capacidade de consumo, já que o envolvimento em uma só ocupação não lhe traria o necessário ao seu sustento e de sua família nas novas condições de reprodução social”*. (CARNEIRO, 2007, p.45). Ser agricultor durante seis meses do ano e no tempo restante ocupar outra profissão, como será detalhado mais adiante, está cada vez mais fora de questão no Jequitinhonha. Essa migração sazonal, que foi realizada pelas gerações anteriores dos jovens em questão, está cada vez mais distante. Porém, essa nova realidade não significa preconizar o fim do rural e ajustes foram sendo construídos ao longo dos anos pelas famílias para darem conta das novas necessidades. A visão dicotômica entre rural e urbano, que opõe atraso à modernidade, não dá mais conta dessa nova realidade no dizer de Carneiro. O desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação, a intensificação da comunicação entre campo e cidade viabilizada por transportes mais rápidos, motos e carros, e a melhoria das estradas têm permitido um maior trânsito entre os lugares e um encurtamento entre a roça e a cidade.

Essa mobilidade da nova geração campo-cidade e campo-usina, em um constante ir e vir para trabalhar, em tempos cada vez mais longos, não afetou os laços mantidos com a família e com a rede de parentela da comunidade. O que se percebe é que a perspectiva do retorno “para casa” está sempre presente na fala dessa juventude. Sair para ficar continua sendo o mote dessas migrações, mesmo em condições históricas diferentes e tempos cada vez mais alongados no destino. A referência da casa continua sendo o local de origem, a roça. *Não se deixa de valorizar o lugar de onde se parte, pois ela baliza toda a trajetória individual e as possibilidades de realização desta trajetória, num processo de repensar obrigações e diálogos com as novidades* (ROSAS, 2007, p.186).

Expostos a condições extenuantes e de grande exploração da força de trabalho no destino, esses jovens elaboram novas representações sobre a vida rural, a qual passa a ser revalorizada em suas falas quando comparada ao trabalho nas

usinas. Assim a roça passa a ser o momento não só do trabalho esporádico, mas do lazer, o lugar da família, de encontro com os amigos, do descanso, quando não se tem trabalho fora. É bastante revelador que, de todos os jovens entrevistados, somente um não tinha construído uma casa, quase sempre nos terrenos dos pais. A casa representa o lugar de pertencimento, o lugar para onde voltar, o lugar de fincar raízes nesse mundo incerto da migração permanentemente temporária.

Saem por falta de trabalho na região, não por vontade própria. O desejo de ter um trabalho nos arredores e poder voltar, pelo menos nos finais de semana, é uma fala que permeia os discursos desses jovens. Trabalhar perto de casa, ficar próximo da família, usufruir da paz e tranquilidade do campo e ainda fazer uma rocinha, mesmo que pouca, seria o ideal de vida. Fato relatado por CARNEIRO (2007), como *a combinação do melhor dos dois mundos*.

Nesse sentido, a associação entre juventude rural e reprodução da agricultura familiar associa permanência com continuidade dos modos de vida camponês e saída com esvaziamento das zonas rurais. *O problema desse argumento é o peso analítico que tem se dado à juventude, como futuro das sociedades rurais* (OLIVEIRA, 2010, p. 56). Desde Candido até autores mais recentes que se tem dado peso à atração que a cidade exerce sobre essa juventude. Quando voltamos o nosso olhar para esses jovens percebemos a imensa diversidade que compõe essa juventude, por isso a importância de se falar em juventude(S), pois a juventude rural contempla muitas singularidades, maneiras diversas de ser jovem, por terem inserções econômicas, sociais e culturais diferenciadas. Nesse sentido, existem vários projetos ou ideal de sociedades a partir dos sonhos e desejos desses atores. Com isso não estamos desconsiderando as análises sobre as condições estruturais, familiares e os processos sucessórios feitos com tanto afinco pelas ciências sociais brasileiras, nem as lutas por reforma agrária, mas pouco se tem dito sobre como os jovens, sujeitos desse processo, compreendem seus percursos.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo compreender a migração a partir da fala dos sujeitos dessa migração, e de como a escola, o trabalho, a roça e a família permeiam seus projetos de vida. Como disse OLIVEIRA (2011), *é preciso apostar num sujeito migrante que tenha algo a dizer do seu movimento e das*

questões que o impulsionam a se deslocar. Desta forma, em vez de tomar a migração juvenil como um problema a ser enfrentado, precisamos tomá-la como um objeto de debate que possa apontar como os percursos juvenis revelam diferentes projetos de sociedade para si e para o campo. Não temos o direito de apregoar a fixação no campo como única possibilidade para essas juventudes, sob pena de construirmos um discurso único com aparência de democracia. Acreditamos que pistas podem ser dadas a partir da fala desses jovens, mesmo que frágeis, incertas e vacilantes, frente às dificuldades enfrentadas. Esse processo de escuta é primordial para a compreensão de como esses jovens posicionam-se frente às expectativas e ao dilema da migração na realização de seus projetos de vida. Em seguida faremos um breve resumo das trajetórias dos jovens pesquisados.

CAPÍTULO 4. AS TRAJETÓRIAS DOS JOVENS DA PESQUISA

4.1 - JOSÉ SILVA

José Silva tem 28 anos, é casado há seis, tem uma filha de 3 (três) anos e quatro irmãos, sendo uma mulher. Dos irmãos somente o caçula mora com os pais. Todos os irmãos moram nos arredores da comunidade de Água Suja, sendo que José Silva é o que mora mais perto dos pais, pois sua terra fica na divisa com a terra da família. Ele é filho de trabalhadores rurais e seu pai, assim como ele, também foi cortador de cana. Depois de 19 anos consecutivos de trabalho nas usinas, o pai, hoje com 56 anos, não corta mais cana porque está com problemas sérios de coluna causados pela exaustão das flexões feitas no eito dos canaviais.

P: Tem muita gente com problema de coluna na região?

E: O meu pai mesmo, sofre de coluna por conta da cana. Olha, do povo que eu conheço por aqui, só eu não tenho problema de coluna.

José estudou até a quinta série e sua vida escolar foi muito difícil. A escola ficava longe da comunidade e localizava-se no município vizinho de Berilo. O percurso era feito a pé e quando chegava à escola já estava exausto. A estrutura da escola era bastante precária e era comum não ter água nem para beber. Na época das águas era difícil até chegar à escola, pois o córrego enchia e eles não conseguiam fazer a travessia, sem contar o medo dos pais de que os filhos fossem levados pela correnteza. Quando perguntado se a escola havia contribuído para modificar a sua vida, ele respondeu que foi através dela que ele aprendeu a ler. A leitura foi o melhor que a escola pôde oferecer, pois foi lá que ele aprendeu a se locomover na cidade sem depender dos outros e isso o possibilitou tirar carteira de moto e ir para qualquer lugar.

A vida profissional de José iniciou-se desde cedo. José começou a trabalhar com o pai no roçado desde pequeno. “*Aprendi a trabalhar quase brincando*”, afirma José. “*la pra roça levar comida pro pai e lá mesmo ficava*”. José começou a trabalhar cedo e se orgulha de dizer que, apesar da pouca idade, já tirou 13 safras, sendo

duas no café e 11 na cana. A primeira vez que foi para a cana não tinha nem 18 anos.

P: *Mas podia ir com 17 anos trabalhar no corte de cana?*

E: *Desde os 13 anos muita gente aqui da comunidade já ia pro corte, num tinha esse negócio de idade, não. Depois eles proibiram.*

Quando saiu pra trabalhar no café foi com os vizinhos da comunidade, mas primeira vez que foi para São Paulo, foi levado pelo padrinho, que também o ensinou a cortar cana. José traz boas lembranças desse tempo, pois segundo ele foi o “tempo de ganhar dinheiro e trabalhar muito”, pois para ele nunca teve “tempo ruim no serviço” e ele “achava bom e até ficava feliz. O trabalho no café iniciou sua carreira de migrante temporário, sendo que a experimentação na cana começou a partir dos 17 anos. Como todos os jovens migrantes da região, ele também intercalava a cana com o café. Quando perguntado sobre o processo de aprendizado do cortar cana, José diz que foi duro.

E: *Oh, moça, faz dó, porque quem já tem aquele costume, vai pegando e fazendo, agora a pessoa que tá aprendendo dá trabalho.*

P: *Você acha que é uma profissão difícil de aprender?*

E: *É difícil, a pessoa pega o jeito ali mais ou menos, pra ele começar a render leva tempo. Pra produzir é mais de sessenta dias. Tem uns que pega ali, vai pelejando, com pouco ele desiste. Cada ano que eu vou eu rendo mais um pouquinho. 2005 eu rendi mais, em 2006 rendi mais um pouco, em 2007 mais um pouquinho, cada ano que eu vou eu rendo mais um pouquinho. Lá na cana um tem que ensinar o outro. E quem tá ensinando tá deixando de tirar pra ensinar pro outro, né! Aprender a gente aprende rápido, agora dá produção demora, né!*

P: *Quantas toneladas de cana você cortava no início e quanto corta hoje?*

E: *Olha, eu tirava no início quando eu comecei de 5 a 7 toneladas por dia, hoje eu tiro 17, 18 toneladas por dia. Igual depende, tem lugar pior, que tem cobra demais,*

aí cê tira 13 toneladas.

José sai todo ano no mês de abril e só volta nos meses de novembro, dezembro do corte de cana. O trabalho na cana é um trabalho pesado como ele disse, além da quantidade de flexões feitas por dia, a queima da palha da cana, para facilitar o corte, libera uma grande quantidade de fuligem que atinge o pulmão o que os obriga a beber de 6 a 7 litros de água por dia. “Quando bebe pouca água por dia cê enfraquece e dá trabaio demais”. Já no café...

P: Qual a diferença do café para a cana?

E: O trabalho no café é mais leve. P: Como assim? Na cana a gente sua muito, tem o carvão da queima e aquela fuligem direto no ar e muito sol, é um calor que num corre ar, abafado. No café o único peso que gente pega é pra carregar a sacaria. No café a gente fica o dia “intirim” e bebe só de 1 a 2 litros de água por dia.

P: Mas não está proibido queimar a cana?

E: Tá proibido, mas as usina negociou e continua botando fogo.

P: Isso não vai dificultar o trabalho?

E: Vai ficar bom é pro usineiro. Porque nós vai ter que tirar a palha, limpando a cana, vai chegar lá eles não vão precisar nem lavar a cana, ainda vão economizar água, pelo amor de Deus dá trabalho demais!

P: Com a palha a cana não pesa mais?

E: É, mas eles desconta isso tudo, esse povo é triste, nós temo que limpar ela. É um trabalho dobrado.

Outro ponto levantado foi a mecanização do corte de cana. Segundo José, uma máquina corta cana para 80 pessoas. Depois da mecanização tem reduzido a contratação de trabalhadores na região. Os usineiros têm ficado cada vez mais exigentes, contratando trabalhadores abaixo de 40 anos com experiência e média de produção de 7 (sete) toneladas por dia, pois eles têm recusado jovens que nunca

cortaram cana.

Eles falam que vão perder tempo pra ensinar, “num sei o quê... e no outro ano eles vai pra outro lugar”. Olha, às vezes eles contratam 400 (quatrocentas) pessoas, fica dois mês eles demite 200 (duzentos) pra substituir por máquina.

Outro ponto colocado por José é a proibição de misturar trabalhadores de outros estados no mesmo alojamento, aliás, eles não se encontram nem no ônibus que transporta os trabalhadores para o eito.

Porque a maioria das usinas eles não misturam trabalhador, mineiro trabalha só com trabalhador mineiro, não encontram nem no ônibus. É tudo separado, nós ficamos com uma turma pequena de outro estado porque teve um problema e a maioria foi embora, então eles tiveram que colocar eles com a gente. Cada um tem um gênero diferente. Mineiro é mais fácil de controlar.

P: *Por quê?*

E: *Mineiro é meio besta prum lado. Qualquer coisinha cê fala com eles, num pode esquentar muito a cabeça, né, deixa tudo prá lá e vai embora. Por isso que eles adula muito. E trabalha muito mais do que muitos fora daqui. Oh, lá mesmo tinha uma turma dos paulistas lá, a cana que eles batiam três dias pra cortar nós cortava numa hora de relógio. Olha, quando um cortava 10M de cana nós cortava 100, 200M. Sabe, qual problema deles, eles ganham aquela cesta, então eles trabalham só pra aquilo. Pra eles ganhar a cesta e um salário, tá bom.*

P: *É os cortadores do nordeste?*

E: *Aquele povo também é bom! Igual os alagoanos... vixe é de trabalhar bastante, eles é igual nós aqui mesmo. Vai trabalhar lá fora e tem que voltar com alguma coisa, já os de lá da cidade, os paulista, quando termina o corte de cana eles vai pra fazer muda, né. A gente vai só no período de safra.*

Pelo relato de José, com a proibição da queima da cana, os trabalhadores

ficam muito mais expostos a animais peçonhentos, já que a queima espanta os animais. É comum trabalhadores serem picados por cobras, principalmente corais, “*você abraça uma touceira e abraça junto uma cobra*”.

Comparando com o trabalho na cana qualquer outro serviço fica leve na fala de José. Quando compara o trabalho da cana com o trabalho na lavoura José é enfático em dizer que o trabalho na lavoura é bem mais leve,

Vixe, a gente tá aqui na lavoura é brincando, lá, na cana, a boca é quente. Eu já vi muita gente chegar lá a primeira vez e num dá conta de ficar. No corte de cana eu já vi gente morrendo assim, oh, do meu lado. Em 2007, seu Manoel mesmo...era um dia de sol quente, caiu em cima de uma touceira de cana, de braços abertos, nós segurou ele no ônibus, precisava segurar ele porque ele num guentava ficar dentro do carro de tanta falta de ar, ele num deu conta... Se a pessoa teimar muito ela, morre.

José sempre viveu a duplicidade do trabalho sazonal, ia pra cana no período da seca no Jequitinhonha e voltava na época das águas. Durante o tempo que morou com os pais, ele sempre trabalhou na lavoura, pois aprendeu desde criança a lida com a terra. Quando comparava o serviço da cana com o serviço da roça, este era sempre visto como um trabalho leve, sempre reforçando que era um serviço de brincadeira, como citado acima. O trabalho na roça não tem preocupação, “*a pessoa tando em casa a preocupação é menos e lá (SP) cê faz o que os outros mandam. A gente vai trabalhar com um colega, aqui a gente já sabe o modo de serviço de cada um, tem costume com ele. Lá tem chefe pra chamar atenção.*” Outra vantagem do lugar é a troca de dia de serviço, que mesmo pequena ainda existe. Para José a roça é o lugar da liberdade de ir pra onde quiser, *aqui não precisa esquentar a cabeça, em são Paulo a violência é tão grande que a gente sai na porta e num sabe se vai entrar pra dentro.*

Porém, foi em São Paulo que José conseguiu montar o patrimônio que tem: terra, casa, moto. *É assim né, a gente vai lá ganha dinheiro, vem aqui e gasta.* Quando perguntado sobre como ele se vê como profissão ele não tem dúvida em dizer que é lavrador. *A profissão mais certa nossa é ser lavrador mesmo.* – E na

cana? *Também, é a profissão da terra.*

Mesmo valorizando o trabalho na roça em detrimento do trabalho na cana, ele afirma que é impossível sobreviver com o trabalho somente da lavoura. Mesmo assim ele tem o sonho de permanecer na roça e arrumar outra profissão nos arredores, na região. Trabalhar mais perto de casa e voltar nem que seja nos finais de semana. *A gente vai pra trabalhar, mas o lugar da gente é aqui, né, tem que voltar, a gente deixa a família. Quando era solteiro a preocupação era pai e mãe, depois que cê cria família a cabeça esquenta mais, cê tem que trabalhar pra manter, né.*

Entre 2010 e 2012 José ficou praticamente no trânsito do serviço temporário, entre o café e a cana, indo de um lugar a outro. Em 2012, ele tentou ficar em Piracicaba, porém com 17 (dezesete) dias que ele estava por lá, voltou por não concordar com o sistema da usina.

Só que o modo que era lá o alojamento, eles deixavam a gente lá preso, eles num deixava a gente ir pra lugar nenhum, eu vim embora também uai. Eu num tava na cadeia não uai. Até os menino foi tirar habilitação eles num deixou. Num pode uma coisa dessas. Nos outro lugar que eu trabalhei tudo, eu tive liberdade. Não, aí eu disse, eu num vou ficar num lugar desse. Lá tinha um rio, a 50M do alojamento e eles num deixava a gente nem chegar perto, num podia nem pescar. Tinha um lugar que nós passava pra ir num bar e eles colocaram arame pra gente num passar, tinha que passar pelo portão. Aí eu peguei e vim embora. A comida também era muito ruim.

Chegando ao Jequitinhonha, o irmão e o sogro de José (nove anos construindo caixa), estavam trabalhando na construção de cisterna de captação de águas de chuva (P1MC) ¹¹. Esse programa foi implementado há mais de 10 anos na região e está em sua reta final. José aprendeu a construir as caixas com seu sogro e

¹¹¹ O Programa 1 milhão de Cisternas (P1MC) foi idealizado em 1999 e financiado pelo governo federal, FEBRABAN e outros. Esse programa é gestado em nível nacional pela Articulação do semiárido (ASA). Engloba todos os estados do nordeste, em Minas inclui o Vale do Jequitinhonha e o norte mineiro. Elas são gestadas pelas entidades da sociedade civil da região, associações, ONGs, Sindicato de trabalhadores rurais etc. Elas têm capacidade para 6 mil litros de água da chuva que serão armazenadas para o período da seca.

desde setembro está na nova profissão, que ele diz gostar muito. O trabalho é por produção e, como ele disse, *tem que sapatear, tem que pular mesmo o trabalho sendo bem mais leve*. Outra vantagem é que ele pode ir de moto, *ir e voltar de novo*. Porém, a caixa absorve pouca mão de obra e se antigamente havia dificuldades em achar esse tipo de profissional, hoje já existe muita gente capacitada para esse tipo de serviço. Mas, mesmo assim, José vai aos poucos se capacitando para ampliar o seu leque de profissões e *de poquim em poquim eu vou aprendendo o serviço até começar a trabalhar de pedreiro*. Porque trabalhar no comércio de Chapada do Norte, *nem pensar, eles pagam muito pouco*. Os serviços que eu faço é por produção, *dá mais, a pessoa esforça muito mais, eu faltava morrer na cana, mais eu tirava uns R\$1800,00 na cana*.

P: *você acha que essa fase, de ser mais novo, trabalha mais?*

E: *Quando tá querendo construir alguma coisa esforça mais. Enquanto tá aguentando trabalhar, porque depois que ficar mais velho, mesmo que a pessoa num esteja numa idade avançada, dependendo do trabalho que ele realizou pra trás, ele não aguenta mais. Olha o meu pai...!*

José disse se considerar uma pessoa jovem porque tem uma grande força para trabalhar e ele não tem nenhum problema de saúde. *Nunca fui num hospital por problema de saúde. No hospital eles num acreditaram que meu nome não tava lá, que eu não tinha ficha lá. O médico falou que eu era único*.

A saúde é a garantia de aproveitar ao máximo a idade para continuar produzindo, trabalhando muito e juntar algum dinheiro em bens para garantir o futuro que pode chegar logo. O pai não deixa de ser a fonte de comparação.

Meu pai tinha a minha idade e a força de trabalho era muita, meu pai sempre foi muito trabalhador e agora, ele num tá velho, num tá com a idade avançada e a coluna num deixa trabalhar na cana. Ele tirava 400M de poneira (toco de cana que a máquina não consegue retirar) de joelho, porque ele travou a coluna, num dava pra trabalhar de levanta (em pé), hoje ele não consegue nem isso.

A movimentação do trabalho para fora é grande na comunidade, pois durante as andanças da pesquisa foi-me dito que muita gente tinha ido trabalhar em Angola (África) de pedreiro, marceneiro e carpinteiro, com o Marin (empreiteiro de mão de obra), porém ficaram pouco tempo por lá, pois o salário não era compensador.

P: Você acha que a escola podia ter um curso profissionalizante?

E: Podia sim, pedreiro, carpinteiro que não tem. Porque se tem uns que estuda um tanto, quando eles chega lá (São Paulo) ele chega lá e tem uns muito mais avançados que ele, advogado, médico. Eu achava que tinha que ter mais curso nas escolas, porque tudo que tem tá com poucos. Porque por exemplo tem muito curso pra advogado, só aquilo ali, aí quando aparece vagas, tem mil na fila. Se tivesse outros cursos a chance dele era outra. Igual muitos aí não tem a chance de ser advogado, se tivesse a chance de ser pedreiro carpinteiro...

Na esperança de realizar o sonho de ser pedreiro, ou qualquer outra profissão que encurte o tempo e a distância da roça, José continua na esperança de realizar o seu desejo. Quando perguntado o que ele levava do Jequitinhonha para São Paulo ele disse que levava o trabalho que fazia lá e trazia de lá as amizades. O tempo que fica na usina tenta ao máximo se distrair, o que para ele é andar no mato, pescar no rio, como se estivesse em casa.

4.2 - Hamilton

Hamilton tem 21 anos, 4 (quatro) irmãos, mora com os pais e estudou até a 8ª (oitava) série. Todos os três irmãos têm terra, comprada com dinheiro das usinas, todos morando na região. Seu pai, assim como ele, também foi migrante. Seu pai não pode mais trabalhar como cortador de cana por estar com problema de saúde (coluna) causado pelo trabalho incessante no corte da cana.

A trajetória escolar de Hamilton não é diferente do restante dos jovens entrevistados. Ele estudou na mesma escola em que seus pares da comunidade de Água Suja. Eles andavam quase 2 (duas) horas a pé para chegar na escola, que na

grande maioria das vezes não tinha água para beber e nem merenda. Fez os quatro primeiros anos do Ensino Fundamental em Berilo, sendo da 5° a 8° série em Chapada do Norte. Disse que não deu conta de morar em Chapada porque lá era muito barulho e ele sentia saudades da tranquilidade da roça. Quando perguntado sobre a importância da escola na sua vida ele disse:

Até onde fui na escola ela me ajudou muito, né. A escola nunca prejudica, sempre ajuda. Quanto mais a gente estuda melhor, mas nem todo mundo que forma hoje tem emprego. Eu já trabalhei com gente formada, né. Tem uns que tavam fazendo outros curso pra entrar numa empresa, ter mais oportunidade e tava colhendo café.

Hamilton, assim como seus companheiros, começou a trabalhar cedo. Aos 16 anos foi para “panha” (colheita) do café com um empreiteiro da região, até completar 18 anos e ir para o corte de cana. Como disse ele, saiu por vontade própria em companhia de alguns amigos da comunidade. *Chega a idade a gente tem que ajeitar uma coisinha.* Tentou trabalhar na construção civil, mas segundo seus cálculos a cana era mais rentável em termos financeiros, o que o fez optar pela usina. *Pois por produção a gente pode ganhar mais.*

Hamilton não teve dificuldades de arrumar uma colocação na usina, pois o empreiteiro já o conhecia das idas para o café.

Como eu já tinha trabalhado com ele antes, ele gostou, já me conhecia, sabia do meu serviço, porque até em corte de cana não é qualquer um que serve. Desobedecer, fazer serviço mal feito. Ele (empreiteiro) me procurou. Eu podia ter ido pra outra usina, mais fui pra lá porque nem todas paga igual, é o preço... cada usina dá um preço, né, então lá dá o melhor preço. Então se dá o melhor preço melhor pra você, né.

Além dos motivos citados acima, para a escolha da usina, outro fator importante para Hamilton foi o fato de seu irmão estar trabalhando na mesma usina. Pois foi seu irmão que o ensinou a cortar cana. *Eu trabalhei três dias com ele, ele só olhava pra ver se eu estava fazendo o serviço certo, o fiscal passava e corrigia*

também. Apesar do pouco tempo no corte de cana, Hamilton corta em média 12 toneladas por dia. A cana nem sempre é medida por tonelada, porque são vários os fatores que interferem no peso da cana. Nem sempre quantidade significa maior peso.

Então, cada tipo de cana é um preço. O preço é por metragem (tonelada não é o calculo feito por eles). No final do dia você já tem uma base de quanto tá ganhando. A cana leve fica no ponto de cortar mais é pequena, é fraca, outras, já ficam muito forte. A gente vai mais pelo peso da cana, pelo preço né. Às vezes cê corta muita cana e na hora do peso é pouco porque a cana é leve. Quem trabalha no corte de cana já tem o olhar apurado pra saber quanto tirou no final do dia.

A produção da cana aumenta a cada ida para São Paulo, no dizer de Hamilton. *Até hoje a gente aprende a cada dia, né, cada dia é um pouco a mais. Se eu voltar esse ano eu vou produzir mais.* O campeão de cana da usina que Hamilton trabalhou ano passado produzia 25 toneladas por dia.

No depoimento de Hamilton, o trabalho tem permitido montar um patrimônio. Ele comprou uma moto e abriu uma caderneta de poupança. Quando perguntado se pensou em investir o dinheiro em terra e criação ele disse que *criação não, aqui alguns têm, mais não dá muita renda A terra o pai falou que é bobagem comprar, pois tem a terra dele. O que eu faço até hoje, eu me divirto, né, eu posso sair a vontade, antes eu era dependente... roupa, a gente tem mais liberdade, mas não joga fora o que eu fiz.*

Como Hamilton é o filho caçula, a vida é um pouco mais facilitada, como ele disse. Pois seus irmãos já estão com o patrimônio mais adiantado que ele, o que permite um pouco mais de regalia com relação aos irmãos mais velhos. Ele gostaria muito de ficar na terra, ser agricultor, *mas a terra não dá rendimento, não dá resultado.* O trabalho na terra é mais leve do que na usina e ter o pai como patrão é melhor. *Às vezes a gente fala: vão deixar isso quieto, vão deixar pra amanhã. Lá (cana) não tem jeito né, o patrão mandou... na real, né, patrão mandou.* Mesmo gostando muito da roça, e não gostar de ficar correndo trecho, enquanto tiver força, *não tiver muito prejudicado na saúde,* ele vai trabalhar em outros lugares. Só não trabalharia em Chapada porque o salário de lá não compensa.

P: *Você gosta de correr trecho?*

E: *Eu não gosto de ficar lá (São Paulo), né, e minha namorada é daqui da comunidade. Só que a gente vindo aqui (festa do rosário no mês de outubro), é difícil pra voltar pra lá de novo. A gente chega aqui, fica 20 (vinte) dias e é difícil pra voltar de novo. A gente fica sem querer ir, né.*

Hamilton, como a grande maioria dos cortadores de cana, volta nos meses de dezembro e retorna em março, abril. Ele ajuda o pai na lavoura no tempo que está na região, porém esse ano a seca foi prolongada e não teve muito o que fazer na roça. *Cheguei e achei bem diferente por conta da seca. Aqui é ruim no tempo da seca, mas agora mesmo eu prefiro aqui que lá. Mesmo com a seca, olha, eu num consegui morar nem em Chapada, imagina São Paulo.*

Falando do processo de mecanização do corte de cana, Hamilton disse que é impossível a máquina substituir o trabalho manual, pois tem local que a máquina não consegue cortar, principalmente quando a terra é muito arenosa, pois nesta condição a máquina arranca a cana com a raiz. Por enquanto, mesmo com a proibição da queima da cana, as usinas continuam queimando com licença ambiental. Cortar cana com a palha segundo ele vai ser um trabalho bastante penoso, por isso ele gostaria muito de arrumar outro trabalho, como motorista. Além do esforço físico no corte de cana Hamilton reclama do alojamento. De uma maneira geral são 20 (vinte) trabalhadores no quarto, a comida não é muito boa e na usina que trabalhou esse ano, ele trabalhava 6(seis) dias e folgava 1(um). A usina, também, não permite a mistura de trabalhadores de outros estados, sendo assim ele trabalha só com mineiro.

Quando perguntado sobre o trabalho da lavoura, ele diz que se pudesse gostaria de ficar na roça de trabalhar na lavoura, trabalho que aprendeu com o pai e os irmãos, desde pequeno. *Se pudesse ficar aqui pra sempre eu ficaria. Vamo vê no decorrer dos anos como vai ser...! Mas, se continuar a seca do jeito que tá a gente vai ter que sair. Achar uma oportunidade de trabalho com a família. Talvez a gente muda, né.* Ao comparar com São Paulo, Hamilton diz que na roça se gasta menos e São Paulo para todo lado que vai se gasta muito. Outra vantagem da roça é o conhecimento e a tranquilidade. *Na cidade grande cê passa perto de uma pessoa e*

num sabe se é uma pessoa honesta ou um bandido, quem mora aqui conhece todo mundo e olha tranquilo. Menino anda sozinho na estrada. A única vantagem para ele de São Paulo é o acesso à saúde, pois na comunidade se o problema for um pouco mais grave tem que ir para Diamantina ou Belo Horizonte.

Mesmo com as dificuldades que fazem parte do universo de Hamilton, a juventude é vivenciada por ele de diversas maneiras. Ele gosta muito de festa, de sair, divertir, principalmente quando está em Chapada do Norte. Gosta da roupa da moda e de etiqueta: *a gente compra as roupa da moda, mas a moda circula rápido, quando sai (é lançada) em São Paulo já chegou aqui. Só se lançar o verão do ano seguinte a gente tiver lá e comprar aí a gente chega com novidade.* Nesse sentido, Hamilton reconhece que a migração possibilitou não somente o acesso a bens de consumo, mas a aprendizagem, quando a gente sai de casa a gente aprende muita coisa. *A gente se torna independente a partir do momento que sai do colo, cresce mais rápido. Cê tá lá e não tem ninguém dizendo: faz assim! Certo ou errado cê mesmo tem que fazer.*

4.3 - JAIME

Jaime tem 10 irmãos e mora na terra da mãe, o pai morreu há 12 anos. Desses, dois moram com a mãe, uma irmã mora em outra comunidade e o restante mora fora da região. Ele é casado, tem 25 (vinte e cinco anos) e tem um filhinho de quase 2 anos de idade. A primeira vez que migrou foi para o café e tinha 16 (dezesseis) anos. São 9 (nove) anos no trecho entre o café e a cana.

Como os outros jovens, Jaime estudou até a 4^o série, mesmo morando perto da escola. Para ele a importância da escola em sua vida foi ter lhe ensinado a leitura. *Aqui você estuda ou trabalha.* Quando perguntado se tinha vontade de fazer um curso profissionalizante ele disse: *depende, né! Mais eu não posso fazer, eu não posso estudar eu tenho que trabalhar.* O tempo de escola é pouco lembrado por ele, apesar de novo Jaime diz que não tem muitas lembranças da escola além das “zoadas” com os colegas.

A casa de Jaime é grande e arejada e tem a frente voltada para a estrada que

corta a comunidade. Mesmo assim, apesar da poeira, o chão da casa parecia um espelho. A escola é quase colada em sua casa. Ele tem também uma moto que, segundo ele, facilita sua vida. Quando precisa de qualquer coisa em Chapada, principalmente médico, fica mais fácil.

Pelo fato de ser casado ele não se aventura em outro serviço no período em que está no Jequitinhonha, pois como disse ele chegou da usina nas vésperas do Natal. A sua grande tristeza é não ver seu filho crescer. *Quando saí ele tava sentando quando cheguei ele já tava andando. Você não vê o desenvolvimento, né? O melhor cê perde.* Nesse momento da conversa, Cleonice a mulher de Jaime, que tem 19 anos, entrevistou e disse que era muito ruim ficar sozinha e que ela tinha vontade de ir embora com ele. *Enquanto ele tá aqui tudo bem, eu gosto muito de ficar aqui, mais fica difícil pra mim sozinha cuidar do filho e tomar conta dessa casa grande. Médico tem que ir pra longe.* Muitas mulheres ficam por aqui, Cleonice? Uma ajuda a outra? *Quando precisa ajuda!*

Jaime trabalha na terra quando chega da usina. Esse ano por causa da seca a lavoura estava fraca e ele não tinha muito que fazer, pois só restava esperar as águas, *mais três dias sem chover e nós vamos perder tudo que plantemo.* A terra que Jaime planta foi herança da mãe, que ela já dividiu entre os filhos. O sonho dele é morar na roça, *e todo ano é esse pensamento de ficar e num voltar mais. Tenho vontade de ficar aqui, mais não dá.* Por quê? *Tudo atrapalha né, e tempo seco e agora o principal: o emprego.*

P: *Se você arrumasse um trabalho definitivo em São Paulo, você ficaria?*

E: *Eu gosto de morar é na roça mesmo! É mais gostoso morar na roça. Aqui tão os amigo, aqui é amizade pra valer as pessoas são mais familiar, em São Paulo cê num conhece ninguém e aquela violência.. A única coisa que tem lá é serviço, né.*

Jaime disse que se pudesse escolher uma profissão seria a de pedreiro, pois é uma profissão que não precisa de diploma e *cê pode fazer em qualquer lugar e além do mais é a profissão que tá mais saindo no lugar.* Segundo ele, cada ano que passa os empreiteiros de mão de obra das usinas estão ficando mais exigentes, contratando pessoas mais novas e que produzem mais. *Se você quiser ir pra cana*

tem que correr atrás se não cê num vai. Outra constatação é que cada ano que passa vão diminuindo os trabalhadores na cana com a mecanização. Jaime produz uma média de 12 toneladas de cana por dia e, como os outros jovens, reafirma sobre o trabalho estafante da cana. Ah, se eu pudesse ficar aqui, se tivesse serviço eu não trocaria esse lugar por nada!

4.4 - CELSO

Celso tem 20 anos, estudou até a 6ª série e é o filho mais velho de 4(quatro) irmãos. Seu pai, seu Antônio, completou 30 safras, sendo a maioria na cana. Ele tem 47 (quarenta e sete anos) e durante a entrevista interferiu bastante até deixar o filho sozinho.

Celso iniciou sua saga migratória com 16 anos indo para a “panha” do café. Em 2011, ele foi cortar cana pela primeira vez em companhia do pai. Em 2012, ele foi trabalhar de servente de pedreiro no interior de São Paulo, pois estava com o seguro desemprego e achou melhor trabalhar avulso. Esse ano de 2013, ele disse que vai para o corte de cana na região da Bahia. Perguntado sobre o processo de mecanização na usina, ele disse que, por ser uma região de terra muito arenosa, é difícil a mecanização, por ser a terra mais fofa as máquinas cortariam a cana com a raiz. Ele, como disse o pai, é novato no corte de cana, ainda está aprendendo.

P: *Como é trabalhar na cana?*

E: *Complicado viu. É pesado, é osso, sofrido.*

P: *Como assim, fala melhor ?*

E: *Todo dia levantar 5h (cinco) da manhã, vai pra roça, quando cê chega cê tem que lavar a roupa pra no outro dia começar tudo de novo. A comida também não é boa. Sem sal! A comida é ruim, ruim, ruim. Só come porque tá com fome mesmo.*

P: *Tem verdura e fruta?*

E: *Nada. Fruta eu tenho que comprar. Porque a gente tem que comer muita fruta porque “disdrata” (desidrata) muito pelo sol forte e pelos movimento que a gente*

faz¹².

Como todos os outros jovens, a história de Celso não é diferente. Começou a trabalhar cedo porque o pai não dava conta, sozinho, das necessidades dos filhos. Da janela da casa dos pais de Celso dava para ver a casa que ele tinha comprado. Mostrou com todo orgulho de um jovem de 20 anos que já construiu sua morada. A casa foi construída no terreno do pai, do outro lado do córrego água suja. *Foram três anos pra construir, dois tempo no café e um na cana. Esse ano ainda vou correr trecho.* Agora, o outro sonho de Celso é comprar um terreno na cidade, em Chapada do Norte. Quando perguntado se o avô tinha migrado, o pai de Celso respondeu com um certo respeito:

não! Ele tinha uma luzinha de pedreiro, então ele não precisou sair. Ele levou a vida dele sem sair pra fora. Nunca saiu! Nós era 16 irmãos, ele criou nós sem sair pra fora. Às vezes até passava uma necessidade, né, mais fazê o quê, mais graças a Deus ele criou. (Seu Adão)

Celso trabalha na roça com o pai, que foi quem lhe ensinou a lida na terra, e diz que a dificuldade da roça é não ter serviço todo dia. *Aqui não tem serviço direto, é lá um dia ô outro que a gente trabalha assim pra ganhar dinheiro aqui. O preço dum dia de serviço aqui até que num é ruim, tá R\$ 35,00, o problema é que cê arruma serviço pra hoje e amanhã num arruma mais.*

O trabalho na cana foi ensinado pelo pai de Celso. Ele conta que ficou 60 dias só por conta de ensinar o filho a cortar cana. *Quando deu uns 60(sessenta) dias pra frente ele deu na idéia de tentar sozinho. Graças a Deus deu tudo certo.* Celso diz que produz uma média de 8 a 9 toneladas por dia. A usina que ele vai esse ano é a mesma que ele trabalhou pela primeira vez. Ele ficou sabendo pelos colegas e,

¹² Nesse momento o pai (Adão) entrou na conversa e disse que o filho só tinha feito uma safra na cana e por isso ele tinha pouca experiência e cortava pouca cana. “Se for pra falar da usina que foi boa a que foi ruim, a que deu mais assistência, essa eu sei contar. Só do corte vou pra quase 30 safras. Tô com carteira veia cheia. Agora eu tô assim, um ano eu vou pra cana o outro pro café. Porque eles teve uma suspeita de mim que eu fui suspenso pra não cortar cana. Eu num passei nos exames! Na Bahia deu até pra tirar um dinherim, mas sobre assunto alimentação...”

então, fez contato com o empreiteiro Robertim da comunidade de Santa Rita (lugar famoso dos gatos, hoje empreiteiros) em Chapada do Norte. Como acontece com outras usinas, os trabalhadores já saem registrados da região (acordo feito entre usineiros e sindicatos). Esse registro é feito em Minas Novas, onde se localiza a sede da secretaria do trabalho. Diferente de anos atrás, os empreiteiros não podem mais fornecer transporte, alimentação ou qualquer outra assistência, somente a empresa, como disse Celso. Os exames são feitos antecipadamente, já na região.

Primeiro a gente vai passa pro médico, né, e ali o médico já vai dando aquela atualização, atestado médico que eles falam, né. Agora, a partir daquele dia cê já tá por conta da empresa. No médico eles já faz tudo. Eles te dão umas folhas cê assina o contrato de trabalho e da entrada. Por exemplo, se você faz exame hoje, dia 8(oito), eles vão ta marcando dia 10(dez), 11(onze) pro cê voltar. Porque eles esperam os exame de sangue ficar pronto, por exemplo, eu sei que eles não levam gente que tem problema de chagas. Eles faz exame de Hérnia e até de AIDS.

Celso é mais um a aumentar a fileira dos que não trocariam a roça por outro lugar, pois para ele estar perto da família e dos colegas faz uma grande diferença. Na usina onde ele vai trabalhar esse ano é difícil de sair com os colegas, pois como ele diz a usina *fica no meio do mato, assim em alojamento no meio do mato*. Ele também não gosta dessa vida de ficar correndo trecho, mas diz não se dispor a morar em Chapada pra ganhar um salário mínimo. *Fora daqui a gente sofre, sofre um pouquinho na verdade, mais é mais um pouquinho, né.*

P: *Você falou que estudou até a 6° série, você acha que a escola fez diferença na sua vida?*

E: *Eu num era muito inteligente na escola, não. Mais o que eu estudei ajudou bastante. Cê tá doido, o monte de gente que num sabe lê as coisas é triste demais, né. A pessoa sabendo lê qualquer tanto, né, ajuda demais.*

P: *Tem alguma profissão que você gostaria de ter?*

E: *Se eu fosse um pedreiro eu gostava, porque é uma profissão da hora, também.*

P: *Se você fosse fazer um curso profissionalizante qual você faria?*

E: *Pedreiro!*¹³

P: *Se você fosse pedreiro você acha que teria serviço na região?*

E: *Se eu fosse pedreiro eu teria trabalho aqui em Minas, eu podia sair pra fora e todo fim de semana tá em casa. Eu to falando assim trabalho de pedreiro aqui ao redor, Araçuaí, Berilo, na região.*

Para Celso viver da terra não dá. *Olha os milho, tá morrendo tudo. Tem que sair mesmo, num tem jeito. Tem que sair pra ganhar ele lá e gastar aqui.* O roçado vem diminuindo dia após dia, tirar o sustento da terra é impossível no dizer de Celso, o pouco que planta é somente para comer, se tivesse chuva, talvez até sobrasse para vender na feira. O único jeito quando completa a idade é sair. *Desde que cheguei que eu só arrumei um dia de trabalho, pros outros, né. A senhora olha aí, as vezes até podia sobrar pra vender, tava tudo bonito quando tava chovendo, mais agora a seca.*

Sobre a existência do trabalho em mutirão na comunidade, ele disse que só acontece quando tem que fazer uma rodagem, *assim uma coisa pra servir todo mundo.* Festas segundo ele, só de vez em quando porque é difícil sair de casa. Às vezes junta a turma de jovens e vão fazer um forrozinho no salão da comunidade vizinha de Tolda, nos domingos costuma jogar futebol no campinho da comunidade.

Depois que começou a trabalhar e ter seu dinheiro ele deixou de ser molecão e virou homem. Se já respeitava o pai passou a respeitar mais ainda, porque agora

¹³ Tem hora que a gente tá precisando de pedreiro na zona rural e tá pegando gente prática porque num acha pedreiro profissional, num tá sobrando. Tem muito parente que é pedreiro profissional mesmo, que fica esparramado aí, oh, Minas Novas, Virgem da Lapa, Araçuaí, Santa Rita. Por aqui num tá sobrando tempo pra eles aqui. Tem um vizinho meu mesmo que mexia com criação, depois ele partiu pra fazer uns bico lá na rua e depois ele passou a ser pedreiro profissional e hoje ele tá com 3(três) casas dentro de Chapada, e ele falou Adão, eu num quero nem saber de mexer com criação, meu negócio agora, eu tô é aqui dentro de Chapada e serviço pra mim num falta. Tem hora que eu tô com 3 (três), 4 (quatro) mil na mão de um pra receber. Eu pego obra aí de 8 (oito) mil. (Andre, representante da comunidade de Água Suja e membro do STR de Chapada que me acompanhou na pesquisa).

sabe o que é bom é o que é ruim. Nesse momento o pai entra e diz, mais uma vez, de como tem um filho trabalhador que ele nunca precisou chamar a atenção, *graças a Deus*. Celso diz que o seu salário é só para ele e que ele não precisa ajudar em casa, no que o pai contesta, que quando ele precisou de dinheiro, por estar apertado, para a filha mais nova que adoeceu foi o Celso que emprestou, pois ele tinha umas economias. *O tratamento ficou muito caro, mas assim que pude eu paguei, diz o pai.*

Outra vantagem de trabalhar e ter o seu dinheiro é ser mais respeitado pelas meninas. *É mais fácil arrumar namorada, né. Você não é visto como vagabundo.* Ter liberdade de comprar a roupa da moda.

4.5 - ADÃO

O Adão, de todos os jovens entrevistados, fisicamente, foi o mais diferenciado. Ele tem 21 anos, estudou até a 5ª série, usa piercing na sobrancelha, brincos e tem aparelho nos dentes. Ele tem 6 (irmãos), sendo uma mulher. Todos os irmãos têm casa no terreno do pai, menos ele. Um de seus irmãos não volta à região há três anos, mas sempre manda dinheiro para manutenção e reforma da casa. Segundo ele, não construiu casa porque ainda não casou.

Indagado se tinha vontade de ter uma casa na roça, ele respondeu em alto e bom tom: *tenho sim, mais na cidade, eu sempre quis ficar na cidade* (a mãe riu ao fundo dizendo que *ele sempre fala que na roça não fica*). Entre ficar na região e em São Paulo ele foi taxativo dizendo que escolheria onde tem serviço. Mesmo que esse lugar seja a roça, pois aqui tem a vantagem de ficar todo mundo junto, fora daqui fica todo mundo esparramado.

Adão saiu aos 16(dezesseis) e já tirou 6(seis) safras entre a cana e o café.

Trabalhou nos estados de Mato Grosso do Sul, fronteira com o Paraguai, Goiás e São Paulo.

P: Nas usinas em que você trabalhou, eles misturam os trabalhadores ou você trabalha só com mineiro?

E: *Em São Paulo eu trabalhei só com mineiro, agora já nas outras é tudo misturado.*

P: *Tem diferença do trabalho, salário, alojamento, comida nas usinas?*

E: *É do mesmo jeito. Diferença é que no Mato Grosso tem coisa mais barata por causa do Paraguai, né.*

P: *E a comida e o alojamento das usinas onde você trabalhou eram bons?*

E: *Eles (os trabalhadores) tá mal acostumado, eles acham que tão na casa e vão escolher a comida. Lá eles têm que comer o que tem. A comida é ruim mesmo.*

A primeira vez que migrou foi por indicação dos colegas, *na precisão a gente caça as pessoas pra levar, pois, aqui além de não ter serviço as pessoas nunca paga o que a gente necessita.* Nesse período ele já adquiriu uma moto e tem um dinheiro na poupança. Ele disse que se tivesse um emprego em Chapada, mesmo que por um salário mínimo, ele ficaria, desde que fosse registrado em carteira, mas acha difícil, *porque Chapada depois que o povo vai embora ela enfraquece. Se tivesse serviço aqui eu garantia que todo mundo quetasse aqui. Porque eles só vão pra fora por conta do serviço.*

P: *Quando cheguei aqui você tava trabalhando na reforma da casa dos seus pais, você também ajuda no serviço da roça?*

E: *Ajudo!*

P: *Comparando o trabalho aqui da roça com o trabalho na cana, qual a diferença?*

E: *É igual, porque quando a pessoa tá precisando do serviço ele nem vai preocupar com isso.*

P: *Qual a diferença do trabalho na cana e do que você realiza aqui?*

E: *Aqui você trabalha sossegado, cê num vai receber nada mesmo, tanto faz terminar hoje ou amanhã. Lá não, quanto mais eu trabaio mais eu ganho.*

Com relação à escola, Adão disse que teve que sair para trabalhar, para poder comprar roupa e calçado e poder se vestir bem. Perguntado sobre o que é vestir bem, ele disse que é poder comprar um sapato bom e uma roupa boa. Como

assim, o que é uma roupa boa e um sapato bom? *De marca, né!* Para ele o estudo que tem já é suficiente.

O que eu estudei já basta, né. Se eu estudasse hoje eu não tinha um veículo pra eu andar, num tinha dinheiro, num comprava roupa, não ia pra festa. Agora como eu trabalho, eu posso passear, posso ir pra festa, posso passar um tempo fora se eu quiser. A pessoa fica com dinheiro, né. Se eu fosse estudar a família não tinha como dá dinheiro. Desde que eu tinha dezesseis anos que eu falava: eu vou sair da escola pra eu trabaia.

Sobre o trabalho na cana, ele disse que enquanto tiver aguentando ele vai viajar. *Vou ficar igual meus irmãos, andando pra lá e pra cá. Voltando todo final de ano.*

P: *Como você vê a substituição do trabalho do cortador de cana pelas máquinas?*

E: *Tem máquina bastante, só que o serviço do corte de cana num acaba, não. Tem lugar que a máquina num entra, precisa das pessoas, tem muito brejo fora daqui que máquina num vai lá, tem que levar o cortador de cana. Às vezes pode diminuir, se eles levava 500 peão passa a levar 250, pode diminuir, mas acabar com o corte nos braços eles num acaba não. Então pode diminuir em algumas usinas, mais tem muita usina no Brasil.*

P: *Tem usina como a COSAN que já tá toda mecanizada? Até 2014 foi o acordo com o governo!*

E: *É, mais tem um acordo da usina que eu trabalhei com o governo, de manter os trabalhadores até 2016, de pegar 500 peão. Porque todo ano vem o povo da usina pegar peão, direto. Porque eles falam que o povo que tem aqui não completa os serviços que eles têm lá.*

P: *Você tem percebido movimento em outra direção que não a cana?*

E: *Só se for pra serviço melhor. Quais? Motorista, faxineiro, soldador, bombeiro.*

Segundo Adão os empreiteiros escolhem os trabalhadores que produzem mais, que trabalham muito.

P: *Com quem você aprendeu a cortar cana?*

E: *Com meu tio. Olha, se você não tiver uma explicação cê vai ficar uns 15 (quinze) dias só pra aprender a usar o podão.*

P: *Quantas toneladas de cana cê corta por dia?*

E: *Não adianta nem perguntar que eu não vou saber te responder.*

P: *Como você faz a medição?*

E: *Lá é por metro. Dá pra tirar 250 a 300 metros, mais vai depender da cana. Tem umas que é mais pesada, outras são mais leves, fina, a cana branca por exemplo. A leve fica retinha, a deitada que enraíza no chão fica mais pesada pra cortar. A cana 1842 é mais leve.*

Falando do tempo que está na usina, os momentos de lazer, Adão disse que é difícil passear ou divertir. Raramente ele se diverte. Além de acordar muito cedo para trabalhar, normalmente às 5h (cinco), ele ainda tem que lavar a roupa da cana. É mais fácil divertir na roça porque ele pode sair e acordar a hora que quiser. Sem contar que aqui tem muita amizade e para as usinas que ele vai ele não conhece ninguém, não tem parente nenhum por perto.

Mesmo dizendo gostar da vida no trecho, *viajando pra lá e pra cá*, quando vai chegando o final, lá pelos meses de novembro, dezembro, Adão fica contando os dias para vir embora. Esse ano ele está pensando em ir para o café, pois ele está com o seguro desemprego. Somando os três meses de trabalho no café com 5 meses de seguro desemprego dá o mesmo tempo de serviço na cana.

P: *Quando começa o trabalho no café?*

E: *Em maio. O café dá uma grana boa, e o serviço é mais leve, agora a cana só é mió porque é mais tempo.*

P: *O café termina sendo uma forma de descansar um pouco da cana?*

E: *É! Se tiver com seguro desemprego, melhor ainda.*

Adão diz gostar da vida de solteiro que tem. Pois para ele a responsabilidade de casado com família é muito difícil. Ser jovem é poder se divertir sem se preocupar. *Você pode ser jovem casado, mas vai ter outra responsabilidade, muita preocupação. Você pode viajar e voltar, se não ganhar dinheiro não tem que preocupar com a família. Minha mãe mais meu pai¹⁴ tem o salário deles aí e eu não tenho que preocupar com eles. Aí eu só vou preocupar comigo.*

P: *Te dá uma segurança cê pensar que se não der certo lá cê tem uma casa pra voltar?*

E: *Ah, isso dá segurança! Se num der certo cê tem uma casa pra voltar. Porque se a firma mandar embora cê tem um lugar pra correr, os de lá vai fazer o quê? Vai morar na rua.*

4.6 - REGINALDO

Reginaldo tem 23 anos e estudou até o terceiro ano do Ensino Fundamental, perdeu o pai ainda pequeno. Seus pais não sabiam ler nem escrever. Ele tem quatro irmãos (duas irmãs e dois irmãos), todos morando em São Paulo na região de Guariba. Todos trabalham na cana, um irmão como porteiro, outro como motorista e as irmãs no corte, quando dá. Ele é o único filho que retorna com o final da safra para não deixar a mãe sozinha na roça.

Reginaldo foi pela primeira vez para a usina em 2005 quando tinha 17 (dezessete anos). Como a grande maioria dos jovens, tirou o documento como se tivesse 18(dezoito anos). A primeira vez que foi para o corte de cana foi com o povo da comunidade onde mora. Ele conta que quando chega da usina costuma ajudar a mãe na lida da terra, normalmente com a capina. Com a chegada cada vez mais tarde das usinas a época do plantio não corresponde mais a sazonalidade das

¹⁴ O pai de Adão nunca migrou, é visível o orgulho de ter criado todos os filhos sem precisar sair da região. André o representante da comunidade, que me acompanhou nas pesquisas, o apresentou como o maior e melhor fabricante de adobe na região. “Não tem ninguém hoje que chega aos pés de seu Antônio na feitura do adobe”.

águas na região, quando chega ao Jequitinhonha já se passou o tempo do plantio, normalmente feito pela mãe ou por alguém contratado esporadicamente para este fim. Porém, os mantimentos plantados estão reduzindo cada vez mais. Hoje se planta um pouquinho de milho, um pouco de feijão, mandioca e uma horta também pequena, às vezes mal se preservam do que já foi plantado de culturas permanentes. Esse ano Reginaldo estava à procura de trabalho, pois, segundo ele, a seca foi brava. Ele trabalhou um dia na roça de um vizinho e estava pensando em ir para São Paulo (Guariba) pra ver se arrumava algum serviço, isso já no mês de janeiro, se não ia voltar pra cana. *O lugar da gente é mais mior, mais aqui a gente num ganha dinheiro. A diária na roça tá R\$ 35,00 com malmita da gente, e mesmo assim não tá fácil arrumar, é uma vez ou outra.*

P: *Você tem dois trabalhos lá e cá, como você vê isso?*

E: *Não, eu trabalho só lá, aqui eu não recebo nada não, é só uma ajuda que dô pra mãe. O trabalho é todo dia e no final do mês cê sabe que tem um pagamento.*

P: *Você está indo para São Paulo, agora, você pensa em ficar por lá?*

E: *Ahhhh, lá não ficaria não, mãe mora sozinha, eu não deixo ela sozinha, não! Ela tem medo! Não tem quem mora com ela, não é.*

Reginaldo, assim como os jovens que vão para a cana, aprendeu o trabalho do corte com os colegas. Ao todo ele já fez 8 (oito) safras, cinco na cana e três no café. No primeiro ano de trabalho, ele construiu uma casa na roça, na terra da mãe e, no ano seguinte, comprou uma moto, depois disso vem colocando o dinheiro na poupança. *Tudo que eu tenho eu comprei cortando cana e panhando café.* O trabalho na usina é pesado, não difere do falado por seus colegas de comunidade. Dependendo da qualidade da cana ele produz mais ou menos, depende da cana ser mais leve ou mais pesada. Outro dificultador é a proibição da queima da cana, pois força mais o facão e tem que tomar mais cuidado com os bichos.

Ano passado Reginaldo foi para a usina no sul da Bahia, pela primeira vez. Lá ele trabalha 5 dias e folga 1, (cinco por um), *agora tem usina que é 6 (seis) por 1(um), que é mais ruim, porque se a folga for só no domingo é tudo fechado e não*

tem como ir no banco . A usina fica longe da cidade o que o impede de sair no dia de folga para um descanso ou um barzinho com os amigos. Ele disse que quando vai para as usinas dificilmente ele sai. Quando eu tô viajando eu não gosto muito de sair não, porque eu saio é pra trabalhar.

Diferentemente das usinas em São Paulo, na Bahia os trabalhadores não são separados por estado ou regiões, lá é tudo misturado, pega o mesmo ônibus, tudo misturado. Quando perguntado sobre as condições de trabalho ele diz: o alojamento até que não é ruim, (dezesseis pessoas num quarto em cama beliche encostada uma na outra) mas a comida é muito ruim, é comida feita pra muita gente. Nós come no canavial, não tem jeito de comer no restaurante, porque às vezes a gente tá longe. Esse ano tinha hora do almoço. A gente parava às 9:00 e começava às 10:00, outros parava às 10: 00 e começava às 11:00. Ficava cansado e revoltado! No dia de folga cê tem que comprar merenda, comprar alguma coisa pro cê levar pra roça, não tem como ficar fazendo muitas coisas fora daqui.

A escolha da usina no sul da Bahia foi por esta oferecer melhores oportunidades. Cada ano a gente vai prum lugar onde tá oferecendo melhor oportunidade. Assim cada ano a gente vai prum lugar, né. O que é melhor oportunidade? O lugar que oferece melhor oportunidade de salário, né. A gente fica sabendo pelos amigos, onde tá pagando melhor.

P: E como você fica sabendo onde está pagando melhor?

E: Ah, é pelos amigos, conversando, tô indo pra tal lugar, lá eu ganhava tanto. Tem hora que a gente vai ligando pros amigos, né! Lá eu tô ganhando tanto e num precisa de trabalhar muito e a roça não é muito longe da cidade e o trabalho é mais mió. Ah, tem amigo da gente que fala: meu irmão, meu primo, meu amigo tá ganhando tanto. Aí a gente fica sabendo na comunidade pelos amigos e quando topa eles na cidade.

P: Como está o seu salário, com relação a 2006?

E: Eu não entendia nada, esforçava muito, mais eu não tinha prática pra render no serviço, agora eu já tenho mais prática e rende mais. Já tenho o costume.

P: *Quantas toneladas você tira por dia?*

E: *Esse negócio vai variar da cana. Se a cana for forte pesa mais se for fraca pesa menos. Depende também do sol não está muito quente nem brusco, aí dá até pra cortar bem.*

P: *Você corta mais de 10 toneladas por dia?*

E: *Varia do dia, tem dia que a gente chega cansado da roça e no outro dia tá cansado.*

P: *A média é menor que 10 toneladas?*

E: *É, tem dia que dá pra cortar 10 ou mais tem dia que não dá, depende da cana ser mais leve ou mais pesada.*

Reginaldo já trabalhou em vários estados no corte de cana, São Paulo, Mato Grosso, Goiás, sempre atrás de um salário melhor. Como os demais jovens entrevistados, ele disse não ter receio da mecanização, pois *não são todos lugares que a máquina vai, mesmo usando mais máquina, tem lugar que é só homem mesmo*. Mesmo assim ele vem percebendo movimento em outras direções como motorista de caminhão nas usinas, vendedores na praia.

Quando perguntado com relação à escola ele disse que teve que sair para poder trabalhar (ficou muito constrangido). Reginaldo não vislumbra nenhuma possibilidade de voltar a estudar na atual circunstância da usina:

Pode até dá conta mais aí vai cansar mais, né. Cê chega cansado da roça, cê vai estudar e chega à base de 11:00h da noite, daí vai dormir e acorda às 4:00h da manhã pra trabalhar. Cê chega e ainda tem que lavar a roupa que ocê chegou, suja de carvão da foligem (queima da cana) com as mãos.

Reginaldo não gosta da vida no trecho e diz não ficar em Chapada porque é difícil arranjar um emprego e quando arranja o salário é muito baixo e não compensa, principalmente se a pessoa for casada. O cortador de cana tem que aproveitar enquanto está jovem.

Já na cana dependendo Cê tira até R\$ 1.000,00, mil e pouco. Tem uns que já tira mais mió, tira R\$2.000,00, dois mil e pouco, esforça mais, né. A gente segura mode não desperdiçar porque o trabalho é difícil, perigoso e cansado, se quiser adquirir alguma coisa...! O cortador de cana tem que curtir a vida enquanto pode, porque rebenta tudo. Estraga muito o corpo dele.

O seguro desemprego é pago um ano sim outro não e varia de três a quatro parcelas, segundo Reginaldo. O valor do salário é baseado na produção, na media do trabalhador durante a safra. Quando perguntado sobre o trabalho na roça a resposta não varia dos seus amigos da comunidade. Ele aprendeu a trabalhar na roça com sua mãe e seus irmãos. Gosta de morar na roça pelo sossego e pela liberdade, *Cê sai e pode largar a casa aberta, vai em tudo que é casa, agora fora daqui cê num tem liberdade como tem aqui, mesmo com pouco divertimento. Só de vez em quando que a gente faz um churrasco, no mais a gente gosta é de jogar bola num domingo. É pra dançar e namorar? Aí a gente faz uma festinha, chama uns amigos e vai lá e tal...!*

Reginaldo, como seus amigos, gosta de comprar uma roupa da moda, uma roupa de marca. *Às vezes cê compra uma roupa em São Paulo, de marca, chega aqui tem uns que já tem parecida, só que não é de marca.* Quando perguntado qual outra coisa que indica ser jovem além da idade ele diz: *Olha, tem que ser pela idade mesmo, por exemplo, o meu irmão é mais velho, mais o serviço dele é mais leve e o corte de cana esforça muito o meu corpo. Ele só pega serviço leve e eu só pego serviço pesado. A aparência minha é mais velha que a dele.*

Outra questão levantada por ele é a dificuldade de comunicação na comunidade.

P: *Quais são as novidades de são Paulo?*

E: *Tem muitas coisas lá que aqui não tem. Lá tem condições de trabalho, pode chover que dá pra levar... e aqui não. Tem hora que não dá pra fazer muitas coisas. Lá tem computador que aqui não tem.*

P: *Você acha que isso atrapalha a vida?*

E: *Pra gente atrapalha né. Porque tem uns que gosta de ficar no computador. Em São Paulo tem lan house. Se tivesse aqui era pra gente ter laptop.*

P: *Então você não compra celular nem computador?*

E: *Celular sim, mesmo tendo que sair pra longe pra poder falar. Telefone fixo também não tem, até pra gente ligar pra mãe de São Paulo fica mais ruim.*

Quando perguntado sobre o desejo de futuro, de arrumar outra profissão Reginaldo não vislumbra muitas possibilidades, pois, *Ah, é difícil, nunca trabalhei em nenhuma profissão a não ser a cana. Se eu fosse trabalhar de pedreiro, eu ainda tenho condições.* Reginaldo construiu uma casa no terreno da mãe, segundo ele fez pra não desperdiçar dinheiro e para o caso de retornar e ter onde morar, pois ele gosta muito de morar na roça. Também comprou uma moto, *agora com a rodagem já posso ter uma.* Ele tem vários amigos, tanto na comunidade como os amigos feitos na usina: Bahia, Piauí etc.

P: *Aqui na roça você tem liberdade de plantar o que você quiser ou sua mãe é quem diz o que plantar?*

E: *Tem vez quando chego já tá plantado, aí eu ajudo ela a capinar e no mais plantar milho além do que já tem. Às vezes na casa dos amigos a gente arruma uma semente de abóbora que é boa, planta laranja, quiabo. Eu pego muitas sementes com os amigos.*

P: *Você sente que é mais respeitado depois que começou a trabalhar fora?*

E: *Aqui todo mundo é respeitado!*

4.7 - SILVIO

Silvio tem 28 anos, é casado e tem uma filha, estudou até o quarto ano do Ensino Fundamental e tem 14 (quatorze) anos que está no trecho. Foi pela primeira vez para o café, no sul de Minas, com 14 anos de idade e desde então nunca mais

parou. *Eu sempre vou e volto! Já trabalhou em usinas de Goiás, Rio de Janeiro, interior de São Paulo, sul de Minas. Sempre mudando atrás de pagamento melhor, usina melhor de trabalhar. Oh, cê escuta falar, tal usina tá boa, foi boa de trabalho esse ano. Um ano a usina tá boa outro ano não, cê vai e quebra a cara.*

P: *O que conta numa usina para ser boa de trabalho é só o salário? E alojamento e alimentação?*

E: *É, sempre olha, né! Mais o que a gente preocupa mais é com a forma de ganhar o pagamento, né. Tem que ter saúde boa, alimentação. A gente preocupa mais é com saúde e alimentação. Se tiver ganhando bem a gente se vira com a alimentação. Tem que ter uma boa assistência médica que a gente precisa.*

Quando perguntado o que moveu a saída ele diz: *foi o ganhame que a gente não tem aqui, né! A gente fica aqui e não tem nada pra fazer. A gente tem que sobreviver é lá fora mesmo, enquanto tiver com saúde e força. Conta que a primeira vez que migrou foi com um encarregado, que levou mais 14 (quatorze) pessoas. Disse que não teve dificuldades no serviço porque já estava acostumado a trabalhar na lavoura que ajudava o pai desde pequeno e que aprendeu olhando o pai plantando.*

P: *E a cortar cana, quem te ensinou?*

E: *Do mesmo jeito! A gente que tá acostumado trabalhar na lavoura vê os outros fazendo vai e faz a mesma coisa, o que jogar a gente a gente faz. Tem o fiscal que explica. Quando a gente chega lá, a gente quase, num dia só de orientação, eles colocam num telão a forma de serviços. Num tem segredo, pra quem é do campo, da roça e da lavoura, só vendo os outros fazendo.*

P: *E os companheiros dão boa orientação?*

E: *Sempre tem orientação dos companheiros. A gente que trabalha por produção não tem tempo de ficar ensinando os colegas, né! Às vezes vem o fiscal que fala: cê tá errado e tem que fazer assim!*

Silvio disse que a produção, assim como os outros jovens entrevistados, vai depender da qualidade da cana. Ele disse ser difícil calcular por tonelada, mas que, *com certeza*, sempre tira mais do que a usina computa. Tem sete anos que ele vai direto para o corte de cana, como esse ano ele teve direito ao seguro desemprego ele passou os 4 (quatro) meses do recebimento do benefício, na comunidade e não foi trabalhar na praia como é de costume. Segundo Silvio é comum na comunidade as pessoas irem um ano pra usina e no outro irem para café levando a esposa, pois o trabalho da mulher compensa pelos poucos meses no café, que costuma ser de três meses. Segundo ele *o trabalho da muié no café é pano pra manga e quando não tem pai e mãe pra deixar os filhos, tem que levar.*

P: *No café tem muita gente nova?*

E: *No café agora tá sendo difícil, porque tá pegando menino mesmo, assim, e obrigando a estudar. Tem muito menino que vai né, porque eles acaba não estudando nem aqui nem lá, porque estudar de que jeito se não tem emprego. Eles têm que trabalhar pelo menos pra roupa, já que o pai não pode dá.*

P: *Você disse: estudar pra quê se não tem emprego! Você acha que a escola fez diferença na sua vida?*

E: *Eu tenho arrependimento, se eu fosse uma pessoa que pudesse, até hoje se eu arrumasse um emprego ou tiver na idade eu vou voltar a estudar. Esse ano mesmo eu fiz até um curso de soldador. P: Mesmo na cana? E: Fiquei três meses fazendo o curso, tá até aí o “significado” (certificado¹⁵) do curso. Só que tem muitas firmas metalúrgicas daqui que depende do estudo, do terceiro ano, e eu não tenho o terceiro ano, tenho a quarta série completa. Só que eu nem procurei emprego ainda, só que eu vou saí aí esse ano pro interior vê se eu acho.*

Para ele a escola adiantou pouca coisa na vida dele. *Foi um adianto só por causa da leitura, porque eu sei lê e escrevê meu nome, né e contar dinheiro também!* Silvio diz que entrou na escola com 10 anos e só foi à escola por idéia dele mesmo. *Eu via*

¹⁵ Ele foi até o quarto e trouxe orgulhosamente o certificado, todo plastificado, para provar que ele tinha feito o curso.

os menino indo né, daqui onde eu estudei era mais de 1 hora a pé, lá na água limpa (Berilo). A escola era da rede estadual, nós saía daqui 6:00h e chegava lá 7:30h e ainda levava água, porque chegava lá não tinha água, eles prometiam de furar um posto, né. Estudei os 4(quatro) anos lá e nunca bombei!

P: Lá só tinha até o quarto ano e se você quisesse fazer a 5° série você tinha que ir para onde?

E: Pra Chapada! E como é que eu ia, num tinha casa pra morar, não tinha como ir, tinha que parar. Era difícil, era difícil essa época.

Mesmo não tendo oportunidade de prosseguir nos estudos, Silvio disse que o trabalho na cana e no café foi o que possibilitou adquirir a sua casa, tirar carta de motorista, comprar roupa: *pra quem não tinha, hoje, graças a deus eu olho uma roupa na loja se ela custar R\$ 100,00 conto eu compro e fazer o curso de soldador que foi e R\$1.350,0. Esse valor cê paga em 6 (seis) meses, só que você não pega o “significado” agora, só depois de pagar, cê sai formado, mas o significado só depois de pagar as prestações. Eu falei assim, eu já fiz o curso, já que eu tô com o dinheiro pra pagar, aí fui lá e paguei tudo. Ah, eu adquiri muita coisa, né, pra mim que não tinha nada.*

A casa de Silvio é grande e bem arejada. Ela é de 4 (quatro) águas, feitas de tijolo e com janelas e portas de madeira, a casa é coberta de telha colonial, como todas as outras que visitei na comunidade. Silvio construiu a casa no terreno de seus pais, assim como seus cinco irmãos, entre eles uma irmã. Como a terra é pequena não dá para todos plantarem.

O terreno nosso aqui é pequeno, se for pra todo mundo criar uma vaca aqui... oh, só dá mesmo pra construir uma casa e ficar todo mundo embolado aí, porque todo mundo sabe que é família. Se for pra cada um comprar uma vaca num tem na onde. Ela morre no meio do mato, num vai ter o que comer. Tá todo mundo junto porque é da família, né, mas tá todo mundo no trecho, vai e volta. Os que tão lá tentando arrumar um servicin melhor, que não é o corte

de cana, que é mais leve, né, favorece mais, tá com a família. Igual meu irmão, arrumou um servicin melhor, que tá amolecendo (descansando) o corpo melhor. Ele é motorista, tá lá com a família.

Semelhante aos outros depoimentos, Silvio fala da dureza do trabalho na cana que é muito pesado e consome muita energia. *Tem que tá movimentando o corpo a coluna e braço. É os braços direto, tem muita gente que dá jeitura nos braços, nos ossos, desgaste. O movimento é muito, né, e é disso que a gente tem que sobreviver. Porém ele não vislumbra nenhuma possibilidade de continuar na terra, pois para ele não tem mais como sobreviver da roça, mesmo Deus mandando um bom tempo tem que ter saída do que a gente plantar, comercialização e rendimento, porque se for pra gente só fazer e ficar dentro de casa, num tem tino só colher o que vem da roça. Também eu acho assim, oh, no meu pensamento que a gente tem que arrumar um emprego pra poder trabalhar.*

O sonho de Silvio é arrumar uma profissão e um emprego que não, seja no corte de cana. Para ele o corte de cana não é profissão:

Corte e cana pra mim não é profissão. Ali cê num tá trazendo nada, cê só tá gastando sua energia, gastando sua coluna. Profissão é ocê aprender pra trabalhar em qualquer lugar. Assim, é melhor pra gente trabalhar especializado, né. Igual a gente aqui, a gente aqui não tem profissão nenhuma!

P: *Você acha que lavrador é uma profissão?*

E: *Eu, aqui no meu pensar a gente tá medindo é força, né. Tem que ter força. Olha, profissão é ser motorista, pedreiro, cada dia mais cê vai aprender mais alguma coisa. Ser soldador eles fala que é profissão, eu fiz o curso, eu não tenho muita experiência do que é profissão, não, porque eu nunca trabalhei, mais... porque cê vai trabalhar mais com a ideia, né, vai pensar no que você vai fazer ali. Cada dia que passa cê vai aprender mais. Igual corte de cana mesmo, cada dia que passa a tendência sua é cada vez diminuir mais, as forças vão acabando e num guenta, sabe.*

Outro desejo de Silvio é ficar perto da família, pois como ele mesmo disse, ele passa mais tempo em São Paulo que em Chapada. *Acaba a gente morando mais lá do que com a família, o que eu sempre falo com meus colegas, Lá eu fico 9 (nove) meses, aqui eu fico 4(quatro) meses.* Silvio, por desejo, não tem vontade de morar em São Paulo, mais se for pra morar com a família ele até faz uma exceção. Pois, para ele a família é a metade e para ficar perto da sua filhinha ele é até capaz de *no finalzinho até sentir bem em São Paulo.*

Perguntado sobre a mecanização das usinas em São Paulo, Silvio falou da diminuição da mão de obra no corte de cana. As máquinas estão fazendo o serviço dos trabalhadores, ela substitui 80 trabalhadores e por isso o salário está diminuindo, como ele disse. *Eles mesmos falam (empreiteiros e chefes) que tão dando emprego fazendo um favor porque num tá compensando fazer trabalhar manual, porque dá muito gasto.*

Para ele com o aumento da mecanização nas usinas vai diminuir muito o emprego. *Igual a usina da barra mesmo, pegava 400 pessoas, esse ano não pegou nenhum, diminuiu muita gente, num pegou nenhum daqui.* Mas, tem muita gente que ele conhece que tem conseguido oportunidades melhores e tem gente que tem até voltado a estudar.

Motorista e um servicim... em vista do que a gente faz, né. Aqueles que nunca pegou no pesado, igual o que a gente fala, o pesado é o serviço da gente. Porque quem tem um estudo vão caçar serviço melhor, o que sobra a gente pega, uma vaguinha de motorista, segurança, guarda e outros de faxineiro.

Como os outros jovens, o ideal de felicidade para Silvio seria ter um emprego na região. Se tem uma coisa boa em São Paulo é o emprego. *Se o emprego que tem lá saísse aqui pra gente, se tornava mió, né. Mesmo que a gente não ficasse em casa, pelo menos ficasse perto de casa e a gente pudesse vir pelo menos no final de semana.* Silvio disse que se arrumasse um emprego em Chapada, *eu mesmo procurei um serviço aí pra mim mas é difícil arrumar, que pudesse aprender uma profissão ele ficaria, mesmo ganhando um salário mínimo. Seria bom arrumar uma profissõozinha e naquele intervalozim, nas folgas da gente, a gente vim aqui e cuidar*

da roça, né. Igual a gente fica pra fora e num tem tempo de fazer nada no que é da gente.

Sobre a diferença da roça com a cidade Silvio disse que para estudar é melhor na cidade, mas *o trabalho na roça é só pra quem cresceu na roça, pois a gente é da roça, viveu na roça, a gente aprendeu fazendo, então cê vê um outro fazendo cê vai tentar fazer também.* Quando se refere ao trabalho em São Paulo, Silvio diz que sua rotina lá é somente o trabalho. Ele trabalha cinco dias e folga um, nos dias de folga ele lava as roupas do serviço e às vezes vai à cidade fazer compras de mantimentos. Mas o dia de folga mesmo ele gosta de tirar é para descansar, *dormir um soninho, quando é no outro dia levantar pra começar de novo, mais 5 (cinco) dias, então não tem como a gente passear. O passeio da gente lá é no trabalho, no serviço que a gente aprendeu.*

P: *Eu fico pensando como seria pra os usineiros se você não tivesse sua casa pra voltar, porque é muito fácil eles te pagarem e você vim pra cá e ficar 4(quatro) meses esperando a próxima safra sem nenhuma despesa pra eles. Se você tivesse lá só pra trabalhar no corte de cana?*

E: *Aí eu ia ter que arrumar vaga pra eu morar, porque assim que termina os contratos que eles têm com a gente, a gente tem que sair. Porque sempre que a gente sai tem a reforma dos alojamentos. Quando você para o serviço eles têm 24h(vinte e quatro) pra acertar com gente. Cê parou hoje, amanhã eles já tão encaminhando pra gente voltar pra terra da gente. O serviço da gente se forma meio difícil e no fim se forma até mais alegria, né. A gente trabalha lá 8(oito) meses e no derradeiro dia cê diz no fim: **é hoje o derradeiro dia e se forma alegria!** Não dá nem vontade de trabalhar mais. Tem muito chefe da usina que não gosta de falar o dia por mode a pessoa trabaia, né. Porque até cai a produção.*

A vontade de voltar para casa se justifica não somente pela saudade da família, mas pelo convívio na comunidade, pelos amigos, vizinhos e parentes. Aqui na roça é o lugar da gente. Aqui a gente tem troca de dia, lá fora num tem disso não, cada um faz pra ele e Deus pra todos. Lá num tem ajudinha não, aqui cê ajuda um, troca com outro. Lá num tem jeito né, cê tem que produzir.

CAPÍTULO 5 - ANÁLISES DOS DADOS

5.1- DESCRIÇÕES DAS ORIGENS

A compreensão da presente pesquisa na perspectiva dos jovens entrevistados foi um dos pontos importantes para o entendimento de como os jovens rurais da pesquisa percebem o seu lugar de origem e, a partir deste lugar, como ele vai construindo seus projetos de futuro, seus sonhos e desejos.

Inicialmente, não imaginávamos que as falas fossem tão homogêneas. CANDIDO (1982) e DURHAN (1978) já falavam da indiferenciação econômica que se alia à homogeneidade cultural e social que se manifestava no plano das ações. Durante as entrevistas, as conversas versaram sobre a tranquilidade da roça, o aconchego da família, as relações face a face, a liberdade e também a impossibilidade de permanecer na terra e tirar daí o sustento. Mesmo, que a maior parte do ano, durante nove ou mais meses, esses jovens passem fora da região de origem, a roça continua sendo o referencial de morada e do projeto de vida futuro, principalmente quando o objeto de comparação é São Paulo.

A gente vai pra trabalhar, mas o lugar da gente é aqui, né, tem que voltar, a gente deixa a família. Quando era solteiro, a preocupação era pai e mãe, depois que cê cria família a cabeça esquenta mais, cê tem que trabalhar pra manter, né (José Silva, 28 anos).

Se pudesse ficar aqui pra sempre eu ficaria. Vamo vê no decorrer dos anos como vai ser...! (Hamilton, 21 anos)

Ah, se eu pudesse ficar aqui, se tivesse serviço eu não trocaria esse lugar por nada! (Jaime, 25 anos)

Cê sai e pode largar a casa aberta, vai em tudo que é casa, agora fora daqui cê num tem liberdade como tem aqui, mesmo com pouco divertimento. Só de vez em quando que a gente faz um churrasco, no mais a gente gosta é de jogar bola no

domingo. É pra dançar e namorar? Aí a gente faz uma festinha, chama uns amigos e vai lá e tal...! (Reginaldo, 23 anos)

A tranquilidade associada à roça é sempre uma contraposição à violência nas cidades. Mesmo não expostos diretamente a esta violência, visto que partes consideráveis do tempo passam nas usinas e, por isso, longe desse cotidiano das cidades, existe um imaginário alimentado pela mídia que associa a cidade à violência. Na fala dos jovens eles intercalam trabalho e violência quando se referem à cidade, sendo que o trabalho confere uma supremacia da cidade sobre o campo.

...e todo ano é esse pensamento de ficar e num voltar mais. Tenho vontade de ficar aqui, mais não dá. Por quê? Tudo atrapalha né, é tempo seco e agora o principal: o emprego. Em São Paulo cê num conhece ninguém é aquela violência. A única coisa que tem lá é serviço, né. (Jaime, 25anos)

... aqui (roça) não precisa esquentar a cabeça, em são Paulo a violência é tão grande que a gente sai na porta e num sabe se vai entrar pra dentro. (José Silva, 28 anos)

... Na cidade grande cê passa perto de uma pessoa e num sabe se é uma pessoa honesta ou um bandido, quem mora aqui conhece todo mundo e olha tranqüilo. Menino anda sozinho na estrada. (Hamilton, 21 anos)

A falta de emprego na roça e na região, porém, é compensada por qualidades que a cidade grande não tem. Se o presente é impedimento de pensar um projeto de futuro mais a longo prazo, no que tange ao trabalho no campo, por outro lado, compensações são relatadas na fala dos jovens. A tranquilidade de locomoção, de deixar a casa aberta, de criança poder andar tranquilamente, amizades são objetos de desejo de quem mora nas cidades e que na roça é parte do cotidiano. As relações entre as pessoas não têm a impessoalidade da cidade grande e são mais simétricas. O sentimento de pertencimento a uma localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo, mesmo que menos intensas que no passado, é que torna

as suas relações pessoais mais humanizadas, que cria a singularidade do seu viver, marcadas mais pela inteireza em suas relações. Nesse sentido há uma valorização do rural em contraposição à cidade grande, e os jovens começam a manifestar o desejo de permanecer na localidade de origem desde que ocupados em atividades que não seja a ocupação na agricultura familiar.

Se a roça é o melhor lugar para viver, ela, também, não deixa de ter suas contradições na fala dos jovens. Pois a roça também é vista pela ótica da falta. O emprego, ou melhor, a falta dele, a condição básica da sobrevivência, é recorrente na fala desses jovens quando remetem à vida no campo. A terra deixa de ter a dupla função da economia e do lar, como disse WOLF (1970), e passa a ser o desejo do lugar de morada não mais da agricultura. Pois tirar o sustento da terra é algo fora de questão na percepção dos jovens, não pela dureza do trabalho, relatado por vários autores, DURHAN (1978), WANDERLEY (2007), CARNEIRO (2007), ABRAMOVAY (2003) sobre os jovens rurais em sua relação com a terra e, sim, pelas dificuldades de tirar daí o sustento e pela adversidade da natureza. Essa transformação que vem ocorrendo ao longo das gerações só se dá na medida em *que é enfraquecida a viabilidade dos sistemas tradicional de adaptação ecológica e equilíbrio econômico*, (DURHAN, p.98) como relatado em capítulos anteriores.

As singularidades desses jovens colocam-nos numa condição, como detalharemos mais adiante, de considerar o trabalho da roça leve quando comparado ao trabalho da cana. Talvez isso explique vários depoimentos nesse sentido. Outro ponto recorrente nas falas; a seca, como consequência da variação climática, foi posta como impedimento da agricultura e a grande responsável pelo declínio da produção agrícola. Há uma naturalização na fala desses jovens, na medida em que responsabilizam os fatores climáticos, a chuva ou falta dela, como os grandes responsáveis pelo pouco rendimento da agricultura, fora da capacidade humana de resolução. *Contra a natureza a gente num pode* (Reginaldo, 23 anos).

...Mas, se continuar a seca do jeito que tá a gente vai ter que sair. Achar uma oportunidade de trabalho com a família. Talvez a gente muda, né. Cheguei e achei bem diferente por conta da seca. Aqui é ruim no tempo da seca, mas agora mesmo eu prefiro aqui que lá. Mesmo com a seca, olha, eu num consegui morar nem em

Chapada, imagina São Paulo (Hamilton, 21 anos).

Olha os milho, tá morrendo tudo. Tem que sair mesmo, num tem jeito. Tem que sair pra ganhar ele lá e gastar aqui (Celso, 20 anos).

... e todo ano é esse pensamento de ficar e num voltar mais. Tenho vontade de ficar aqui, mais não dá. Por quê? Tudo atrapalha né, e tempo seco e agora o principal: o emprego (Jaime, 25 anos).

Como disse DURHAN (1983, p.115), *isto é verdade para os produtores autônomos, que são levados a definir a produção como resultado direto de uma relação entre homem e natureza.* Nessas condições, com o enfraquecimento da produtividade, a melhoria das condições de vida só pode se dar pela integração cada vez maior ao mercado de trabalho que ofereça maiores oportunidades. Soma-se a isso uma demanda cada vez mais crescente de produtos industrializados, não somente eletroeletrônicos, mas também de alimentos que antes eram produzidos e que hoje não o são mais.

Talvez aí se encontre o desejo de viver o melhor dos dois mundos, como disse WANDERLEY (2007), ter por um lado um emprego que possibilite um salário mensal, mesmo que nos arredores e por outro a tranquilidade da roça, a família os amigos. Enquanto esse melhor dos dois mundos não se realiza, esse jovem vive a duplicidade desses mundos. *Ele se mantém na duplicidade de duas socializações. Ele vive a marginalidade de duas relações sociais diversas entre si (MARTINS, 1986, p.50).* De um lado, o local de origem que não oferece as condições mínimas de uma vida digna e de realização com o fruto do seu trabalho, no destino relações de trabalho e de vida cada vez mais precárias. *É sempre o que vai voltar a ser e não o que é. A demora desse reencontro é o que define a migração temporária (Ibidem, p.50)* desses jovens. *É migrante temporário porque se considera fora do seu lugar, fora de suas relações sociais, e que no limite, não se considera dentro mesmo quando está.* Uma travessia permanentemente inconclusa, que talvez se realize logo na frente ou talvez não.

5.2- A FAMÍLIA E O SABER

Uma das especificidades da juventude rural é o seu processo de socialização e aprendizagem na lida com a terra, que começa cedo no âmbito da agricultura familiar, ofício passado de pai para filho. Tendo a família um importante papel de socialização e formação, de um saber lidar com a terra, que é passado de geração em geração, pois é precisamente a partir das referências familiares que esses jovens vão se constituindo socialmente e se qualificando tecnicamente na profissão de agricultor. Sendo assim, a profissão de agricultor é a mais fortemente determinada por transmissão hereditária. Como definiu CARNEIRO (1998), a família rural, como qualquer outra, é um universo de relações que implica a autoridade, por sua função de socialização de menores, definindo-se assim, como um mundo de relações recíprocas, complementares e assimétricas, onde os papéis de gênero e intergeracionais são bem definidos em uma hierarquia familiar mais resistente a mudanças. Os papéis masculinos e femininos na agricultura são bem delimitados, *cabendo aos homens a esfera da produção – pública rentável e que possibilita à família manter-se como grupo; e à mulher o papel da reprodução – privada, autossuficiente e capaz de garantir aos membros da família as condições que possam mantê-los como indivíduos* (FERREIRA, ALVES, 2009, p. 252).

Nesse sentido, saber e família estão imbricados na agricultura familiar, pois ela é fundamental na transmissão do saber técnico às novas gerações, inclusive na reprodução dos papéis. Além do aprendizado de um ofício, mesmo não sendo objeto do presente estudo, outra característica da agricultura familiar é a gestão de um patrimônio imobilizado em terras e capital. Desenvolvido a partir do trabalho de toda família (ao qual o jovem é incorporado desde criança) ABRAMOVAY (2003).

Aprendi a trabalhar quase brincando”, afirma José. *“la pra roça levar comida pro pai e lá mesmo ficava* (José 24 anos).

Aprendi a trabalhar na roça com meu pai. Desde pequeno que a gente vê plantando que a gente vai ajudar, né. Desde moleque que eu aprendi o trabalho da roça (Silvio 28anos).

Ah, quem me ensinou a roçar foi minha mãe e meus irmãos. Eu ficava dando uma ajuda aqui outra ali e assim fui aprendendo... Talvez se meu pai fosse vivo eu tinha aprendido com ele, né (Reginaldo, 23 anos).

Foi com meu pai e meus irmãos que eu aprendi o serviço na roça (Hamilton, 21 anos).

P: Se seu pai resolvesse fazer uma viagem e ficasse um tempo fora, você daria conta de assumir a terra, com plantio e tudo?

E: Claro! Se ele saísse eu daria conta. Porque desde criança eu já gostava de acompanhar pai na roça. Ele nunca me chamou, mas eu ia atrás. Eu ajudo a plantar a carpir. Às vezes até podia sobrar pra vender. A senhora olha aí mesmo, tava tudo bonito quando tava chovendo, mais agora a seca.” (Celso, 21 anos).

Em todos os depoimentos, o aprendizado da agricultura foi passado pelo pai ou pela família. O preparo do solo, o plantio, as limpas da lavoura, a colheita, a estocagem e a circulação dos bens constituem um grande repertório de conhecimento, cuja aparente rusticidade, no dizer de BRANDÃO (1983), apenas esconde segredos e saberes de uma grande complexidade. A evidência que, mesmo expropriado culturalmente e submetido ao poder de uma ideologia dominante, o mundo camponês cria e recria estilos, formas e sistemas próprios de saber, de viver e de fazer. Em suas comunidades, o campesinato preserva e reinventa tecnologias agrárias de trabalho sobre a natureza e de transformação de frutos colhidos (Ibidem, p.15).

Para os olhos de fora nada parece tão simples e rotineiro como o ato de plantar e colher. Aquilo que parece tradicional, pré-lógico ou ingênuo é o resultado do pensar de um modo de vida extremamente eficaz e eficiente (BRANDÃO, 1983; CANDIDO, 1975; DURHAN, 1983; RIBEIRO, 2008; GALIZONE, 2007). Porém, visto de perto, de dentro do seu sistema, essa tecnologia que aparenta rusticidade apresenta conjuntos sistêmicos de experiências e de conhecimento que, na prática, abarcam todos os campos que seus equivalentes eruditos dominam: a meteorologia, a geologia, a agronomia, a astronomia, hidrologia, zoologia e a botânica. (Brandão,

1983, p.16). Como citado em capítulos anteriores, esse conhecimento e esse ajustamento ecológico ao meio é o que garantiu a sobrevivência do campesinato no Brasil. Conhecimento, este, em ameaça como disse MARTINS:

“Assim como a devastação da floresta destrói definitivamente espécies de vegetais úteis, a devastação ou a mutilação de grupos sociais diferentes do nosso suprime modos de viver e de pensar, bem como destrói saberes que representam um germe de alternativa para a desumanização acelerada que estamos vivendo (1993, p.12).

Soma-se a isto, a inexistência de uma sistematização deste saber de acordo com os moldes cartesianos da ciência oficial, não invalida um conhecimento milenar que respondem pela produção física, social e cultural desses agricultores (MARTINS, 1993 p.17). Esse saber, por mais tradicional e estático que pareça, é constantemente reinventado, o que permite a incorporação de novas tecnologias quando é considerada útil e compatível com os recursos locais e com o seu sistema. Saberes como a construção de caixas de captação de água de chuvas para utilização na época da seca, em parceria comunidade e ONGs da região, barraginhas de saco de terra, que são pequenos açudes, para reabastecimento do lençol freático etc. Na presença de outros conhecimentos sobre o fazer agrícola há um crivo que passa pelos saberes em que os agricultores definem o que pode ser incorporado à lavoura camponesa sem colocar em risco o seu sistema, sua unidade produtiva.

Porém a transmissão desses saberes nas comunidades rurais não se restringe unicamente à família, outras redes sociais são responsáveis pela reprodução do saber. Segundo BRANDÃO (1983), estes grupos podem ser divididos em grupo doméstico (marido, mulher e filho), a unidade essencial de reprodução de uma parte fundamental do saber de classe. A parentela: redes familiares (avós, netos, tios, sobrinhos, cunhados, padrinhos e afilhados) são relações afetivas com efeitos socializadores ocorrem como ensinamento, na lavoura ou em atividades rituais ou profissionais especializados. Grupos de mutirão (redes eventuais ou estáveis) mesmo que esporádicos ainda acontecem nas comunidades quando necessários para um bem coletivo. Equipes de trabalho especializado: grupos pequenos de camponeses ou de trabalhadores entre camponeses responsáveis por

tipos específicos de ofícios (casas, currais, etc.). Esse é um saber mais especializado e quase em extinção nas comunidades rurais. Por fim, os grupos de trabalho ritual, que são grupos que produzem trabalho religioso coletivo, hoje, normalmente representado pelo representante das igrejas nas comunidades.

Esse breve resumo das várias formas de aquisição de saber é somente para ilustrar que existe uma extensa rede de transmissão de conhecimento no universo rural. Mesmo com um declínio dessas redes, constatadas por vários autores já citados acima, e a redução da pressão moral da família para a continuidade da profissão de agricultor; ainda assim, a família nuclear tem um papel central na transmissão do saber lidar com a terra.

Nesse sentido, o conhecimento adquirido pelos jovens migrantes da pesquisa, constitui um saber, já demasiado relatado nesse trabalho, extremamente especializado e qualificado tecnicamente. Saberes profundamente adaptados às especificidades ambientais e territoriais da região do Jequitinhonha e muito pouco replicáveis, como disse RIBEIRO (2007). Logo, se os filhos dos agricultores continuarem a deixar a região e a praticar uma migração cada vez mais estendida no tempo, todo esse conhecimento será perdido e, mais que isso, poderá desaparecer junto com a capacidade inovadora característicos das novas gerações. Pois o que se tem percebido são estabelecimentos rurais cada vez mais esvaziados, sem a presença ativa dos filhos. Essa situação é também uma ameaça ao próprio desenvolvimento da unidade produtiva e de um saber fazer único que contribui para uma maior diversidade cultural enquanto nação.

5.3- A ESCOLA NA TRAJETÓRIA DOS JOVENS

Como disse anteriormente, falar da trajetória escolar dos jovens foi uma tarefa um pouco delicada. Comecei a perceber, já na primeira entrevista, certo constrangimento, como se os jovens tivessem deixado de cumprir uma tarefa importante posta pela vida. Como vimos, no capítulo anterior, nenhum cumpriu o

Ensino Médio¹⁶. Dos oito jovens da pesquisa, três estudaram até o antigo primário e dos quatro restantes somente um tem a 8º (oitava série), sendo que um estudou até a 6º (sexta) e os outros dois estudaram até a 5º (quinta) série. Como podemos perceber, o índice de escolaridade é bastante baixo. Segundo dados do PNAD 2008, a média de escolaridade no Brasil era de 7,2 anos, sendo de 5 (cinco) anos entre os jovens entrevistados. Porém, quando comparados aos pais, houve um aumento na escolaridade desses jovens, no entanto isto não significou uma ascensão profissional nos postos de trabalho urbano para estes, pois continuam exercendo as mesmas profissões que seus pais. Sendo assim, a compreensão dessa migração e a regularidade na ocupação dos mesmos postos de trabalho nos centros urbanos, que vêm de gerações, podem ser apreendidos a partir do capital cultural¹⁷ desses jovens migrantes, tanto em sua forma adquirida ou institucionalizada (capital dos diplomas) quanto em sua forma incorporada¹⁸, já que o pouco capital institucionalizado os tornam desqualificados para o mercado de trabalho urbano. Ainda, estudos têm constatado que a *escolarização no Brasil representou muito mais um quadro de massificação da educação, de expansão do acesso, sem que isso significasse um processo real de democratização.* (LEÃO, 2011, p.107) Porém o que vimos aqui é que a expansão não atingiu a sociedade como um todo e a escola continua sendo um acesso restrito para muitos, principalmente para os jovens rurais filhos da agricultura familiar. Mesmo considerando a diversidade do que se entende por jovens rurais, o acesso à educação escolar é muito restrita, principalmente se levarmos em conta o acesso à universidade.

Porém, o objetivo da presente pesquisa foi entender como a escola é percebida por essa parcela de jovens rurais e até que ponto ela foi importante na trajetória profissional. Não foi objeto do nosso trabalho o caráter institucional da

¹⁶ Segundo dados do IBGE (2012) 70% dos novos empregos formais, gerados no Brasil em 2010 foram ocupadas por pessoas com ensino médio completo. Sendo que 23% do PEA juvenil (16 a 29 anos) não completaram o ensino fundamental.

¹⁷ Conhecimentos e habilidades adquiridas quer na família, quer na escola, segundo Bourdieu.

¹⁸ Para Bourdieu o **capital cultural** tem três estados: o **capital incorporado**, que seria um trabalho do indivíduo sobre si mesmo, como um "cultivar-se", que se traduz num tempo investido em modos potenciais de ação. Já o estado do **capital objetivado** associa-se aos suportes materiais (escritos, obras de arte etc.). O **capital institucionalizado** são os diplomas que conferem aos seus portadores um valor constante, convencionado e garantido com relação à cultura (BOURDIEU, apud, CATANI, 1998, p, 19).

escola e, sim, das representações e significados que os jovens atribuem ao seu processo de escolarização, levando em conta a realidade sociocultural, relatada em capítulos anteriores, que os definem como ser social em suas singularidades, de pertencerem a uma situação de classe que vai ser importante na definição de suas biografias e escolhas. Sendo assim, as entrevistas realizadas sobre a importância da escola na trajetória dos jovens foram bastante reveladoras no sentido de que o ensino escolar não é prioridade num esquema de necessidades vitais. Como disse MENEZES; SILVA (2007, p. 174) *trata-se de uma relação resignada com o sistema de ensino, uma vez que se tem certeza de que, mais cedo ou mais tarde, (a escola) deverá ser substituída pelo trabalho que exige pouco estudo.* A escola representou uma série de sacrifícios para esses jovens e o tempo que permaneceram nesta parece revelador nesse sentido. No caso de parte considerável dos jovens pesquisados, a escola ficava na divisa da comunidade com o município de Berilo. Eis alguns relatos:

A escola ficava longe da comunidade, né. A gente ia a pé, quando chegava na escola já tava cansado. Tinha dia que num tinha nem água pra beber. Na época das águas era difícil chegar na escola, pois o córrego enchia e era difícil de atravessar, quantas vez nós voltava. Pai e mãe ficava morrendo de medo da gente ser levado pela correnteza (Silvio, 28 anos, 5ª série).

A gente tinha que andar quase duas horas pra chegar na escola, chegava lá não tinha água nem merenda. Depois fui estudar em Chapada, num dei conta de ficar lá não. Era muito barulho e eu ficava com saudade da roça (Hamilton, 21 anos, 8ª série).

Eu via os menino indo né, daqui onde eu estudei era mais de 1 hora a pé, lá na água limpa (Berilo). A escola era da rede estadual, nós saía daqui 6:00h e chegava lá 7:30h e ainda levava água, porque chegava lá não tinha água, eles prometiam de furar um poço, né. Estudei os 4 (quatro) anos lá e nunca bombei! (Silvio, 28 anos, 4º ano).

Formados na ética do trabalho, a escola no meio rural é concomitante com o trabalho produtivo. É imposição igualmente, das condições de existência e das

representações que as integram coerentemente num modo de vida (MARTINS, 1975, p. 85) Essa simultaneidade é, ainda hoje, muito presente nesse universo. Nesse sentido, a escola demanda muito sacrifício e um tempo da criança, do jovem e da família que, segundo Martins, é medido exclusivamente em relação ao trabalho que deixou de ser realizado. Talvez por isso aceitem os anos de reprovação e o baixo rendimento escolar, porque segundo o autor, a escola é medida pela ética do esforço, do trabalho duro e contumaz. Sendo assim, o esforço exigido pela manutenção de um filho na escola tem que ser compensado de modo imediato. Isso os faz orientar, como disse (BOURDIEU, 1998, apud, MENEZES; SILVA, 2007, p.174) pela lógica da “causalidade do provável, que os faz investir onde a probabilidade do retorno se mostra maior. Talvez isso explique um pouco o tempo curto de permanência na escola dos jovens da pesquisa. As aspirações em relação à escola são desproporcionalmente modestas porque as aspirações profissionais também o são. O tempo passado na escola de 4 (quatro) a 8 (oito) anos como relatado pelos jovens para dominar a leitura e a escrita é um tempo demasiado longo e um investimento grande da família para obtenção de tão pouco resultado. Por outro lado, por mais paradoxal que pareça, visto pela ótica dos jovens migrantes, não podemos desconsiderar que a escola teve um papel importante em suas vidas, pelo aprendizado da leitura, na medida em que mediou sua relação com a cidade e forneceu elementos para a compreensão de abstrações fundamentais da sociedade urbana, como linguagem, legislação e normas. Ter aprendido a ler, escrever e somar permite uma maior mobilidade espacial e com isso, uma maior facilidade em decifrar os códigos da cidade, além de criar independência para transitar em qualquer lugar e garantir o valor fundamental de ir e vir. Isso comprova que os sentidos e as motivações atribuídos ou esperados da escola são diferenciados e desiguais.

A leitura foi o melhor que a escola pôde oferecer, pois foi através dela que eu aprendi a andar na cidade sem depender dos outros e que pude tirar carteira de moto, agora eu posso ir pra qualquer lugar (Hamilton, 21 anos).

P: Cê falou que estudou até a 6° série, cê acha que a escola fez diferença na sua vida?

E: Eu num era muito inteligente na escola, não. Mais o que eu estudei ajudou bastante. Cê tá doido, o monte de gente que num sabe lê as coisas, é triste demais, né. A pessoa sabendo lê qualquer tanto, né, ajuda demais (Celso, 20 anos).

A escola me serviu porque foi lá que aprendi a ler. Aqui você estuda ou trabalha! (Jaime, 25 anos).

O que eu estudei já basta, né. Se eu estudasse hoje eu não tinha um veículo pra eu andar, num tinha dinheiro, num comprava roupa, não ia pra festa. Agora como eu trabalho, eu posso passear, posso ir pra festa, posso passar um tempo fora se eu quiser. A pessoa fica com dinheiro, né. Se eu fosse estudar a família não tinha como dá dinheiro. Desde que eu tinha dezesseis anos que eu falava: eu vou sair da escola pra eu trabáia (Adão, 21 anos).

Foi um adiantamento só por causa da leitura, porque eu sei lê e escrevê meu nome, né e contar dinheiro também (risos). (Silvio, 28 anos)

Podemos extrair alguns pontos da fala dos entrevistados quando se referem ao que a escola representou em suas vidas. O contato primeiro dos jovens com a escola se dá pela falta: pois a escola não tinha água, não tinha merenda, não tinha estradas em épocas de chuva e, somado a isso, a constante falta dos professores que era muito comum. Como o trabalho foi posto cedo na vida desses jovens, assim como de seus pais e avós, a escola não representou um valor e uma referência de ascensão na carreira profissional. *O trabalho, mais que a escola, é ascensão social.* (Ibidem, DURHAN, p. 96). *Daí, a depreciação* (ou falta de expectativa) *da escola se dá porque ela não constitui um instrumento de melhoria de vida, desde que não há na sociedade rural, posições favoráveis a serem ocupadas por trabalhadores escolarizados.* (Ibidem, p.116). Ainda, o prolongamento por demais na escola, o que retarda a entrada no mercado de trabalho e a possibilidade de adquirir bens, que não somente criam uma condição juvenil, mas que ajudam a construir um patrimônio que vai garantir ou facilitar o futuro. *Os jovens se veem coagidos a estudar por*

exigências sociais (reconhecimento social, acesso a alguns postos de trabalho etc.), mas sabem de antemão que o retorno do seu investimento em termos de mobilidade social não está garantido. Estudar é uma necessidade, mas não uma garantia. (LEÃO, 2011, p. 110)

Para Martins, a escola só é incorporada à sociedade agrária quando esta se integra numa teia de relações com a sociedade urbana e inclusiva através da produção de mercadorias. *A integração efetiva da escola nesse esquema de necessidade só ocorre quando o sujeito se propõe à migração para a cidade ou se envolve em relações materialmente significativas na cidade* (Ibidem, p. 96). A escola, no rural, está irremediavelmente, comprometida com concepções e valores urbanos e dominantes da sociedade capitalista.

Essa incorporação cada vez mais acentuada na economia de mercado tem um grande impacto cultural na vida desses jovens migrantes, como disse CANDIDO (1982), os jovens da pesquisa estão se desprendendo de técnicas e conhecimentos de um acervo cultural próprio, de um conhecimento ecológico, ambiental, adaptado ao meio em que vivem. Nesse processo, as culturas das cidades estão absorvendo as diversidades culturais, passadas por gerações, seja pela família e pela comunidade, desempenhando cada vez mais o papel de cultura dominante e o dinheiro vai assumindo um vulto cada vez mais poderoso na economia doméstica.

Com a hegemonia do padrão urbano nas escolas rurais e a inadequação do currículo, onde pouco ou quase nada há para qualquer abertura ao seu universo cultural; esses jovens, mais que quaisquer outros, tornam-se invisibilizados por esse padrão. Ou seja, não são considerados, desaparecem, não têm espaços como sujeitos de experiências, de conhecimentos, de pensares, valores e culturas. A escola desconhece ou não considera *que todo conhecimento é histórico, social; é humano produzido por gente. Toda ciência é uma produção de múltiplos sujeitos. Os coletivos populares também produzem ciência, tecnologias na construção de moradia, no trabalho, na sobrevivência, na agricultura familiar...* (ARROYO, 2011, p.145). Conhecimento este relatado em capítulos anteriores.

Violados em seu universo cultural, esses jovens não nutrem a menor expectativa com relação à escola em seus projetos de futuro. *Ela alimenta entre os jovens estudantes o sentimento de que seus projetos de vida têm que ser curtos, moldados na provisoriedade e na incerteza, principalmente entre os jovens com menos recursos econômicos* (LEÃO, 2011, p. 107). Quando perguntados sobre o desejo de outras profissões, o que vimos foi a escolha de profissões que não passam pelo processo formal de escolarização. *A experiência de inserção escolar frágil não lhes atende como um processo amplo de formação humana capaz de promover sua inserção social e profissional.* (Ibidem, p.107) As demandas de qualificação dão-se por profissões que exigem pouca escolaridade, tais como: pedreiro, motorista, carpinteiro.

P: Você acha que a escola poderia ter um curso profissionalizante?

E: Podia sim, pedreiro, carpinteiro que não tem. Porque se tem uns que estuda um tanto, quando eles chega lá (São Paulo) ele chega lá e tem uns muito mais avançados que ele, advogado, médico. Eu achava que tinha que ter mais curso nas escolas, porque tudo que tem tá com poucos. Porque por exemplo tem muito curso pra advogado, só aquilo ali, aí quando aparece vagas, tem mil na fila. Se tivesse outros cursos, a chance dele era outra. Igual muitos aí não tem a chance de ser advogado, se tivesse a chance de ser pedreiro carpinteiro... (José Silva, 28anos).

Até onde fui na escola ela me ajudou muito, né. A escola nunca prejudica, sempre ajuda. Quanto mais a gente estuda melhor, mas nem todo mundo que forma hoje tem emprego. Eu já trabalhei com gente formada, né. Tem uns que tavam fazendo outros curso pra entrar numa empresa, ter mais oportunidade e tava colhendo café (Hamilton, 21 anos).

Quando perguntado se queria fazer um curso profissionalizante formal: *depende, né! Mais eu não posso fazer, eu não posso estudar eu tenho que trabalhar. Agora se pudesse seria pedreiro, cê pode fazer em qualquer lugar e além do mais é a profissão que tá mais saindo no lugar e não precisa de estudo (Jaime, 25 anos).*

P: Tem alguma profissão que você gostaria de ter?E: Se eu fosse um pedreiro eu gostava, porque é uma profissão da hora, também.

P: Se você fosse pedreiro você acha que teria serviço na região?

E: Se eu fosse pedreiro eu teria trabalho aqui em Minas, eu podia sair pra fora e todo fim de semana tá em casa. Eu tô falando assim trabalho de pedreiro aqui ao redor, Araçuaí, Berilo, na região (Celso, 20 anos).

Ah, é difícil, nunca trabalhei em nenhuma profissão a não ser a cana. Se eu fosse trabalhar de pedreiro, eu ainda tenho condições (Reginaldo, 23 anos).

Além do desejo de se qualificar profissionalmente, o sonho dos jovens migrantes é conciliar uma formação que garanta uma profissão que dê maior autonomia e que possa ser exercida na região, próximo à morada construída na roça. Trabalhar por conta própria é a única garantia de ascensão social desses jovens migrantes, pois a possibilidade de obter qualificação ou ascensão profissional nas usinas da cana ou no café é quase inviável. É interessante observar que esses jovens têm uma grande percepção do mercado de trabalho e percebem que anos de estudos não são garantia de sucesso profissional. São extremamente realistas em suas escolhas profissionais. As profissões desejadas pelos jovens, não somente fazem parte dos leques mais próximos de sua realidade, mas são profissões que permitem ser o próprio patrão, como pedreiro, marceneiro, ou representa uma posição intermediária, como motorista, pois esta lhe permite passar de assalariado a trabalhador por conta própria. Como motorista se vê livre da supervisão contínua das tarefas que é característico do trabalho no corte de cana. Além disso, é uma profissão de *status* no meio rural e compatível com a escolaridade dos jovens.

Eu tenho arrependimento, se eu fosse uma pessoa que pudesse, até hoje se eu arrumasse um emprego ou tiver na idade eu vou voltar a estudar. Esse ano mesmo eu fiz até um curso de soldador. - Mesmo na cana? - Fiquei três meses fazendo o curso, tá até aí o “significado”, certificado, do curso. Só que tem muitas firmas metalúrgicas daqui que depende do estudo, do terceiro ano, e eu não tenho o terceiro ano, tenho a quarta série completa. Só que eu nem procurei emprego ainda, só que eu vou saí aí esse ano pro interior vê se eu acho (Silvio, 28anos).

A gente é da roça, viveu na roça. A gente aprendeu fazendo, então cê vê um

outro fazendo cê vai tentar fazer também (José Silva 28 anos).

Podemos perceber que as escolhas profissionais dos jovens passam muito mais por uma responsabilidade individual do que um direito e um dever que deva ser garantido pelo Estado. Esses jovens foram capacitados tanto no ofício de agricultor quanto de cortadores de cana por pais, irmãos, tios ou colegas, ou seja, a aprendizagem foi realizada diretamente na prática. O desejo de um curso profissionalizante visando um emprego melhor está, em boa parte, associada ao abandono da profissão de agricultor e a escolha por profissões que possam ser exercidas na região, implicando, também, na diminuição nos custos da reprodução. Os elementos de que dispõe a cultura tradicional são insuficientes para garantir-lhe a integração satisfatória à nova ordem das coisas, e ela é algo a ser superado se quisermos que ele incorpore em boas condições à vida. Pensar em um programa de educação seja ele qual for, sem o conhecimento dos problemas da comunidade, de suas estruturas internas de sua organização social e simbólica é fadar ao insucesso. Nesse sentido, podemos perceber que esses jovens foram duplamente sacrificados, de um lado, foram abandonados pela escola e, de outro, foram invisibilizados pelo Estado, na medida em que, não tendo conseguido ser incorporados às políticas que garantissem condições mínimas de reprodução, como agricultor familiar, esses jovens experienciam a forma mais dura da negação dos direitos, gerando desta forma sua invisibilidade na escola e no trabalho.

5.4 - OS JOVENS MIGRANTES QUE VÃO PARA O CORTE DA CANA

Mesmo sendo uma região com uma forte marca identitária como o Jequitinhonha, a juventude rural é bastante diversa. São jovens com inserções diferenciadas no acesso à terra, na atuação política, na percepção de mundo e que usam múltiplas combinações para realizar seus sonhos, dependendo do local onde se encontram.

Os jovens da presente pesquisa são filhos de agricultores familiares que, por falta de trabalho na região que assegure a sua sobrevivência e de sua família, vão para as usinas de São Paulo, Bahia, Mato Grosso, Goiás empregarem-se no corte

da cana. Vão tirar safra, como dizem na região, percorrendo os mesmos caminhos trilhados pelos pais e avôs, com percursos e inserções profissionais pouco modificadas quando comparados aos seus pais e à comunidade ao qual pertencem. Continuam como aqueles a ocuparem os postos mais precarizados do mercado de trabalho no Brasil, que exigem pouca escolaridade, quando comparados à média nacional¹⁹. Ficam com o que sobra como diz Silvio, 28 anos.

Motorista é um servicin... em vista do que a gente faz, né. Aqueles que nunca pegou no pesado, igual o que a gente fala, o pesado é o serviço da gente. Porque quem tem um estudo vão caçar serviço melhor, o que sobra a gente pega, uma vaguinha de motorista, segurança, guarda e outros de faxineiro.

Dos sete jovens entrevistados, nenhum tinha ultrapassado o Ensino Fundamental. Isto os faz ter uma inserção precoce e precária no mercado de trabalho. Como percebemos pelo relato dos jovens, todos foram para a “panha” do café, entre os 14 a 17 anos. Alguns jovens relataram ter adiantado mais que um ano na data de nascimento para ingressar no mercado de trabalho, pois, de acordo com a constituição Federal de 1988, somente jovens acima de 16 anos podem ser admitidos no regime integral de 8 horas, de acordo com a consolidação das leis do trabalho (CLT). É importante ressaltar que era muito comum na região, jovens acrescentarem de 1(um) a 3(três) anos na carteira de identidade para irem para o corte da cana, nas décadas de 1980 a 1990. Jovens franzinos que qualquer recrutador de mão de obra (antigo gato) reconheceria como menores de idade.

¹⁹ Segundo dados do IBGE (2012) 70% dos novos empregos formais, gerados no Brasil em 2010 foram ocupadas por pessoas com Ensino Médio completo. Sendo que 23% do PEA juvenil (16 a 29 anos) não completaram o ensino fundamental.

Esses jovens, mais que seus pais ou avôs, têm sido atingidos de maneira mais drástica pela migração e pelo consumo. São jovens com vínculos cada vez mais precários com a terra. Isso é revelado numa dependência cada vez maior de suprimentos vindo dos supermercados e por demandas cada vez maiores de bens de consumo (celulares, carros, motos, roupas de marca) sejam duráveis ou não. É o trabalho, a ocupação remunerada que permite a estes jovens o acesso ao mundo onde os acessos ao lazer estão cada vez mais mercantilizados. É também, pelo trabalho que eles adquirem as roupas de “marca”, tênis, óculos, moto e todos os itens que os fazem pertencer a um determinado grupo social, nesse caso marcado também por um jeito de ser e de vestir, de se apresentar ao mundo. É pelo trabalho que se viabiliza os projetos pessoais e familiares. O futuro depende do trabalho aqui e agora e para esses jovens o futuro começa bem mais cedo.

Nesse sentido, o acesso aos bens para esses jovens vai ser garantido com um aumento cada vez maior da produção no corte de cana. Pois, é unânime, na fala dos jovens, que é impossível viver da terra, a roça deixa de ser o espaço da produção. Essa afirmação é revelada nas migrações cada vez mais estendidas no tempo, que não obedecem mais ao calendário sazonal da região. Sazonalidade marcada pelo período das águas, tempo de fazer o roçado no Jequitinhonha, que vai dos meses de novembro a abril, sendo os meses seguintes de seca, de maio a novembro, época da migração para o corte da cana.

São vários os trajetos dos jovens migrantes temporários. Vão para cana, café, construção civil, em grande maioria, arregimentados por “empreiteiros”²⁰ que, de uma maneira geral, são pessoas conhecidas da própria região. Esses arregimentadores de mão de obra chegam anunciando várias vantagens para as empresas que representam, como bons alojamentos, boa comida, cesta básica, prêmios por produtividade, dentre outros. Pois o seu ganho vai depender da

²⁰ Em princípio das décadas de 1960 e 1970, a forma de contratação ocorria com a intermediação dos chamados “gatos” e seus rendimentos provinham de uma parte do trabalho dos migrantes. Mesmo com a proibição legal a este tipo de intermediação os “gatos”, hoje “empreiteiros” continuam atuando, mesmo que disfarçadamente, antecipando-se ao setor de RH (recursos humanos) das usinas. Às vezes eles próprios fazem parte dos RH das empresas e ganham pela produção dos trabalhadores que levam. Daí a seleção de jovens já serem feitas no local de origem.

quantidade e produtividade dos trabalhadores que levarem. Por isso a preferência cada vez maior por jovens, principalmente no que tange aos cortadores de cana.

Socializados no trabalho da roça, desde pequenos estes jovens tornam-se especialistas no manuseio da enxada, sendo seus corpos talhados para o serviço árduo, NOVAES (2011). Esse preparo, segundo o autor, favorece-os no manuseio do podão, tornando-os trabalhadores altamente produtivos para o serviço estafante do corte da cana. Somam-se a isso, elementos culturais que fazem da força física um sinônimo de masculinidade, que tem um forte apelo entre os mais jovens.

Ganhando por produtividade, esses jovens acionam todas as suas forças físicas, toda sua habilidade e resistência para alcançar bons níveis de produção. O que os qualifica perante os empreiteiros, gestores e empresários, o ideal para maior produtividade nas usinas. Para o corte manual da cana, ser jovem e migrante são dois atributos altamente valorizados pelos empreiteiros. Essa valorização advém da própria condição assumida pela força física na disposição para o trabalho, mas especialmente, pela representação e desejo que esse jovem tem de “ser alguém na vida” e pela consciência de aproveitar ao máximo a saúde para o trabalho porque ela é transitória.

...Mais o que a gente preocupa mais é com a forma de ganhar o pagamento, né. Tem que ter saúde boa, alimentação. A gente preocupa mais é com saúde e alimentação. Se tiver ganhando bem a gente se vira com a alimentação. Tem que ter uma boa assistência médica que a gente precisa (Silvio, 28 anos).

Acrescente-se que morando em alojamentos nas usinas e vigiados 24 horas por dia, esses jovens estão totalmente voltados para o trabalho, o que os tornam potencialmente mais produtivos (NOVAES, 2011).

Só que o modo que era lá o alojamento, eles deixavam a gente lá preso, eles num deixava a gente ir pra lugar nenhum, eu vim embora também, uai. Eu num tava na cadeia não, uai. Até os menino foi tirar habilitação eles num

deixou. Num pode uma coisa dessas. Nos outro lugar que eu trabalhei tudo, eu tive liberdade. Não, aí eu disse, eu num vou ficar num lugar desse. Lá tinha um rio, a 50M do alojamento e eles num deixava a gente nem chegar perto, num podia nem pescar. Tinha um lugar que nós passava pra ir num bar e eles colocaram arame pra gente num passar, tinha que passar pelo portão. Aí eu peguei e vim embora. A comida também era muito ruim (José Silva, 28anos).

Submetidos às novas formas de gestão e organização do trabalho, esses jovens subordinam-se à lógica da eficiência e da produtividade. São superexplorados na produção, precisam cortar, no mínimo, 10 toneladas de cana por dia, para manterem-se empregados; sendo que na década anterior, a média variava de 4 a 6 toneladas. Na safra de 2008, pagou-se pela tonelada da cana cortada em torno de R\$ 3,00. Esse preço permite uma diária de R\$ 30,00, cortando 10 toneladas de cana por dia. Daí a necessidade de intensificar o ritmo de trabalho. Esses jovens produzem, hoje, uma média de 10 a 20 toneladas-dia em condições de trabalho cada vez mais desumanizadas²¹. O ritmo de trabalho é alucinante, os trabalhadores ultrapassam os limites físicos. Os problemas de saúde, acidentes e mortes nos canaviais são recorrentes e muito presentes na fala dos jovens entrevistados.

Vixe, a gente tá aqui na lavoura é brincando, lá, na cana, a boca é quente. Eu já vi muita gente chegar lá a primeira vez e num dá conta de ficar. No corte de cana eu já vi gente morrendo assim, oh, do meu lado. Em 2007, seu Manoel mesmo, era um dia de sol quente, caiu em cima de uma touceira de cana, de braços abertos, nós segurou ele no ônibus, precisava segurar ele porque ele num guentava ficar dentro do carro de tanta falta de ar, ele num deu conta... Se a pessoa teimar muito ela, morre (José Silva, 28 anos).

²¹ Em 10 minutos o trabalhador derruba 400 quilos de cana, desfere 131 golpes de podão, faz 138 flexões de coluna, num ciclo médio de 5,6 segundos em cada ação. O trabalho é feito a temperaturas de 27° C, com muita fuligem no ar, e ao final do dia terá ingerido mais de 7,8 litros de água, em média, desferido 3792 golpes de podão e feito 3994 flexões com rotação da coluna. A carga cardiovascular é alta, acima de 40%, em momentos de pico os batimentos cardíacos chegam a 200 por minuto (NOVAES, 2009, p.121).

Os movimentos repetitivos a que estão sujeitos causam sérios problemas de saúde, como mãos inchadas, tendinites, bursites. As dores no corpo são insuportáveis, mas com elas ou sem elas é preciso fazer a produção, caso contrário há a demissão e, assim, o medo de não ser contratado para a safra do ano seguinte. “Fazendo da produtividade um desafio diário” como disse Novaes.

Outro fator é a dificuldade em calcular a produção do dia. O ganho é determinado pela metragem, pelo peso e pelo tipo da cana cortada.

Então, cada tipo de cana é um preço. O preço é por metragem (tonelada não é o cálculo feito por eles). *No final do dia você já tem uma base de quanto tá ganhando. A cana leve fica no ponto de cortar mais é pequena é fraca, outras, já ficam muito forte. A gente vai mais pelo peso da cana, pelo preço né. Às vezes cê corta muita cana e na hora do peso é pouco porque a cana é leve. Quem trabalha no corte de cana já tem o olhar apurado pra saber quanto tirou no final do dia* (Hamilton, 23 anos).

P: *Quantas toneladas de cana você corta por dia?*

E: *Não adianta nem perguntar que eu não vou saber te responder.*

P: *Como você faz a medição?*

E: *Lá é por metro. Dá pra tirar 250 a 300 metros, mais vai depender da cana. Tem umas que é mais pesada, outras são mais leves, fina, a cana branca por exemplo. A leve fica retinha, a deitada que enraíza no chão fica mais pesada pra cortar. A cana 1842 é mais leve* (Adão, 21 anos).

É um cálculo complexo, cheio de variáveis, às vezes difícil de ser entendido pelos trabalhadores que estão habituados à lógica econômica do roçado e do trabalho na terra. Na cana tudo é diferente. No ar, sempre paira a suspeita de roubo nas medições, porém a reclamação pode implicar em advertências, “ganchos” e demissões” (NOVAES, 2009, p.121). Esses sentimentos ficam mais aterrorizantes

quando se anuncia o fim do corte manual da cana²². Mesmo que em seus depoimentos os jovens digam que sempre terá trabalhador cortando cana, pela existência de lugares inacessíveis à entrada das máquinas, como em topos de morro e áreas mais arenosas.

P: Como você vê a substituição do trabalho do cortador de cana pelas máquinas?

E: Tem máquina bastante, só que o serviço do corte de cana num acaba, não. Tem lugar que a máquina num entra, precisa das pessoas, tem muito brejo fora daqui que máquina num vai lá, tem que levar o cortador de cana. Às vezes pode diminuir, se eles levava 500 peão passa a levar 250, pode diminuir, mas acaba com o corte nos braços eles num acaba não. Então pode diminuir em algumas usinas, mais tem muita usina no Brasil (Celso, 20 anos).

Eles falam que vão perder tempo para ensinar, “*num sei o quê... e no outro ano eles vai pra outro lugar*”. Olha, às vezes eles contratam 400 (quatrocentas) pessoas, fica dois mês eles demite 200 (duzentos) pra substituir por máquina (José Luiz, 28 anos).

Porém, já não é rara a chegada de ônibus ao Jequitinhonha trazendo de volta jovens “descartados” antes do término da safra, por não cumprir as metas de produtividade determinadas pelas usinas, por problemas de saúde, ou mesmo pela compra de uma nova colheitadeira. A redução de empregos no corte manual da cana vai afetar diretamente esses jovens, pois é o fim de um nicho de mercado, como disse Novaes, que absorve jovens com pouca escolaridade. Guanais, em estudo com os jovens trabalhadores do corte de cana no interior de São Paulo relata a nova condição advinda com a mecanização:

²² Porém, o estudo do perfil das usinas mostra que a área de colheita manual no país hoje é de 75,7%. São Paulo, com o maior índice de mecanização do Brasil, abrange 67,2% de colheita manual. Na região Norte e Nordeste do país, 97,4% dos canaviais têm colheita manual. Isto mostra que a mecanização preconizada para 2014 está longe de se realizar (NOVAES, 2005, p.113).

“...não podemos deixar de dizer que as chances de “qualificação” e de “reciclagem” dessa força de trabalho descartada pela introdução das máquinas não são acessíveis a todos. Apesar de já existirem algumas iniciativas no estado de São Paulo voltadas para a “qualificação” de cortadores de cana – tais como os cursos de tratoristas e operadores de máquinas que são oferecidos em vários municípios de destino dos trabalhadores por iniciativas de sindicatos usinas e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) -, são poucos os trabalhadores que têm a oportunidade de fazer parte delas.... Pois, além de exigirem certo nível de escolaridade muitas vezes inacessível à maioria dos trabalhadores rurais – são realizados durante o horário de trabalho dos cortadores de cana. Para que possam frequentá-los é preciso abrir mão de seu trabalho nas usinas (GUANAIS, 2013, p.64).

Para se adequar a nova realidade alguns movimentos para outras frentes de trabalho já se fazem presentes na região, como é o caso de jovens que vão trabalhar com gessos em Belo Horizonte e São Paulo, jovens que vão vender cangas nas praias do Rio Grande do Sul e sul da Bahia, ou que vão trabalhar em Angola na construção civil, fato observado na comunidade onde a pesquisa foi realizada.

Mesmo que, recentemente, os jovens rurais estejam se fazendo mais presentes nas agendas governamentais e nas organizações sindicais no Brasil, nos últimos anos, esse processo tem incorporado mais os jovens ligados ao movimento social, com destaque para os jovens do Movimento dos Sem Terra (MST). Os jovens assalariados da cana são quase invisíveis no debate, tanto na academia como no debate sobre políticas públicas pensadas para a juventude. Se a juventude rural já se ressentiu do lugar ocupado na hierarquia das demandas juvenis, podemos dizer que a juventude dos trabalhadores da cana é recorrentemente ignorada. Os impactos da invisibilidade que acomete os jovens rurais é bem retratada por DURSTON (1998, p.7) *La invisibilidad es uno de los aspectos más nefastos de La exclusión social, y a que su vez contribuye a perpetuar la exclusion.*

Se são invisíveis não são sequer considerados nas políticas públicas. São invisíveis até nos seus percursos migratórios. Pois a migração temporária, como disse MARTINS (2002, p.126), é a forma mais dramática de migração porque ela não aparece nem nas estatísticas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), pois para este, migrantes são aqueles que nascem em um município e moram em outro. Desconhecendo-se, assim, a realidade de uma grande população de jovens rurais, tanto na origem, como no destino. Neste sentido, são duplamente invisibilizados.

São vidas marcadas pela precariedade de direitos. Começaram a trabalhar cedo e estudaram em escolas públicas precárias que desvalorizam os seus saberes porque os desconhecem. Não detêm o capital cultural “legitimado”, altamente valorizado das classes médias²³, tampouco o tempo livre dessas classes para incorporar qualquer forma de conhecimento, seja ele, técnico, científico ou outro. Essa falta é compensada com extraordinário esforço pessoal e aceitação de todo tipo de exploração. *Já na cana dependendo Cê tira até R\$ 1.000,00, mil e pouco. Tem uns que já tira mais mió, tira R\$2.000,00, dois mil e pouco, esforça mais, né. A gente segura mode não esperdiçar porque o trabalho é difícil, perigoso e cansado, se quiser adquirir alguma coisa...!* (Reginaldo, 23 anos); *“tem que tá movimentando o corpo, é coluna, braço. É os braços direto, tem muita gente que dá jeitura nos braços, nos ossos, desgaste. O movimento é muito, né, e é disso que a gente tem que sobreviver tudo. Estraga muito o corpo dele.”* (Silvio, 28 anos) Isso talvez explique a capacidade de trabalho destes jovens, muitas vezes superando o próprio limite do corpo. Como disse Souza, fazem parte do que ele chamou, com muita propriedade, de batalhadores²⁴ brasileiros. Enfrentam corajosamente as condições

²³ A classe média é uma das classes dominantes em sociedades modernas como a brasileira porque é constituída pelo acesso privilegiado a um recurso escasso de extrema importância: o capital cultural nas suas mais diversas formas. Seja sob a forma de capital cultural técnico, como na “tropa de choque” do capital (advogados, engenheiros, administradores, economistas etc.), sejam pelo capital cultural literário dos professores, jornalistas, publicitários etc., esse tipo de conhecimento é fundamental para a reprodução e legitimação tanto do mercado quanto do Estado. (Folha de São Paulo, 13/02/2011. SOUZA. JESSÉ em entrevista concedida a Uirá Machado)

²⁴ O título do livro foi uma homenagem à luta cotidiana e silenciosa desses brasileiros. Este termo "batalhadores" sinaliza o fato de que o que perfaz o cotidiano dessas pessoas é a necessidade de "matar um leão por dia" como forma de vida de toda uma classe social que tem que lutar diariamente contra o peso da própria origem (Souza, 2010).

adversas e muitas vezes cruéis do mercado de trabalho. *Quando tá querendo construir alguma coisa esforça mais. Enquanto tá aguentando trabalhar, porque depois que ficar mais velho, mesmo que a pessoa num esteja numa idade avançada, dependendo do trabalho que ele realizou pra trás, ele não agüenta mais. Olha o meu pai.* (José Silva, 28 anos) O sonho de construir um patrimônio e garantir um futuro, que sabem não tardará a chegar se continuarem no trabalho braçal da cana faz com que produzam muito, comprometendo inclusive a saúde. Isso faz com que o patrimônio construído na origem seja fruto do aumento cada vez maior e desumano da produtividade sem limite, até a exaustão, de um serviço duro, desvalorizado e pesado não da melhoria das condições de trabalho, de salários e de qualificação profissional, desejo maior dos jovens.

Corte e cana pra mim não é profissão. Ali cê num tá trazendo nada, cê só tá gastando sua energia, gastando sua coluna. Profissão é ocê aprender pra trabalhar em qualquer lugar. Assim, é melhor pra gente trabalhar especializado, né. Igual a gente aqui, a gente aqui não tem profissão nenhuma! (Silvio, 28 anos).

Como relatou MARINHO (201, p.102), o “*corte da cana*” é representado como *uma passagem demarcada no tempo e no espaço. Num tempo renovado ou não em cada safra, e com um prazo certo para acabar, pois cada cortador, por questões de saúde e competitividade, migrará no máximo até os 40 anos de idade.* Mesmo que os jovens se autoidentifiquem como cortadores de cana é sempre uma definição provisória, que pode mudar no ano seguinte. O desejo de mudar de profissão é sempre o sonho. Mesmo que a realidade mostre o contrário e o fatalismo se faça presente. *Vou ficar igual meus irmãos, andando pra lá e pra cá. Voltando todo final de ano* (Adão, 21 anos).

Mas, enquanto esse futuro não chega, os jovens migrantes do Jequitinhonha vão tecendo sonhos e realizando desejos com os recursos adquiridos no trabalho árduo dos canaviais. Desejos, estes, realizados em parte pela compra de uma moto ou até de um carro, que amplia a mobilidade e diminui as distâncias entre a roça e a

cidade. Pela tentativa de investimento na terra feito por José Silva, onde, mesmo contrariando todas as adversidades, realiza a construção de um tanque de criação de peixe para incrementar a produção. Pelas construções de casas e junto a elas os desejos, sempre presentes, de um dia quem sabe, o retorno definitivo, de achar um trabalho perto ou nos arredores, ou quem sabe, ainda, depois de longos anos de trabalho entre a roça e a cidade, um “aposento” que garanta uma renda mensal e, “se Deus permitir”, saúde para fazer uma rocinha, mesmo que pequena, para renovar o saber da lida da terra nunca esquecido. Morar perto de quem se pode olhar nos olhos e percorrer as estradas de chão batido das comunidades sem medo, com a certeza de que o próximo encontro será com um conhecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partilhar com os jovens suas trajetórias foi uma experiência bastante reveladora e desafiadora. Reveladora porque se percebe que, mesmo diante de tantas adversidades impostas pela vida, eles não perderam a capacidade de sonhar. Desafiadora porque tive de ampliar a minha escuta e me despir de vários conceitos e preconceitos, e enxergar um pouco além das determinações meramente estruturais. Dar conta dos sonhos que não passam, necessariamente, pela permanência na terra enquanto produtores rurais. Este, talvez, seja o grande peso e responsabilidade que a literatura sociológica atribuiu a esses jovens. De um lado, são os responsáveis pela continuidade da unidade de produção familiar; por outro, são os responsáveis pelo esvaziamento do rural e dos sentidos atribuídos a ele. Isso talvez explique um pouco as políticas públicas, mesmo que parcas, pensadas para essa população. Pois, percebem os jovens do campo somente no âmbito da produção agropecuária, não levando em consideração outras aspirações.

Soma-se a isso, como diz OLIVEIRA (2011), que no discurso hegemônico, o migrante é um problema potencial pesando sobre ele a marca de preconceitos históricos que o coloca como bode expiatório da intensificação dos problemas urbanos e, também, nas regiões de origem. Tentar compreender os sentidos atribuídos à migração pelos jovens foi uma das questões da pesquisa. Tentar perceber os sujeitos nos seus desejos para além do peso de suas origens e entender as suas reflexões dos caminhos trilhados.

Ao narrarem suas trajetórias, percebemos que esses jovens vão em busca de uma melhoria em suas condições de vida e que essa melhora é muito difícil na realidade do local de origem. Acrescente a isso, o fato de saírem de suas comunidades em condições desiguais de escolaridade, se comparados aos jovens urbanos e à média nacional, para competir por uma vaga no mercado de trabalho nas grandes cidades. Pois, como citado anteriormente, 70% (setenta) dos empregos ofertados no Brasil exigem o Ensino Médio, daí se submeterem a serviços mais

precários que demandam pouca escolaridade. A escola não contribuiu para melhorar a inserção no mercado de trabalho desses jovens, continuam exercendo as mesmas profissões que seus pais, irmãos e avôs que, assim como eles, em sua grande maioria, não ultrapassaram o ensino fundamental. A democratização do ensino não atingiu as áreas rurais. A escola não faz parte do universo cultural desses jovens. Outro fator é terem começado a trabalhar muito cedo, sendo dois deles com 14 (quatorze) anos. Executam trabalhos estafantes que demandam tempos longos fora da região, impossíveis de serem conciliados com a escola, inclusive com o calendário escolar. O retorno à escola como condição a uma profissionalização é praticamente inexistente na fala dos jovens e, em nenhum momento, passa por uma reivindicação de uma política pública de responsabilidade do Estado, antes é uma responsabilidade individual. As demandas por cursos como de pedreiro, motorista, soldador são profissões que podem ser exercidas em qualquer lugar, inclusive na região de origem e exigem pouca escolaridade. Pois, o máximo que a escola ofereceu para esses jovens foi a “leitura” e a “escrita”, talvez por isso eles não tenham muitas ilusões, pois já foram frustrados uma vez. Então, é importante pensar numa política pública de qualificação desses jovens no local de origem, com bolsas de estudo, pois como mostramos em capítulo anterior, o desgaste do trabalho na cana e a pouca escolaridade, excluem esses jovens de parte considerável dos cursos de qualificação profissional.

Formados nas lides da terra não tiveram seus saberes reconhecidos pela escola. Foram socializados em duas profissões desmerecedoras de status social. Na origem, a lida na roça; no destino, a “panha” do café, a construção civil e o corte de cana, etc. Mesmo assim, permanece o sonho de morar na roça e tudo que ela simboliza: a tranquilidade, a família, os amigos e o pertencimento. A cidade para esses jovens, assim como relatado por (CARNEIRO, 2007, 1998, 2009; WANDERLEY, 2007; ABRAMO, 2007 etc. al) deixa de exercer o fascínio de outrora e a roça passa a ser valorizada por outros atributos e não mais como local exclusivo da produção agrícola. Porém, diferentemente do que disse Carneiro quando estudando os jovens de um rural do Rio de Janeiro, a pluriatividade não faz parte da realidade destes, pois moram em regiões distantes dos grandes centros urbanos,

com trabalhos escassos, sem os atributos naturais das comunidades estudadas pela autora, que facilitaria, por exemplo, a exploração do turismo ou outras atividades afins. Mas existe, sim, o sonho de poder exercer outras atividades, que não exclusivamente a lavoura, perto do local de morada. Conciliar o melhor dos dois mundos como disse WANDERLEY (2007). Morar na roça e trabalhar nos arredores.

Mas, enquanto este mundo não chega, os jovens vão dispendo do recurso que têm em mãos, qual seja, a migração, mesmo que para fugir das restrições locais. Pois, é através dela que os jovens realizam os seus sonhos e vão firmando patrimônio. Dos jovens entrevistados, somente dois não tinham casa e todos eram proprietários de uma moto. Mais que quaisquer outros, esses jovens têm pressa, pois precisam garantir o máximo de bens no menor tempo possível, por saberem de antemão que a profissão a qual exercem tem um tempo curto, já que demanda muito de sua força e de sua saúde e quanto mais produzirem, maiores serão os ganhos. Essa é a lógica perversa do trabalho por produção. Talvez isso explique a rapidez com que constroem casa, adquirem terreno, compram carro ou moto. Pois as comunidades estão repletas de trabalhadores ainda jovens que não conseguem mais serviços em função da exaustão no corte de cana. Como disse Pereira (2011), são trabalhadores que foram privados de executarem movimentos básicos em suas próprias casas, como acender um fogo, varrer um quintal, porque não conseguem mais se abaixarem por problemas de coluna.

O trabalho na cana viabiliza, também, mesmo que num preço muito alto, o pertencimento a uma juventude. As roupas, tão importantes como expressão da identidade juvenil, também fazem parte do universo desses jovens. Mesmo que, marcados muitas vezes por diferenças culturais, regionais, religiosas, ideológicas e condições socioeconômicas desiguais existe uma disposição geral de viver a juventude. (ABRAMO, 2007; CARNEIRO 2007). Fato confirmado nos símbolos juvenis: nos bonés, nos tênis, nas bermudas, nos piercings e brincos dos entrevistados.

Porém, cabe ao Estado um maior conhecimento da realidade dessa juventude rural. Que possa conferir a esses jovens o poder de almejar outras atividades e que os profissionalize para um mercado de trabalho menos excludente, mais qualificado e humanizado. Desde fins da década de 50 (cinquenta) que CANDIDO e DURHAN, já falavam do fim do regime de autossuficiência da agricultura familiar. Por outro lado, é também responsabilidade do Estado garantir condições para os jovens que desejem permanecer na terra, pois podemos perceber que quando se pode tirar renda da terra, como citado anteriormente, a terra passa a ser um atrativo. Segundo dados do MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), somente um agricultor conseguiu acessar o PRONAF jovem no Estado de Minas Gerais no ano de 2011. É muito difícil, quase impossível, para os jovens conseguirem acessar recursos públicos.

Sendo assim, se tornam duplamente invisibilizados pelo Estado, tanto como agricultores na origem, como cortadores de cana no destino. Como disse DURSTON (1998), uma invisibilidade que nega a existência do outro. Isto implica na negação de direitos básicos, neste caso, a negação do próprio direito ao reconhecimento e à identidade. Não podemos falar em acesso às oportunidades, em democratização do ensino, em trabalho decente, em reforma agrária enquanto essa parcela, significativa, de jovens rurais for excluída desses direitos básicos. Qualquer política que se queira democrática tem que partir da escuta e da realidade desses jovens. Que o jovem que deseje permanecer na terra, faça-o com condições dignas de sobrevivência, sob pena de continuarem sendo estranhos no próprio país.

Mesmo com a crítica de alguns autores (CARNEIRO, 2007; BRUMER, 2007; WANDERLEY, 2007) ao peso analítico que se tem dado a temática do trabalho quando se discute juventude, em detrimento de outras dimensões, não há como negar que este permeia a vida desses jovens desde criança, primeiro como aprendizagem na lida da roça, junto ao pai e à família, depois o trabalho fichado e com salário, como eles dizem.

Migram em busca de trabalho remunerado. A migração como um dos recursos de reprodução, na origem, da condição camponesa está cada vez mais

fragilizada nessa nova geração. A migração deixa de ser um componente importante de capitalização para potencializar a produção agropecuária e passa a ser o único recurso disponível para adquirir bens necessários à sobrevivência. Soma-se ao fechamento das fronteiras agrícolas, à redução e ao enfraquecimento da terra em migrações cada vez mais estendidas no tempo.

Dentro dessa realidade, corremos o risco de perder o grande potencial dessa juventude rural, pois, dominam um saber exclusivo de sua condição de classe. Saber esse que não reconhecido tenderá a ser perdido, já que sua replicação é condição de um lugar específico. Um conhecimento que teria muito a contribuir dentro da homogeneidade do pensamento acadêmico e dominante. Pois, o nosso grande diferencial é a diversidade e o não reconhecimento deste potencial nos empobrece enquanto nação. Valorizar esses jovens no que eles têm de mais singular, pois além de deter um conhecimento secular, são valentes, inquietos, batalhadores e carregam sonhos possíveis de realização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. (2003). *O Futuro das Regiões Rurais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS

ABRAMOVAY, Ricardo (coord). SILVESTRO, M.; CORTINA, N; BALDISSERA I. T.; FERRARI, D.; TESTA V.M. (1998). *Juventude e Agricultura familiar: desafios de novos padrões sucessórios* Edição UNESCO – Brasil – Brasília.

ARROYO, Miguel (2011). *CURRÍCULO, território em disputa*. Petrópolis: Editora Vozes. (2ª Ed.).

AUDIÊNCIA PÚBLICA (2011). *1º reunião conjunta da Comissão do Trabalho, da Previdência e Ação Social e Participação Popular*. Araçuaí, 30/05/2011. Notas taquigráficas. P. 01-101.

AUGUSTO, Maria Alice Oliva (2005). Retomada de um legado: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. *Tempo Social*. V.17, nº 2. São Paulo.

BOURDIEU, Pierre (1983). A “juventude” é apenas uma palavra. In: BOURDIEU Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112 – 121.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (1983) *O Ardil da Ordem*. São Paulo: Ed: Papyrus. Capítulo I – Saber de classe e Educação popular. P. 01 - 40.

BRUMER, Anita (2007). A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. . In.: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná (orgs) *Juventude Rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: cpda/URRJ – nead – Mauas X. P.183 a 196. P.35 - 51.

CANDIDO, Antonio. (1975) *Os parceiros do rio bonito*. São Paulo: Livraria duas cidades. (3º ed.).

CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná (orgs.). (2007). Juventudes e novas mentalidades no cenário rural. *Juventude Rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: cpda/URRJ – nead – Mauas X.

CARNEIRO, Maria José. (1998) *Mundo Rural e política: ensaios interdisciplinares*. In.: Silva, F. C. T ET.al (orgs.) O Ideal Rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. Rio de Janeiro: Campus.

CARNEIRO, Maria José. (1998). *Ruralidade: novas identidades em construção*. *Estudos Sociedade e Agricultura*. Rio de Janeiro: CPDA/UFRJ, n° 8.

CARNEIRO, Maria José. (2009). In.: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo (orgs.) *Retratos da Juventude: análise de uma pesquisa social*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania.

CASAL, Aires de. (1945) *Corografia Brasílica*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Inst. Nac. do livro, t.1 – p. 693 – 698.

CATANI, Denise Barbara (2003) A educação como ela é. In.: Bourdieu pensa a educação. A escola e a miséria do mundo. Revista EDUCAÇÃO, Biblioteca do professor - n° 5. São Paulo: Ed Segmento.

CORROCHANO, Maria Carla (2010) O de construção da Agenda Nacional do Trabalho Decente para a juventude no Brasil – questões para o diálogo. São Paulo: *Seminário Políticas Públicas*.

DAYRELL Juarez. (2007) A Escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Campinas: *Educação e Sociedade* - vol. 28, n. 100 - p. 1105-1128, out. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>

DEMO Pedro. (1987). *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Editora Atlas.

DURHAM, Eunice. (1983) *A Caminho da Cidade*. São Paulo: Perspectiva.

DURSTON John. (1998) *Juventud Y Desarrollo Rural: marco conceptual y contextual Serie políticas sociales nº 28*, Comisión Económica para América Latina y El Caribe. Santiago, Chile.

FUNDAÇÃO João Pinheiro. (1998) *Atlas dos Monumentos Históricos e Artísticos de Minas Gerais*. Circuito do Diamante III. Minas Novas e Área Adjacente. Fundação João Pinheiro. S/P. p.350 a 354, p.425 a 440

GALIZONE, Flávia Maria. (2007) *A terra Construída: Família, Trabalho e Ambiente no Alto Jequitinhonha, Minas Gerais*. Fortaleza: série Banco do Nordeste do Brasil (BNB) Teses e Dissertações N° 10.

GALIZONE, Flávia Maria. (2007). *A Terra em movimento. In: Feiras do Jequitinhonha: mercados, cultura e trabalho de famílias rurais no semiárido de Minas Gerais*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil.

GRAZIANO, Eduardo; GRAZIANO Neto, Francisco. (1983) *As condições da reprodução camponesa no Vale do Jequitinhonha*. Perspectivas. São Paulo, n.6, p.85-100.

GUANAIS, Juliana Biondi. (2010) *No eito da cana, a quadra é fechada: estratégias de dominação e resistência entre patrões e cortadores de cana em Cosmópolis/SP. Dissertação de mestrado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade de Campinas*.

KOSTCHO, Ricardo. (1977) *O Progresso Chegando ao Vale da Fome*, Jornal O Estado de São Paulo p.01 a 57.

LEÃO, Geraldo. (2011) Entre sonhos e projetos de jovens, a escola. *In.*: Dayrell Juarez, Moreira Maria Ignez, Stengel Márcia (org.). *Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades*. Belo Horizonte: Editora PUCMINAS.

MARINHO, Marilda; COVER, Maciel. (2012) *Alojamento de trabalhadores migrantes em usinas de cana de açúcar*. espaço social de dominação e resistência. Porto Alegre: Iluminuras, v.13, n.30, p.85-103.

MARTINS, José Souza. (1975) *Capitalismo e Tradicionalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora. Cap. VII.

MARTINS, José Souza. (1986) *Não há terra para plantar neste verão*. Rio de Janeiro: Editora Vozes. Cap. II.

MARTINS, José Souza. (1991) *Migrantes temporários peregrinos da resistência*. São Paulo: Editor: SPM – Serviço Pastoral do Migrante.

MARTINS, José Souza. (2012) *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Editora Contexto

MARTINS, José Souza. (2002) *A SOCIEDADE vista do ABISMO*. Petrópolis- RJ: Editora Vozes

MATTOS. R J.C. (1979) *Corografia Histórica da Província de Minas Gerais (1837)* Vol.1, Belo Horizonte; Arquivo Público Mineiro.

MAZZOTTI, Alda J. Alves; GEWANDSZNAJDER Fernando. (1998) *O Método nas ciências Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa*. Ed. Thompson, p. 5-202, SP.

NOGUEIRA, Maria das D. Pimentel. (2013) VALE DO JEQUITINHONHA: Ocupação e Trabalho. Belo Horizonte: PROEX UFMG. Programa Pólo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha.

NOVAES, José Roberto Pereira. (2009) *Trabalho nos canaviais os jovens entre a enxada e o facão*. IFCH- UNICAMP - SP: Ruris vol. 3, número 1 março de 2009.

OLIVEIRA JÚNIOR, Otacílio. (2011) Migração Juvenil, Um Estudo Sobre as Trajetórias de Jovens Rurais - *Dissertação (mestrado)* – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais.

QUEIROZ, Vivian dos Santos. (2011) *Migração de Retorno, Diferenciais de Salários e Autosseleção Fortaleza*: série Banco do Nordeste do Brasil (BNB) Teses e Dissertações N° 27.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães. (1996) *Lembranças da Terra*: Histórias do Mucuri e Jequitinhonha. Contagem. MG: CEDEFS.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães (Org.). (2007) *Feiras do Jequitinhonha: mercados, cultura e trabalho de famílias o semiárido de Minas Gerais*. Fortaleza: Coleção BNB Projetos Sociais N° 01.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães. Sucessão na Agricultura familiar: um Estudo de caso sobre o destino dos jovens do Alto Jequitinhonha, MG. *XVI Encontro Nacional e Estudos populacionais*. Caxambu, M.G, Set, 2008.

ROSAS, Eduardo Nunes Leite. (2007). Do campo para a cidade: saindo para ficar. *In: CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná (orgs.). Juventude Rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: cpda/URRJ – nead – Mauas X. P.183 - 196.

SAINT - HILAIRE, August. (1975) *Viagem Pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: editora da Universidade de São Paulo – Livraria Itatiaia Editora LTDA.

Serviço Pastoral do Migrante. (2013). *Cartilha preparatória dos missionários da missão do Migrante* – Pastoral do Migrante, Araçuaí – M.G.

Serviço Pastoral do Migrante. (2008) *Agro combustíveis, solução? A vida por um fio no eito dos canaviais*. São Paulo; SPM.

SILVA, Marcelo Saturnino; MENEZES Marilda (2007). Entre o bagaço da cana e a doçura do mel: migrações e identidades da juventude rural. . *In.:* CARNEIRO, Maria José e CASTRO, Elisa Guaraná (orgs.) *Juventude Rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: cpda/URRJ – nead – Mauas X. P. 167 - 181.

SILVA. Maria Aparecida Moura. (1999) *Errantes do Fim do Século*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.

SOUZA, João Valdir e HENRIQUE, Márcio Simeone (Orgs.) (2010) *Vale do Jequitinhonha: Formação Histórica, Populações e Movimentos*. Belo Horizonte: PROEX UFMG. Programa Pólo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha.

SOUZA, João Valdir e NOGUEIRA. Dores Pimentel (Orgs.). (2011) *Vale do Jequitinhonha: Desenvolvimento e Sustentabilidade*. Belo Horizonte: PROEX UFMG. Programa Pólo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha.

SOUZA. JESSÉ. (2010) *Os Batalhadores Brasileiros: Nova Classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG P. 01-57.

VELHO, Gilberto. (1999) *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de janeiro: Jorge Zahar editor.

VOTRE, Sebastião José (Org.). (1998) *As Regras do Jogo e o Jogo das Regras*. Representação social do esporte e da atividade física: ensaios introdutórios. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/ INDESP. P. 29-51.

WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel (2007). In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná (Org.). *Juventude Rural em Perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. P.21 - 33.

WOLF, Eric. (1970) *Sociedades Camponesas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

WEISHEIMER, Nilton. (2005) *Juventudes rurais; mapa de estudos recentes*. Brasília: Nead/MDA, v. 1.

WOORTMANN, Klaas (1990). *Migração, família e campesinato*. Revista Brasileira de Estudos de População.

WOORTMANN, Klaas (1990). "Com Parente Não se Neguceia" O Campesinato Como Ordem Moral. *Anuário Antropológico n° 87*. Brasília: Editora UNB.

WOORTMANN, Klaas (1984). A Família Trabalhadora. *Anuário de Antropologia, Política e sociologia*. São Paulo: Cortez Editora/ ANPOCS.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome (fictício): Idade:.....

Escolaridade:..... Escolaridade dos pais:.....

Relação Com a terra:

- 1) Como é morar na roça pra você? Como é sua rotina ou seu dia aqui na roça? E nos finais de semana? (explorar os espaços de socialização) **Usar a técnica do relógio.**
- 2) Quais as desvantagens de morar na roça? Quais as vantagens de morar na roça? O que você mais gosta daqui?
- 3) Você trabalha na terra da sua família? Com quem você aprendeu a trabalhar na terra? O que você aprendeu com o pai e com a mãe? Caso você tivesse que assumir a roça da família você daria conta de todo o trato da terra, plantação e criação? Como se dá a relação de trabalho com o pai na roça? Ele te dá liberdade de fazer do seu jeito? **Ver se há conflitos e detalhar esse ponto.**
- 4) Você tem terra? E criação? Se sim, é de compra ou de herança? (ver se a compra da terra é um investimento ou um desejo real de morar na roça)
- 5) O trabalho na roça é um desejo de futuro? Se não, por quê?

RELAÇÃO COM A ESCOLA:

- 6) Fale um pouco como foi a escola para você? Você trabalhou durante o tempo da escola? Seus pais obrigavam você a ir à escola?

- 7) Quando você era criança o que você queria ser? A escola ajudou você na sua profissão atual? Se sim, como?
- 8) Se você pudesse voltar a estudar que curso você faria? (observar se a escola formal ou um curso profissionalizante. Onde você faria esse curso? Pagaria com recursos próprios?

MIGRAÇÃO E TRABALHO:

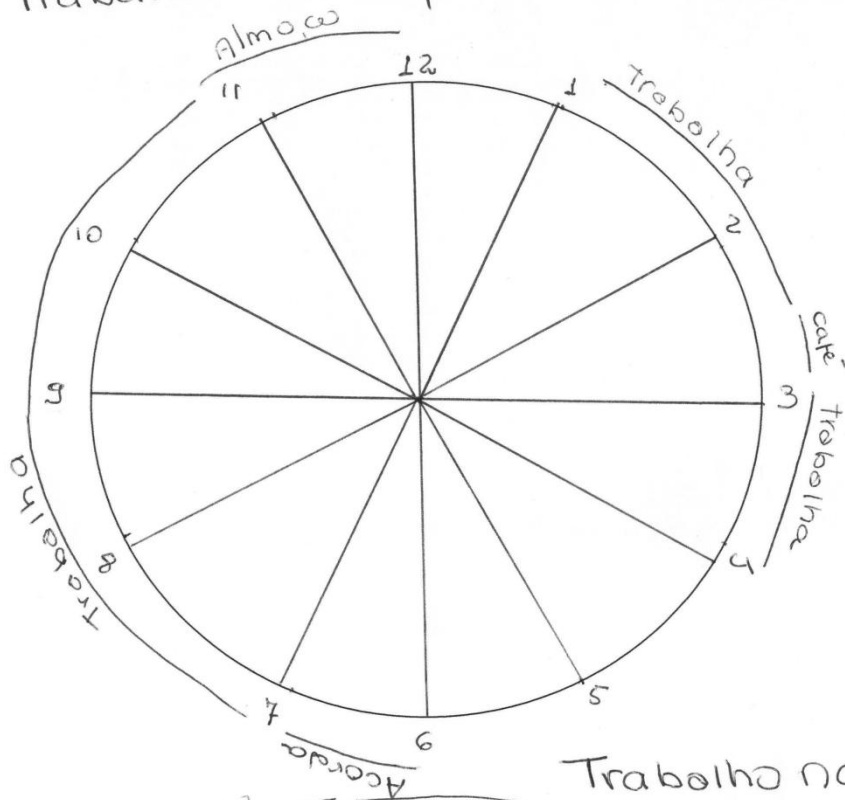
- 9) Como você tomou a decisão de migrar? Você fez outras tentativas para ficar por aqui mesmo? Você tinha vontade de cortar cana? Foi um desejo ou falta de outras oportunidades? Há quanto tempo você migra?
- 10) Você tem parentes ou vizinhos em São Paulo? Eles te ajudaram quando você tomou a decisão de migrar? Você fez amizades em São Paulo ou só convive com os amigos da região?
- 11) O que você esperava de São Paulo? Como é sua rotina em São Paulo? **Usar a técnica do relógio!**
- 12) Qual a diferença de morar em São Paulo e no Jequitinhonha? Quando está em São Paulo tem saudades do Jequitinhonha? E quando está aqui tem saudades de São Paulo?
- 13) Você gosta desse movimento de ir e vir, de percorrer trecho? Se você arrumasse um trabalho pra ganhar salário mínimo na cidade, você ficaria por aqui? Como você aprendeu a cortar cana? Você aprendeu rápido? Tinha muita “gozação” dos mais experientes com vocês? Você ficava com vergonha?
- 14) Seu pai e seu avô também cortaram cana? **Ver a repetição da profissão através das gerações.**
- 15) Qual a diferença entre o trabalho na roça e no corte de cana? Explorar bem! (mostra os relógios para eles avaliarem os dois tipos de trabalho)
- 16) O que você já adquiriu com o trabalho no corte de cana? Você acha que depois que você foi para o corte de cana o trabalho melhorou a sua vida? Você ajuda os seus pais ou não? Se sim, sempre ou de vez em quando?

- 17) Qual a diferença entre o trabalho na cana e na roça? Qual é mais difícil? Ou mais pesado?
- 18) Vocês têm direito ao seguro desemprego?
- 19) Qual a sua profissão? **Ver se agricultor ou outra. Vê se eles percebem a duplicidade de profissões ou se eles se percebem como profissionais.**
- 20) Com a mecanização do corte de cana como você imagina será daqui pra frente? Você já conhece jovens que estão deixando a cana por outro trabalho? Quais? A usina tem dispensado muitos trabalhadores?
- 21) Você tem vontade de mudar de profissão? Se sim, qual seria a profissão que você escolheria? Por quê?
- 22) O que você precisaria fazer para mudar de profissão? Dá para conciliar o trabalho no corte de cana com a escola ou um curso profissionalizante?

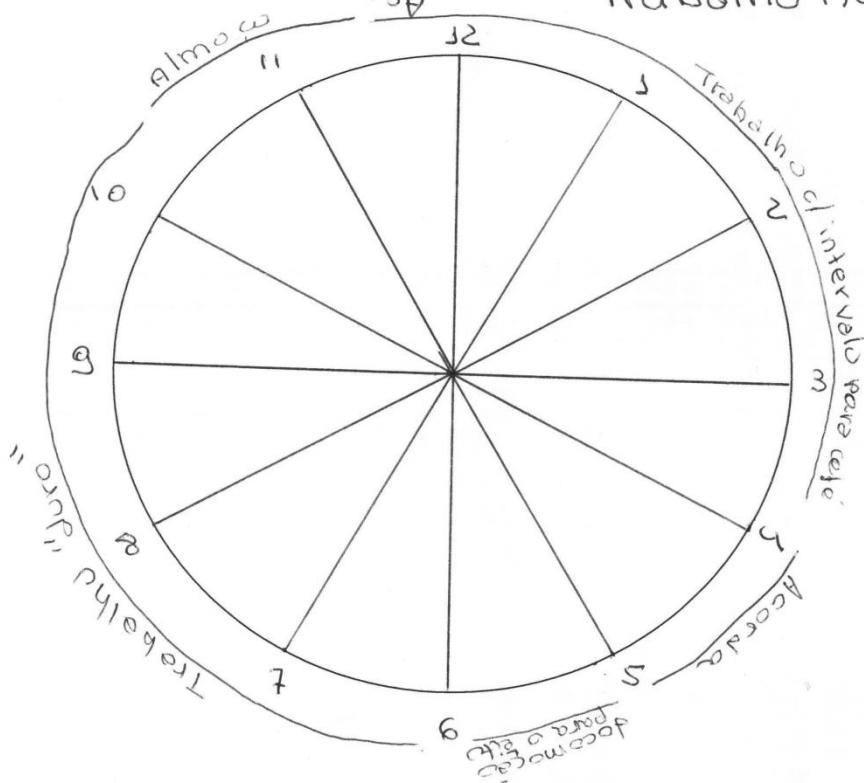
JUVENTUDES:

- 23) O que é ser jovem pra você? Você se considera jovem?
- 24) O que não pode faltar na roupa dos jovens? O que é importante para fazer parte da turma? A turma (jovens) daqui é diferente da turma de São Paulo? Vocês lançam moda quando chegam de São Paulo?
- 25) São Paulo tem muita novidade que aqui não tem? O que você trouxe de novidade de São Paulo? As meninas se encantam mais quando vocês chegam de São Paulo?
- 26) É o contrário, o que vocês levam daqui para São Paulo?
- 27) Você acha que sua vida mudou depois que começou a migrar para São Paulo? Como? Você sentiu que seu pai mudou com você depois que você foi trabalhar no corte de cana?
- 28) Você tem carro ou moto? Quanto tempo levou para comprar?

Trabalho na Roça



Trabalho na cana



Os relógios representam uma média das atividades descritas pelos jovens no trabalho na roça e na cana Cabe ressaltar que na fala dos jovens o trabalho na

roça é mais fluído e não é desempenhado com a regularidade do trabalho no corte da cana. Na fala dos jovens o trabalho na roça é comparado com liberdade quando comparado ao serviço no corte de cana.